



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**AS PRÁTICAS EDUCATIVAS FAMILIARES NO PROCESSO DE
DISTINÇÃO GERACIONAL CRIANÇA/ADULTO
(CAETITÉ-BA, 1910-1930)**

Belo Horizonte

Março de 2011

Giane Araújo Pimentel Carneiro

**AS PRÁTICAS EDUCATIVAS FAMILIARES NO PROCESSO DE DISTINÇÃO
GERACIONAL CRIANÇA/ADULTO (CAETITÉ-BA, 1910-1930)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e Inclusão social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: História da Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Maria de Oliveira Galvão.

Belo Horizonte

Março de 2011

C289p
T

Carneiro, Giane Araújo Pimentel.

As práticas educativas familiares no processo de distinção geracional criança/adulto (Caetité-BA, 1910-1930) / Giane Araújo Pimentel Carneiro. - UFMG/FaE, 2011.

146 f., enc, il.

Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora : Ana Maria de Oliveira Galvão..

Bibliografia : f. 137-143.

Anexos : f. 146.

1. Educação-- Teses. 2. Crianças -- Formação -- Teses. 3. Educação no lar -- Teses.

I. Título. II. Galvão, Ana Maria de Oliveira. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD-370.15

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG

AS PRÁTICAS EDUCATIVAS FAMILIARES NO PROCESSO DE DISTINÇÃO
GERACIONAL CRIANÇA/ADULTO (CAETITÉ-BA, 1910-1930).

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Ana Maria de Oliveira Galvão (FaE/UFMG)
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Soares de Gouvêa (FaE/UFMG)

Prof^ª. Dr^ª. Eliane Marta Teixeira Lopes (UNICOR)

Prof^ª Dr^ª Cynthia Greive Veiga (FAE/UFMG)
Suplente interna

Prof^ª Dr^ª Rosana Areal de Carvalho (ICHS/UFOP)
Suplente externa

*Dedico este trabalho a todas as crianças:
às de hoje e àquelas que fomos um dia.*

AGRADECIMENTOS

Ao findar este trabalho, ou fazer uma pausa para encerrar essa etapa do percurso de estudos e de formação, realizada em dois anos de dedicação a um projeto há tanto tempo sonhado, fica difícil registrar por escrito todas as pessoas que contribuíram para a sua concretização. Reconhecendo a impossibilidade de trazer todas elas à tona, gostaria que todas as pessoas que de uma forma ou de outra tiveram participação na sua produção, sentissem-se agraciadas com a sua realização.

Na minha lista de agradecimentos destaco com muito orgulho a minha orientadora Ana Galvão. Tens o meu sincero reconhecimento de gratidão pela orientação criteriosa, indicando as trilhas dos caminhos da pesquisa a uma aprendiz desse caminhar. Obrigada por transmitir segurança e tranquilidade, mas principalmente por me instigar o gosto e conduzir-me pela investigação histórica e pelo trabalho de arquivo. Obrigada também pela possibilidade de acompanhá-la na experiência docente, como monitora, o que muito acrescentou à minha formação profissional.

A produção do conhecimento é um ato coletivo e graças aos esforços empreendidos pelos professores da Linha de História da Educação nas aulas das diversas disciplinas cursadas, foi-me possível enveredar em reflexões imprescindíveis para o desenvolvimento do meu projeto de pesquisa. Destaco o trabalho do professor Luciano Mendes de Faria Filho e de Thaís Nívea de Lima e Fonseca. À professora Cynthia Greive Veiga agradeço especialmente pelo acolhimento, pelo parecer do meu projeto de pesquisa e pelas contribuições no momento da qualificação. À professora Maria Cristina Soares de Gouvêa, além das importantes contribuições teóricas, agradeço pela participação na banca de defesa da dissertação.

Ter a oportunidade de compartilhar os conhecimentos da professora Eliane Marta Teixeira Lopes foi muito gratificante. Iniciei os estudos sistematizados em História da Educação por meio dos seus conhecimentos. Obrigada pelas contribuições no momento da qualificação e por participar também da banca de defesa da dissertação.

A leitura atenta das colegas do grupo de orientandas e as discussões realizadas durante os encontros de orientação coletiva foram fundamentais nesse percurso de formação e na concretização do trabalho. Os diversos olhares sobre o trabalho de cada uma de nós evidenciavam as inúmeras possibilidades que poderíamos investigar e refletir sobre as nossas

questões de pesquisa. Mônica Yumi, Juliana Melo, Juliana Viegas, Gilvanice, Carol e Maria José, as colaborações de vocês foram muito significativas para o meu trabalho. Joseni, além de participar do grupo de orientandas, esteve sempre presente colaborando com as discussões sobre a pesquisa em Caetité.

Talitha, Solange, Eliana e Solyane constituem o outro grupo de “colaboradoras” em Belo Horizonte, que me acolheu e que possibilitou a vivência de relações de amizade e de constituição de laços afetivos, tão necessários para alguém que está distante de casa. Guardarei boas lembranças das nossas discussões e dos nossos encontros... Obrigada.

A Anna Donato agradeço a amizade, a força e o apoio. Obrigada também pelas sutis e sábias lições de vida.

Agradeço também a todos os colegas da Uneb de Bom Jesus da Lapa pelo incentivo, convívio e parcerias no ambiente acadêmico, especialmente a Rita Breda, Gildaite, Núbia, Maria Célia, Sofia, Fausta, Ádma, Elvina, Kleide e Cristina. A Taty agradeço ainda pela atenção em me “ouvir” na fase de elaboração do projeto e pela leitura atenta do texto final.

O trabalho desenvolvido pelas funcionárias do Arquivo Público Municipal de Caetité possibilitou o desenvolvimento da pesquisa de forma muito eficaz. Nas pessoas de Mayara, de Rosália Junqueira e do Prof. Marcos Profeta, agradeço a seriedade, a responsabilidade e a disponibilidade que vocês dedicam aos pesquisadores no Arquivo. Às companheiras de pesquisa no Arquivo, Lielva Aguiar e a Profª. Lúcia Porto, agradeço primeiramente a companhia, e em seguida as trocas de idéias, de dados e de conhecimentos sobre a história de Caetité.

À Universidade do Estado da Bahia e à Secretaria de Educação do Estado da Bahia sou imensamente grata por aprovarem o afastamento das minhas atividades profissionais para eu poder me dedicar totalmente aos estudos, durante esses dois anos.

Aos meus/minhas alunos/as agradeço a possibilidade de partilhar experiências, conhecimentos e sensibilidades, muito além do espaço físico das salas de aula.

Finalmente agradeço à minha família, esteio da minha formação, amparo seguro e aconchego. Ao meu pai (*in memória*) agradeço a força, o incentivo constante e o esforço em mostrar aos filhos o valor do conhecimento nas nossas vidas. À minha mãe, pela compreensão, presença

constante, sensibilidade e afeto. Aos meus irmãos Jânio e Hugo, às minhas irmãs Tânia e Marla e aos meus sobrinhos, obrigada por fazerem parte da minha vida.

Ao meu marido Edvaldo, obrigada por compreender as ausências e aos filhos Douri e Isabella, simplesmente por me fazerem “Mãe”, plenamente.

E a Deus, por tornar tudo isso possível.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as práticas educativas familiares vivenciadas pelas crianças em Caetité- BA com o intuito de perceber como ocorria o processo de distinção geracional entre criança/adulto, no período compreendido entre as décadas de 1910 e 1930. Nessas primeiras décadas do século XX a criança ocupou lugar de destaque nos discursos dos projetos republicanos. Para garantir o progresso e o futuro do País caberia às gerações mais velhas educar a criança. Nessas ações educativas vivenciadas pelas crianças na família, foram produzidas diferenciações entre a condição de “ser criança” e a condição de “ser adulto”? Para adentrar no cotidiano da vida privada da família e investigar essa questão utilizamo-nos das correspondências trocadas entre os membros de uma família da elite local, das inúmeras fotografias preservadas nos álbuns da família e de duas obras memorialísticas de pessoas que viveram suas infâncias em Caetité, na época em estudo. O entrecruzamento de dados foi possível ainda por meio de notícias do jornal *A Penna*, editado na cidade e em efetiva circulação no período analisado, além de documentos de outras instituições. As práticas efetivadas desde o nascimento, inicialmente em prol da manutenção da vida e da saúde, evidenciaram que foram produzidas diferenciações geracionais que ressaltavam uma condição de fragilidade e de subordinação da criança em relação ao adulto e das crianças entre si, a depender da idade, do gênero, da cor e da condição econômica da família. Também foi possível perceber as distinções entre criança/adulto na efetivação dos primeiros aprendizados, como andar, falar, brincar, rezar, até a aquisição do domínio das habilidades requeridas nas práticas de leitura e de escrita. Apesar da ampla participação da criança, com certa autonomia nesses processos, ora imitando a vida adulta, ora vivenciando um universo específico produzido para a infância, verificamos que havia um processo de distinção geracional adulto/criança em curso e que muito esforço era empreendido na preparação para a vida adulta, principalmente entre as crianças das famílias de elite.

Palavras-chave: Criança. Práticas educativas familiares. Distinção geracional. História da infância.

ABSTRACT

This study aimed to examine the family educational practices experienced by children in Caetité-BA in order to understand how the generational distinction happened among child/adult in the period between the 1910's and 1930's. In these first decades of the twentieth century children played a speech role in the republican project speeches to ensure the progress and future of the country it would be up to the older generation to educate the child. In these educational activities experienced by children in the family were differences produced between the condition of being "child" and the condition of being "adult"? To enter the private family daily lives and investigate this question, we had enjoyed the exchanged mails among the members of a local elite family, the numerous preserved family albums photographs and two memoirs books of people who lived their childhood in Caetité at the time of the study. The data intersection still was possible through the news from the newspaper "A Penna", published in the city and with effective circulation in those days as well as documents from other institutions the effective activities practiced since birth, initially for life and health maintenance, showed that generational differences were produced to enhance the child weakness and subordination condition in relation to adults and among other children themselves, depending on age, gender, color and the family economic status. It was also possible to notice the distinctions between child/adult in the effectiveness of early training as walking, talking, playing, praying until the acquisition required skills in reading and writing practices. Despite the child broad participation with some autonomy in these processes sometimes imitating adult life others experiencing a specific universe produced for childhood, we found that there was an adult/child generational distinction process going on and that much effort was undertaken in preparation to adulthood especially among elite children families.

Keywords: Child. Family educational practices. Generational distinction. Childhood history.

LISTA DE FIGURAS

1	Vista parcial da cidade de Caetité. s.d. [data estimada: década de 1920].	25
2	Família Teixeira. s.d. [data estimada: década de 1907]	28
3	Capa e primeira página de um álbum de fotografias da família Teixeira. s.d. [data estimada: primeira década do século XX]	36
4	Cartões de nascimentos de crianças de famílias caetiteenses. 1918; 1926.	45
5	Propaganda de Bromil com imagem de crianças publicada no jornal <i>A Penna</i> . 1916.	53
6	Propaganda de Camomilina, produto destinado às crianças, publicada no jornal <i>A Penna</i> . 1925	54
7	Crianças na faixa etária de um a dois anos. 1912; 1916; 1919.	63
8	Crianças na faixa etária de um a quatro anos. 1925; 1917; 1912.	64
9	Cartão de visitas da Superiora das religiosas do Bom Pastor com mensagem a Rogaciano Teixeira. 7/9/1922.	72
10	Criança com brinquedo. s.d. [Data estimada 1928].	79
11	Fachada da Loja Popular em Caetité. s.d. [Data estimada: início da década de 1920]	80
12	Criança com o uniforme do Tirinho de Guerra de Caetité. s.d. [Data estimada: 1916]	85
13	Banda de música “Lyra Caetiteense”. 1915	89
14	Meninos em pose com violinos. s.d. [Data aproximada: década de 1910]	92
15	Crianças com trajes da Primeira Comunhão. 1925; 1913; 1922	99
16	Rascunho de uma carta com rabiscos infantis e as vogais. 1908	109
17	Capa e folha de rosto do livro de um curso preparatório de francês. 1919	111
18	Jornal <i>O Bem-te-vi</i> . 15/10/1927.	119
19	Cartão postal de Evangelina para Edivaldo exibindo imagens de crianças. 15/03/1916.	122
20	Cartão de visitas de Ernani com mensagem para o avô. 11/11/1923	124
21	Cartão de visitas de Ernani com mensagem para a avó. s/d, [data estimada: 1923]	124
22	Cartão decorado com motivos infantis, de Ernani com mensagem para o tio. 06/08/1925	125

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. Compreendendo o objeto de pesquisa	15
1.1. A produção da distinção criança/adulto.....	15
1.2. As produções das distinções geracionais na família	18
1.3. As práticas educativas.....	19
2. Periodização da pesquisa	20
3. A criança na historiografia da História da Educação.....	23
4. Espaços e sujeitos da pesquisa.....	25
4.1. A cidade de Caetité	25
4.2. A família Teixeira.....	28
5. Caminhos e fontes da pesquisa	30
CAPÍTULO I – A PRODUÇÃO DA CRIANÇA NA FAMÍLIA: O DESPONTAR DA VIDA E SUAS INCERTEZAS	40
1.1. O nascimento das crianças: <i>tem mais um criadinho às suas ordens...</i>	42
1.2. Entre o viver e o morrer: <i>crianças robustas... cheias de vida que tanto promettem para o futuro</i>	47
1.2.1. A ‘fugaz’ vida de criança	47
1.2.2. Higiene e saúde	51
1.2.3. Alimentação	57
1.2.4. Vestimentas.....	61
1.3. A criança órfã: <i>e eu agora, com apenas onze anos de idade, encontrava-me sozinha no mundo</i>	66

CAPÍTULO II – OS PRIMEIROS APRENDIZADOS DE CRIANÇA RUMO AO MUNDO ADULTO.....	75
2.1. Primeiros passos: <i>Luiz que está muito espertinho... mas ainda não teve coragem de dar o primeiro passo.</i>	76
2.2 Brincadeiras: <i>as meninas com suas bonecas de pano...</i>	77
2.3. Contação de histórias: <i>entrei por um pé de pato, saí por um pé de pinto, manda o rei que conte cinco.</i>	85
2.4. Música: <i>com sua vozinha trêmula, começou a cantar a Marselhesa..</i>	87
2.5. Festas: <i>amanhã é dia dos anos de Edivaldo</i>	93
2.6. Religiosidade: <i>Filhinho, não descuide dos teus deveres religiosos</i>	97
CAPÍTULO III – AS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA E O PROCESSO DE DISTINÇÃO CRIANÇA/ADULTO	105
3.1. Aprendizagem da leitura e da escrita: <i>ja aprendeste o abc?</i>	106
3.2. Práticas de leitura: <i>meu Pai principalmente tinha sempre propósito de instruir-nos.</i> 112	
3.3. Práticas de escrita: <i>esta foi escripta no correr da penna....</i>	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
FONTES, REFERÊNCIAS, SITES CONSULTADOS	133
ANEXO.....	146

INTRODUÇÃO

*A influencia da família, no espírito da criança, é decisiva.(...)
Os Pais teem o dever de velar sobre os filhos, aperfeiçoando-os,
formando-lhes o caracter, vigiando a sua conducta, dirigindo os seus gostos,
preparando-os para as lutas da vida e para representarem na sociedade o
papel que lhes competir.*

*(...) É a família que fórma o coração e o espírito da criança.
Os pais devem velar, desde o berço, para que os filhos não adquiram
hábitos, que mais tarde seria difficil corrigir.(...)
Conservem se as crianças o mais crianças possível.*

Condessa de Gencé. *Tratado de civilidade e de etiqueta.*

O trecho deste Tratado¹ que recomenda *conservar as crianças o mais crianças possível* incita-nos a questionar quais seriam os aspectos específicos que caracterizariam esta condição de “ser criança”? Como as ações vivenciadas entre os pais e os filhos no cotidiano da vida familiar poderiam garantir tal condição? Haveria uma intencionalidade dos pais e demais pessoas adultas das famílias em efetivar ações que produzissem uma diferenciação entre a criança e o adulto, além dos fatores físicos e biológicos, naquele momento histórico, como propõe o Manual de civilidade da Condessa de Gencé? Como se realizava a produção dessas distinções entre as gerações? Acreditamos que por meio da análise das práticas educativas familiares vivenciadas entre seus membros poderíamos perceber com maior clareza como as distinções geracionais entre criança/adulto foram produzidas. Portanto, o objetivo deste estudo é analisar as práticas educativas familiares vivenciadas pelas crianças em Caetité- BA² com o intuito de perceber como ocorria o processo de distinção geracional entre criança/adulto, no período compreendido entre as décadas de 1910 e 1930.

O meu interesse sobre a criança e sua educação surgiu inicialmente a partir da minha experiência como docente³ na Educação Infantil. De acordo com Certeau (2006), os discursos produzidos, enquanto falam *da* história, estão sempre situados *na* história; assim o historiador fala a partir de um lugar social, de onde partem suas indagações, de forma a proporcionar uma compreensão a respeito dos aspectos de uma realidade passada. O trabalho de vários anos com

¹ De acordo com Maria Teresa Cunha (2005), desconhece-se o nome verdadeiro da autora desse tratado de etiqueta e civilidade que assina apenas com o pseudônimo de Condessa de Gencé e que tem nacionalidade francesa. Cunha encontrou uma breve referência que indica o ano de 1872 como o ano de nascimento da Condessa de Gencé, não havendo qualquer indicação sobre seu falecimento. Ainda de acordo a autora, a primeira edição desse tratado de civilidade foi publicada na França em 1895 e, em 1909, apareceu a primeira tradução em português, publicada pela Livraria Editora Guimarães & Cia., de Lisboa. O exemplar que nos serviu de fonte é a quinta edição portuguesa, s/d. e pertence ao acervo do Arquivo Público Municipal de Caetité.

² Município do sudoeste da Bahia, distante 757 km da capital do estado, reconhecido por sua história e como pólo cultural da região.

³ Iniciei minha vida profissional atuando como docente na Educação Infantil. Atualmente sou professora da Universidade do Estado da Bahia, Campus XVII, em Bom Jesus da Lapa no curso de Pedagogia e professora de História do Ensino Médio, SEC de Educação/BA, em Guanambi.

crianças nas turmas de Maternal até as Classes de Alfabetização possibilitou um contato maior com crianças, contato este que fez com que cada vez mais eu fosse me envolvendo nesse universo e quisesse compreendê-lo de forma mais ampla. Observar as crianças, as relações com seus pares, com os adultos, principalmente com seus pais, tornou-se constante. A maneira de verem o mundo e a forma como eram tratadas e vistas pelo mundo passaram a me intrigar e provocar certas angústias. Ao mesmo tempo em que a nossa sociedade parecia perceber e dar mais espaço a essa categoria geracional, vimos aumentar ou serem mais divulgados os casos de abusos, acidentes e violências contra as crianças; a maioria desses casos continua a ocorrer principalmente em casa, na vida familiar, apesar das inúmeras políticas de proteção à criança e ao adolescente.⁴

Discute-se muito sobre os direitos das crianças, sobre o nível de autonomia e o papel que possuem na sociedade atual, sobre como deve ser sua educação pela família, pela escola e pelo Estado, gerando muitas polêmicas sobre o assunto. Diante desse quadro percebemos que na nossa sociedade a infância é marcada por várias singularidades, caracterizando-a como uma fase da vida distinta da fase adulta. Destacam-se discursos que ora exaltam a autonomia da criança e um crescente autoritarismo e ora a condição de subordinação da criança em relação ao mundo adulto. Tudo isso nos leva a refletir sobre as produções das distinções entre a condição de “criança” e de “adulto” em outras épocas.

1 COMPREENDENDO O OBJETO DA PESQUISA

1.1 A produção da distinção criança/adulto

Analisar as produções das diferenciações geracionais significa antes de tudo procurar perceber a historicidade da demarcação de períodos ou fases da vida humana. Demarcar as diferentes fases da vida foi objeto de atenção das diversas sociedades humanas desde o mundo Antigo. Ariès (2006) identificou, em documentos da Idade Média, uma terminologia para designar diferentes períodos da vida que remontavam a textos do mundo antigo: infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e sanidade. Os diversos recortes que demarcavam a vida dos

⁴ Em 13 de julho de 1990, através da Lei 8069 foi instituído o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Segundo Abreu e Martinez (1997, p.32) este Estatuto é considerado “um avanço jurídico e social em relação à infância e à adolescência, por encarar a vida das crianças e jovens em sua plenitude. O estatuto legitimou a cidadania como um direito de crianças e, a sua promoção, como um dever do Estado e da sociedade.”

indivíduos foram produzidos pelas diversas culturas, construindo delimitações e rupturas no *continuum* da experiência humana (GOUVÊA, 2004b). Essas divisões das fases da vida eram estabelecidas em relação ao mundo da natureza. De acordo com Jacques Gélis (1991), predominou na Europa, durante muito tempo, uma consciência “naturalista” da vida e da passagem do tempo. A noção de tempo cíclico predominava e a criança era antes de tudo uma continuidade da linhagem familiar, em que uma geração sucedia a outra, com dependência recíproca entre elas para que o ciclo daquela família/sociedade pudesse se renovar.

Nesse imaginário da vida e do corpo, a criança era considerada um rebento do tronco comunitário, uma parte do grande corpo coletivo que, pelo engaste das gerações, transcendia o tempo. Assim, pertencia à linhagem tanto quanto aos pais (GÉLIS, 1991, p.313).

Com o advento dos novos conhecimentos sobre o mundo físico e um maior controle sobre as doenças, predominou outro imaginário sobre a vida, sobre o tempo e foi se desenvolvendo uma consciência mais segmentária e mais linear da existência. A criança passou a ser vista não mais apenas como parte de um corpo coletivo, mas como um indivíduo por si mesmo. De acordo com Jacques Gélis (1991), essa forma de pensar permite-nos compreender a importância que a criança adquiriu para os pais a partir de então. É neste ponto que a tese de Ariès (2006) traz a ideia do novo sentimento de infância que se formou entre os moralistas e educadores do século XVII, na Europa, e que inspirou toda a educação até o século XX. Veiga (2004, p.40) questiona as circunstâncias que possibilitaram a sociedade adulta perceber a criança como um outro distinto, afirmando que

o tempo da infância se afirma como uma consciência de distinção geracional por necessidades socioculturais que precisaram ser aprendidas para auferir legitimidade e reconhecimento em dado momento histórico por toda a sociedade. (...) infância na modernidade foi uma categoria de tempo inventada com base nas múltiplas experiências vivenciadas pelos diferentes grupos sociais.

A infância teria despertado o interesse dos adultos no momento em que passou a ser considerada uma fase da vida que pediria maiores cuidados e atenção específica, após o século XV. Antes disso, em especial na Idade Média, de acordo com Norbert Elias (1993) e Ariès (2006), os que se encontravam na fase da infância não recebiam tratamento diferenciado e viviam o mundo dos adultos. Ainda quando pequenas, eram acariciadas com muito mimo,

mas rapidamente eram tidas na conta dos adultos, misturando-se com o mundo dos mais velhos. No entanto, Gélis (1991) e Kuhlmann Jr. (1998), entre outros, não acreditam na indiferença medieval em relação à infância e afirmam que a criança era construída pelo amor ou pela rejeição dos pais, tendo a mãe papel protagonista na sua criação. Segundo Teysseyre (1982) e Gélis (1991),

O interesse ou a indiferença com relação à criança não são realmente a característica desse ou daquele período da história. As duas atitudes coexistem no seio de uma mesma sociedade, uma prevalecendo sobre a outra em determinado momento por motivos culturais e sociais que nem sempre é fácil distinguir. (TEYSSEYRE, 1982 *apud* GÉLIS, 1991, p.328). A indiferença medieval pela criança é uma fábula; (...). (GÉLIS, 1991, p.328).

Ao procurar demarcar períodos e classificar idades, torna-se necessário estabelecer comparações, identificar semelhanças e diferenças. Seguindo esse processo, a infância foi caracterizada como uma fase da vida em que predominavam a dependência, a falta de autoridade e de autonomia. Segundo Ariès (2006), só se saía da infância ao sair da dependência ou, ao menos, dos graus mais baixos de dependência.

Os termos utilizados para designar essa fase da vida e suas representações evidenciam essa ideia de dependência. “Infância”, segundo Freitas e Kuhlmann Jr. (2002), é a concepção ou representação que os adultos fazem sobre o período inicial da vida ou como o próprio período vivido pela criança e “criança” o sujeito real que vive essa fase da vida. Essa duplicidade de nomenclaturas traz diferentes concepções que percebemos melhor ao analisarmos suas origens etimológicas: “criança” vem de criar, criação, algo comum a todos os seres vivos, e “infância” vem de *infans*, aquele que não fala, remetendo ao aspecto cultural, ou seja, à concepção de que infância não é em si uma essência, mas um constructo histórico social, o que, na idade moderna, retrata bem a condição da dependência e subalternidade da criança em relação ao adulto.

As pesquisas atuais⁵ na área da sociologia da infância atribuem a essa condição de subalternidade da infância ao mundo dos adultos a razão pela qual esses sujeitos se encontravam ausentes das pesquisas iniciais dessa ciência. As crianças durante séculos foram consideradas como seres humanos miniaturizados que só valiam a pena estudar e cuidar pela

⁵ Ver por exemplo: Manuel Sarmiento (2008).

sua incompletude e imperfeição; seres sociais “em trânsito” para a vida adulta (SARMENTO, 2008). *As crianças não sendo consideradas como seres sociais plenos, são percebidas como estando em vias de o ser, por efeito da ação adulta sobre as novas gerações* (SARMENTO, 2008, p.20).

Considerando que a evolução do sentimento de infância e a produção das diferenciações geracionais entre adulto/criança não se manifestaram de forma linear, torna-se necessário que analisemos cada época e espaço em suas particularidades para entendermos como as produções das infâncias se processaram. De acordo com Cristina Gouvêa (2004b, p.271-272),

a consciência diferenciada da existência humana significou um deslocamento das formas tradicionais de aprendizado social. Não era mais a natureza que guiava a transformação da criança em adulto, mas uma educação racionalizada, capaz de refrear as forças dessa natureza, moldando-as ao limite da razão.

1.2 As produções das distinções geracionais na família

À consciência diferenciada da existência humana atribui-se a alteração na forma de ver e tratar a criança. Quando a criança começa a ser considerada como um ser incompleto, dependente, surgem questões, tensões e conflitos que exigem patamares mais altos de intervenção para a sua formação e alcance da condição de adulto. Essa alteração afeta principalmente a ação da família diante da transformação dos filhos pequenos em pessoas adultas. Diante desta questão é que procuraremos, nas práticas educativas que as crianças vivenciaram no seio da família, perceber como a produção da diferenciação entre criança e adulto foi sendo construída.

Segundo Ariès (2006), quando se alteram as relações internas na família com a criança, também o sentimento de família altera-se profundamente. As relações da família entre si, com o Estado e com as outras instâncias sociais ocorreram no decorrer da história de forma específica a depender do tempo e espaço. A privatização dos costumes (ELIAS, 1993) que ocorreu em um processo de longa duração (desde o século XII ao XIX) no mundo Ocidental, levou o recolhimento do homem ao espaço da vida familiar, espaço da vida privada. A casa passou a ser o local de refúgio, lugar de demonstração dos sentimentos; seus cômodos especializaram-se (ARIÈS, 2006; RANUM, 2009; PERROT, 2009), diminuíram de tamanho e possibilitaram uma intimidade maior da família, agora reduzida aos pais e filhos. Segundo

Michelle Perrot (2009), a vida privada teve seu auge no século XIX, mas persistiu sem grandes alterações até o início do século XX. No início do século XX ainda encontramos essa concepção da família moderna, recolhida no ambiente doméstico, no qual a criança ocupa seu centro. De acordo com Michelle Perrot (2009, p. 91), a família moderna

é a responsável pelo gerenciamento dos “interesses privados”, cujo bom andamento é fundamental para o vigor dos Estados e o progresso da humanidade. Cabe-lhes um sem número de funções. Elemento essencial da produção, ela assegura o funcionamento econômico e a transmissão dos patrimônios. Como célula reprodutora, ela produz as crianças e proporciona-lhes uma primeira forma de socialização. Garantia da espécie, ela zela por sua pureza e saúde. Cadinho da consciência nacional, ela transmite os valores simbólicos e a memória fundadora. É a criadora da cidadania e da civilidade.

A educação da criança torna-se uma das principais funções da família, além da transmissão dos bens e do nome. *Passou-se a admitir que a criança não estava madura para a vida, e que era preciso submetê-la a um regime especial, a uma espécie de quarentena “antes” de deixá-la unir-se aos adultos* (ARIÈS, 2006, P. 194). Norbert Elias (1994), nos estudos sobre as relações entre o indivíduo e a sociedade, afirma que quanto mais intenso e abrangente é o controle dos instintos para o desempenho das funções adultas numa sociedade, maior se torna inevitavelmente a distância entre o comportamento das crianças e dos adultos e tanto mais difícil e demorado é o processo de prepará-las para as funções adultas. Considerando essas premissas, a educação da criança passa a ter cada vez mais espaço e atenção na vida familiar.

1.3 As práticas educativas

Falar da educação da criança remete-nos a questionar sobre o que realmente estamos querendo abarcar, considerando a amplitude do conceito “educação”. Para elucidar esse debate, recorreremos ao clássico estudo de Durkheim (1978, p. 41), quando afirma que:

a educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente se destine.

O autor conclui que *a educação consiste numa socialização metódica das novas gerações* (p. 41). Essa socialização, apesar de definida como “metódica”, é um processo bastante amplo e

ocorre o tempo todo na vida das pessoas. Utilizaremos o conceito de *práticas educativas* para nos referirmos a esses processos de socialização das crianças, pois para Durkheim, *a educação é um conjunto de práticas, de modos de fazer, de costumes* (1978, p.59). As práticas educativas serão consideradas também, como propõe Roger Chartier (2002), como parte integrante das práticas culturais, que visam fazer reconhecer uma identidade social e legitimar processos.

2 PERIODIZAÇÃO DA PESQUISA

No início do século XX, o Brasil vivia as primeiras décadas da experiência republicana; um tempo complexo, marcado pelas divergências e disputas entre os vários grupos políticos e seus diferenciados projetos⁶ para o País. Entretanto, segundo Maria de Lourdes Janotti (2007), nos estudos historiográficos desse período cristalizou-se a concepção de que os acontecimentos nessa transição da Monarquia para a República ocorreram num clima de paz e consenso nacionais. Diferentes interpretações teóricas foram dadas ao período, mas nos discursos constituídos, *os conflitos e as divergências foram de tal forma racionalizados que apareceram minimizados ou rotulados de 'minúcias', enquanto os testemunhos da época apontam exatamente o contrário* (JANOTTI, 2007, p.143). A memória nacional construída sobre o período traduziu os discursos dos grupos políticos republicanos civis representados pelos cafeicultores paulistas, grupo que triunfou sobre os demais. O Partido Republicano Paulista defendia a República liberal e presidencialista, nos moldes das ideias de progresso e de modernidade.

Para Baudrillard (1989), a modernidade se impõe como uma, homogênea irradiando mundialmente a partir do Ocidente e especificando-se em todos os domínios. Ao invés de tratá-la como um constructo teórico ou como um conceito de análise, o autor prefere falar de uma “lógica da modernidade” que instaura a tradição do novo. Desde o século XVI, a ideia de modernidade é reconhecida na Europa, mas é a partir do século XIX que assumiu seu sentido pleno. Os fundamentos filosóficos e políticos da modernidade datam do século XVII e XVIII, baseados no pensamento racionalista moderno. Com o progresso contínuo das ciências e das técnicas foi introduzida na vida social dimensões de mudança e de desestruturação dos

⁶ O revisionismo historiográfico sobre o período destacou quatro principais conjuntos de explicações sobre o processo político de implantação da República: a dos militares, a dos republicanos paulistas, a dos castilhistas e a dos monarquistas. (JANOTTI, 2007, p. 131).

costumes que repercutiram no século XX, tanto na vida política, na mentalidade das pessoas, na temporalidade, quanto no domínio da cultura e dos costumes. O tempo seria considerado não mais num aspecto cíclico, mas um elemento que se desenrolaria numa linha evolutiva passado-presente-futuro. Daí a conotação da evolução sempre para algo melhor, ou seja, a perspectiva do progresso, por meio do encaminhamento da população em direção à civilidade.

Alcançar as benesses prometidas pelo progresso e pela modernidade constituiu-se como meta para a República brasileira, numa evidente preocupação com a inserção do país no rol dos modernos estados europeus. De acordo com Nicolau Sevcenko (1998a, p.14), desde a década de 1870, no Brasil, surge uma geração *comprometida com uma plataforma de modernização e atualização das estruturas “ossificadas” do Império baseando-se nas diretrizes científicas e técnicas emanadas da Europa e dos Estados Unidos*. Havia no projeto republicano uma intenção de marcar uma ruptura⁷ com o Império por meio do apagamento da memória e enaltecimento do novo período como o marco zero do País, isso em nível dos discursos, pois, segundo Baudrillard (1989, p.12), a modernidade em si apresenta um paradoxo entre mudança e tradição. Para o autor,

a dinâmica da modernidade revela-se assim, tanto no Ocidente quanto no Terceiro Mundo, ao mesmo tempo como lugar dos fatores de ruptura e solução de compromisso com os fatores da ordem e de tradição. A mobilidade que ela implica em todos os níveis não define, ainda, senão a parte da mudança tolerável pelo sistema, sem que ele seja mudado no essencial.

Mesmo considerando que as mudanças foram apenas até aonde a força da tradição permitiu, a simbologia da racionalidade e o ideal de modernidade, aliados à ideia de progresso e civilidade, tornaram-se aspectos visíveis nesse período. Maria Tereza Chaves de Mello, em estudos sobre essa questão, afirma que

em consonância com marcadas alterações sócio-econômicas, novas ideias penetraram intensamente a sociedade brasileira letrada – e talvez não só nela – a partir da década de 1870. A mais profunda mudança por elas produzida foi a de dar um conteúdo histórico à já difundida e assimilada noção de progresso, noção que, agora, extravasava o campo dos avanços materiais que, entretanto, tanto maravilhavam os contemporâneos, orgulhosos do seu

⁷ Rosa de Fátima Souza (1998), Ana Maria Magaldi e Alessandra Schueler (2009), ao estudarem a implantação da escola primária no período da Primeira República, afirmam que a historiografia republicana procurou construir uma memória apagando, silenciando e/ou desqualificando as iniciativas e práticas pedagógicas do período imperial de forma a esquecer o legado educacional do século XIX.

tempo. Valendo-nos de códigos visuais da época, alcançar o progresso exigia o embarque no trem da evolução rumo à estação “civilização”. (CHAVES DE MELLO, 2009, p.18)

“Civilizar” indicava introduzir novos hábitos e regras do bem viver. Essa preocupação em produzir posturas e hábitos de vida “modernos” implicava a elaboração de projetos condizentes com o que se propunha. Desta forma, esse período apresentou-se propício para a análise de como as práticas educativas familiares contribuíram para a produção de mais distinções entre criança/adulto. Segundo Cynthia Veiga (2004), na produção das novas identidades no mundo moderno, é construída a concepção de adulto como autoridade com função diferenciada na dinâmica geracional: civilizar as crianças, o que repercutiu intensamente no processo educativo e na produção de especificidades próprias à infância. Segundo Stephanou e Bastos (2005, p.01),

nas primeiras décadas do século XX, a criança era pensada como formoso capital humano, que deveria ser cuidado, cultivado, acompanhado, disciplinado, para que pudesse frutificar como bom cidadão do futuro. (...) Considerava-se que o avançar da idade da criança era inversamente proporcional às possibilidades de moldar seu corpo, seu espírito, sua moral.

No período republicano, os discursos científicos divulgavam a ideia de que a criança, mais especificamente a criança pobre, possuía um potencial natural para a desviância, e por isso devia ser objeto de intervenção. Para alcançar o progresso havia o obstáculo da ignorância, do atraso e da pobreza-doença que sustentou a base da política higienista. Essa ligação entre infância pobre e desviância produziu um discurso que buscou na educação das crianças, principalmente por meio das mães, minimizar práticas como o abandono, o infanticídio, a mortalidade e a criminalidade infantil. Como afirma Gouvêa (2004a, p.61), *a infância é percebida como período de fragilidade moral, durante o qual o mal pode florescer com facilidade*. Segundo Freitas (2003, p.15), *o advento da república, nesse sentido, ensejou uma revalorização da infância, uma vez que o imaginário republicano reiterava de diversas maneiras a imagem da criança como herdeira do novo regime que se instalava*.

Como essas transformações repercutiram na educação das crianças, mais especificamente no interior da vida familiar? Quais as ações educativas foram propiciadas à criança naquela época, já que se sabe que a escola brasileira no referido período abarcava apenas uma pequena parcela da população? Muitos são os estudos sobre a história das crianças, entretanto

problemas ainda em aberto, como esse em questão, podem ser melhores explicitados a partir de novas investigações.

3 A CRIANÇA NA HISTORIOGRAFIA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Na área da História da Educação, novas perspectivas sobre a pesquisa a respeito da história das crianças fazem parte da sua história recente, pois as crianças, numa constatação de historiadores da área, encontravam-se até algumas décadas atrás, entre os sujeitos “esquecidos” da História. Para Lopes e Galvão:

Alguns autores chegam a denominar as crianças os grandes mudos da história. Só se pode conhecer a história da infância através de traços indiretos, ou seja, do ponto de vista dos adultos que, nas diferentes épocas, deixaram registros sobre o que pensavam e como tratavam a infância, principalmente aqueles profissionais que se encontravam mais diretamente em contato com ela, como legisladores, pedagogos, escritores, pintores, pais, além de adultos que, escrevendo suas autobiografias e memórias, relembram a época em que foram crianças. (LOPES e GALVÃO, 2001, p.64).

Apesar dessas limitações, desde o início do século XX, no Brasil, encontramos alguns trabalhos que abordam a temática da infância.⁸ A intensificação das produções na área de História da Educação sobre o tema ocorreu a partir da década de 1980, principalmente sob a influência da publicação da obra de Philippe Ariès *História social da criança e da família* (1973). Gouvêa (2004a) afirma que o trabalho de Ariès representa uma referência estabelecida, um trabalho clássico que vem servindo de paradigma para uma série de investigações sobre a construção social da infância em diferentes culturas, momentos históricos e grupos sociais.

A implantação e a consolidação dos cursos de pós-graduação no país, nesse mesmo período, também apresentam um impacto significativo nas produções a partir de então. Vários trabalhos⁹ foram organizados em obras coletivas, com abordagens diferenciadas, por diversos pesquisadores, na tentativa de construir uma história das crianças brasileiras. Na década de

⁸ Moncorvo Filho (1926); Veríssimo de Melo (1948/1949); Gilberto Freyre ([1959]2004); Florestan Fernandes (1961).

⁹ *História da criança no Brasil* de Mary Del Priore (1991), *Olhares sobre a criança no Brasil: século XIX e XX* de Irene Rizzini (1997), *História social da infância no Brasil* de Marcos Cezar de Freitas (2003). E ainda, com um título parecido ao anterior, *História das crianças no Brasil* de Mary Del Priore (1999).

1990 temos as publicações que resgatam a história da infância sob diversas facetas, *não apenas enfrentando um passado e um presente cheio de tragédias anônimas (...) mas também a história da criança simplesmente criança, suas formas de existência quotidiana, as mutações de seus vínculos sociais e afetivos* (DEL PRIORE, 1999, p.14-15).

Os trabalhos que enfocam temáticas específicas na história da infância são mais escassos que as coletâneas. Entre eles, destacam-se os estudos de Moysés Kulhmann Jr. (1998), de Maria Luíza Marcílio (1998), de Cynthia G. Veiga e Luciano M. de F. Filho (1999), de Ana Maria de Oliveira Galvão (1998) e de Maria Cristina Soares de Gouvêa (2004a).¹⁰

Esses trabalhos evidenciam o esforço para a investigação de como a sociedade compreendeu a criança no decorrer da sua história. Trouxeram à tona discussões sobre as representações e concepções de infância construídas, inclusive na literatura, caso dos trabalhos de Ana Galvão e Cristina Gouvêa. As temáticas abordadas envolvem a educação, a higienização, o abandono, a criminalidade e as questões relacionadas à assistência que, segundo Freitas (2003), estatisticamente, são as mais densas.

A História da Educação, apesar da quantidade de produções desenvolvidas, ainda carece da busca de conhecimentos acerca de outras faces da história das crianças no Brasil, pois compreendemos educação numa perspectiva ampla, além dos muros das escolas, consubstanciada em práticas educativas no seio de todo o tecido social, inclusive na família.

Este estudo pretende contribuir para o debate trazido por essa produção existente, ao procurar dar maior visibilidade ao processo de diferenciação geracional entre crianças e adultos, de acordo com as diferenciações sociais, étnicas e de gênero. As crianças são consideradas aqui como sujeitos históricos, constituintes da rede de interdependência do tecido social. Segundo Elias (1994, p.8), *os seres humanos individuais ligam-se uns aos outros numa pluralidade, isto é numa sociedade*, compreendendo aí todas as categorias geracionais, inclusive as crianças. A presença simultânea de diversas pessoas interrelacionadas é, para ele, uma das condições fundamentais da existência humana. Afirma ainda que somente ao crescer num grupo é que a criança pequena se transforma num ser humano complexo e que a composição adulta que nela se desenvolve vai depender da estrutura do grupo em que ela cresce e, por fim, de sua posição nesse grupo e do processo formador que ela acarreta. *A historicidade de cada*

¹⁰ As duas últimas obras são as publicações da dissertação de mestrado (1994) e da tese de doutorado (1997) das respectivas autoras, defendidas na UFMG.

indivíduo, o fenômeno do crescimento até a idade adulta, é a chave para a compreensão do que é a 'sociedade' (ELIAS, 1994, p.30). A partir daí teremos novos elementos para estudar e ressignificar o lugar das crianças na nossa história. Outra relevância deste estudo é evidenciar aspectos da história da criança em nível regional, pois praticamente inexistem estudos sobre a história da criança nessa região da Bahia.

4 ESPAÇO E SUJEITOS DA PESQUISA

4.1 A cidade de Caetité

A definição da cidade de Caetité como *locus* da pesquisa justifica-se pelo significado que possui para a região e pelo discurso instituído pelo senso comum sobre o monopólio educacional que esta cidade exerceu na região em tempos passados, instigando o interesse em conhecer mais essa história a partir da perspectiva do pesquisador, ultrapassando o senso comum.

A palavra “Caetité” tem suas origens epistemológicas ligadas à língua tupi. Segundo a memorialista Helena Lima Santos (1997), a palavra é uma forma sincopada de *caa* (mata) *ita* (pedra) *eté* (grande). Recebeu esse nome porque no local onde o núcleo primitivo se instalou existe uma famosa Pedra Redonda. Caetité assim significa, grosso modo, mata da pedra grande. A cidade está situada na Serra do Espinhaço, a 825m de altitude e distante 757 km da capital do estado. Abaixo temos a vista parcial da cidade na década de 1920, aproximadamente:



Figura 1- Vista parcial da cidade de Caetité. Acervo do Arquivo Público Municipal de Caetité [autoria desconhecida, s. d.]. [Data estimada: década de 1920].

Essa cidade teve suas origens relacionadas aos caminhos do ouro, no início do século XVIII, entre a Chapada Diamantina, mais especificamente as Minas de Rio de Contas e as Minas Gerais. Nos seus primórdios, funcionava como ponto de abastecimento e descanso pelas boas condições das águas, criação de gado, cultivo de cereais e clima agradavelmente ameno em meio ao semi-árido. Em 1754, o arraial foi erigido em freguesia, por um Alvará Régio, com o nome de Sant'Anna do Caetité. Em 1810, é criada a *Villa Nova do Príncipe de Sant'Anna de Caeteté*, em homenagem a D. João VI, por Decreto de 26 de Fevereiro. Por Lei Provincial n. 995 de 12 de Outubro de 1867 foi elevada à cidade.¹¹

Desde o início do século XIX, encontra-se registro de viajantes sobre a região, a exemplo da expedição de Spix e Martius em 1818, e, já no final do século, nos primeiros dias do ano de 1880, Teodoro Fernandes Sampaio, Engenheiro da Comissão Hidráulica responsável pela realização de estudos sobre o Rio São Francisco e Chapada Diamantina, permaneceu na cidade de Caetité por quatro dias e fez registros minuciosos sobre diversos aspectos: fisiográficos, econômicos, realçando sua produtividade e comércio:

Aqui, como nas regiões vizinhas sobre a chapada, colhem-se quase todas as frutas da Europa (...). Visitando pela manhã o mercado da cidade, que parecia uma feira bastante freqüentada, notei, além dos requeijões, couros e outros produtos da indústria pecuária, abundância de legumes (...) exportando-se dela em tão larga escala para outros municípios que com razão se considera Caetité o celeiro pródigo desses sertões. (SAMPAIO, [1880]2002, p. 213-214).

Para a manutenção dessa rede de relações exigiu-se o estabelecimento de condições de comunicação e transporte com outras regiões da Bahia. Sampaio afirma que *como empório comercial que é desses sertões apartados, Caetité constituiu-se o centro irradiante de uma viação ordinária e bastante ativa*. ([1880]2002, p. 219). Podemos pensar desta forma, que ali, a interdependência e a divisão de funções sociais aumentaram bastante, o que segundo Elias (1993, p. 1997), em sua teoria do processo civilizador, *é apenas a primeira e mais geral dentre as transformações que observamos ao estudar a mudança na constituição psicológica conhecida como 'civilização' ou 'conduta civilizada'*, que se disseminou da sociedade do Ocidente para as diferentes classes nas colônias, a partir do século XIX. Os modos, costumes e a conduta da população caetiteense chamaram a atenção de Sampaio ([1880]2002, p. 220)

¹¹IBGE. Dados da Divisão Administrativa em 1911, Diretoria do Serviço de Estatística, p. 27. Disponível no site: <<http://biblioteca.ibge.gov.br>>.

que destaca em seu diário: *Caetité apresenta aos viajantes um aspecto de corte do sertão. Há aqui uma boa e culta sociedade, muita urbanidade e delicadeza na gente do lugar.* Outro aspecto que lhe atraiu foi a estrutura e organização da cidade, que traz os traços do barroco, estilo predominante no século XVII, na Europa, mesclado com o estilo moderno, de algumas ruas largas e retas que confluem em direção ao centro, afirmando que:

a cidade de Caetité devia ter por esse tempo seus 8 mil habitantes, contando-se na freguesia para mais de 27 mil almas e 50 mil em toda a comarca. As suas ruas são calçadas e algumas arborizadas com palmeiras. As casas, no geral, bem construídas e com água canalizada (SAMPAIO, [1880]2002, p. 221).

Caetité chega às primeiras décadas do século XX como um dos principais municípios do estado da Bahia. De acordo o censo do IBGE de 1900, o município possuía cerca de 45.000 habitantes¹², configurando-se como uma cidade de destaque na região. Surge, então, o nosso interesse em pesquisar as práticas educativas familiares vivenciadas pelas crianças nessa cidade, no intuito de compreender melhor o processo de distinção geracional criança/adulto. Entre as famílias caetiteenses nesse período, destaca-se a família Teixeira, cuja memória foi preservada por meio de uma infinidade de documentos escritos, como correspondências, livros de atas, livros de contas, documentos iconográficos, como fotografias e pinturas, além da própria materialidade da casa onde viveu, hoje transformada no Museu “Casa Anísio Teixeira”.¹³

¹² Em 1990 o município estava dividido em nove regiões administrativas, os distritos: Lagoa Real, S. Sebastião do Caetité, Caculé, Rio do Antônio, Passagem da Areia, Cannabrava, Bonito, Santa Luzia e Aroeiras. Disponível no site: <<http://biblioteca.ibge.gov.br>>

¹³ A Casa Anísio Teixeira é uma entidade cultural vinculada e administrada pela Fundação Anísio Teixeira. Foi inaugurada em fevereiro de 1998. Abriga um Centro de Memória que preserva a arquitetura e mobiliário da época (meados do século XIX a meados do século XX), uma Biblioteca Pública informatizada e equipada também com uma Biblioteca Móvel; um Cine-Teatro que funciona como Auditório e Sala de Cinema, além de um pátio disponível para a realização de eventos culturais. Mantém convênios de cooperação técnico-científica com a UNEB – Universidade do Estado da Bahia, com a UESB- Universidade do Sudoeste da Bahia e com a UFBA – Universidade Federal da Bahia. Ver mais sobre a Fundação Anísio Teixeira no site: <http://www.ici.ufba.br/twiki/bin/view/FAT/WebHome>.

4.2 A FAMÍLIA TEIXEIRA



Figura 2 - Família Teixeira. Acervo “Casa Anísio Teixeira”. s/d. (data estimada: 1907)

A fotografia acima, da família Teixeira, retrata o núcleo familiar constituído pelo casamento¹⁴ de Deocleciano Pires Teixeira com Anna de Souza Spínola ocorrido na primeira metade da década de 1880¹⁵. O gênero “retrato de família” era bem comum no período. Perrot (2009) o destaca em seus estudos e afirma que na França dos fins do século XIX, os encontros de família eram sempre materializados por meio da fotografia como uma forma de preservar a memória. No caso dessa fotografia, podemos inferir pelas roupas e posições das pessoas que o momento foi previamente preparado, especialmente para o registro fotográfico. O cenário constitui-se por uma construção ao fundo, o que parece ser em frente a uma casa, provavelmente por causa da luminosidade maior do cenário externo, e duas cadeiras em que os pais estão sentados. Na figura do pai chama a atenção a barba e os bigodes, elementos que transmitem imponência e mais idade. Gilberto Freyre (2004) afirma que a simbologia da barba foi uma permanência do Império para a República; representava masculinidade, posição

¹⁴ Cynthia Greive (2007) afirma que a união legítima, por meio do casamento, se difundiu no Brasil desde os tempos coloniais como uma prática de ordenação da propriedade e dos bons costumes, entretanto essa regra de organização das famílias não se aplicava para todo o conjunto da população brasileira. Sobre os filhos oriundos das uniões consensuais em Caetité, consta em um Livro de Batismo da Paróquia, referente aos anos de 1923-1924, 78 filhos ilegítimos para um total de 1152 crianças registradas.

¹⁵ O Coronel Deocleciano Pires Teixeira casou-se três vezes, com três irmãs. Do primeiro casamento com Marianna Spínola nasceu Alice, e do segundo casamento com Maria Rita Spínola nasceram Mário e Alzira (RIBEIRO, 2009). Após ficar viúvo duas vezes, casou-se com Anna Spínola. Ver genealogia anexa.

social e a mensagem de que a ordem política era nova, mas que a ordem social não era inteiramente. *As barbas mais ou menos longas nos homens e os penteados mais ou menos elaborados nas senhoras continuaram a ser, nos primeiros decênios da República, os mesmos sinais de um prestígio de classe e de uma diferenciação de sexo (...)* (FREYRE, 2004, p.333).

Do casamento entre Anna e Deocleciano nasceram onze filhos: Evangelina, Celsina, Hersília, Celso, Oscar, Leontina, Jayme, Anísio, Nelson, Angelina e Carmem. De acordo com os documentos consultados, apenas os filhos do terceiro casamento moravam no sobrado da família, no período do nosso estudo. Os filhos dos casamentos anteriores residiam em casas próprias, mas mantinham as redes de relações estreitas com todos os outros membros da família. Entretanto, questionamo-nos sobre o significado da ausência deles na foto da família. Será que era pelo motivo de já estarem casados e terem dado origem a uma nova família, reforçando a tese da desestruturação do modelo das famílias parentais e valorização do modelo da família nuclear, centrado apenas na figura dos pais e filhos?

Deocleciano Teixeira era médico, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, mas não exercia a profissão. Dedicava-se às atividades políticas e à administração dos negócios da família, principalmente das fazendas de gado. A sua esposa, Anna Spínola, envolvia-se com as atividades domésticas na administração da casa e cuidados na criação dos filhos. Não temos registros sobre o seu nível de escolarização. Ao observar a grafia e o uso das normas da língua escrita nas correspondências trocadas, percebemos que as cartas das filhas apresentavam um domínio maior da escrita e uma melhor estética no traçado das letras. Todos os filhos passaram pelo processo de escolarização formal. Convém ressaltar, entretanto, que a maioria dos filhos homens teve a formação superior completa ao contrário das filhas mais velhas que concluíram os estudos no curso secundário.

As condições econômicas da família e seu posicionamento social, político e cultural leva-nos a defini-la como uma “família de elite”. Guy Chaussinand-Nogaret (1993, p.283) conceitua elite como *o conjunto dos grupos sociais que dominam a sociedade mediante sua influência, seu prestígio, suas riquezas, seu poder econômico, cultural, político*. Segundo o autor, a noção de elites esteve presente indiretamente através da história dos “grandes homens”, entretanto, na busca da “história total”, cada vez mais os historiadores sentiram necessidade de uma reflexão mais apurada sobre as elites.

O estudo das elites já era objeto de estudos dos sociólogos há muito tempo e recentemente se tornou objeto também da pesquisa histórica. Flávio Heinz (2006, p. 8) critica o sentido ampliado do termo e, conseqüentemente, sua imprecisão, afirmando que:

Esta mesma imprecisão tornou-se doravante cômoda e, de certa forma, instrumental: de fato, um número crescente de pesquisadores encontra na noção de elite uma forma de se estudar os grupos de indivíduos que ocupam uma posição-chave em uma sociedade e que dispõem de poderes, de influência e de privilégios inacessíveis ao conjunto de seus membros, ao mesmo tempo em que evitam a rigidez inerente às análises fundadas sobre as relações sociais de produção.

No caso deste estudo, a *família de elite* retratada nas cartas, assim como nas fotografias, manteve uma posição de destaque na hierarquia social da região, no que se refere aos aspectos destacados por Chaussinand-Nogaret, ou seja, possuía poder econômico, influência social, cultural¹⁶ e política.

5 CAMINHOS E FONTES DA PESQUISA.

Os estudos históricos foram objeto de muitas discussões de teóricos em virtude das alterações sofridas na área, principalmente a partir do movimento intelectual francês que se iniciou associado à *École des Annales*, agrupada em torno da revista *Annales: économies, sociétés, civilisations*, em 1929, e suas posteriores derivações: a Nova História, a História das Mentalidades e a História Cultural. Esse movimento, mais que a proposição de novas abordagens, caracterizou-se por uma reação contra o “paradigma” tradicional ou a “história rankeana”, de acordo Peter Burke (1992).

A partir desse movimento, outras atividades humanas, além da história dos acontecimentos, da história política, dos feitos dos grandes heróis, despertaram o interesse dos historiadores. Para Ana Galvão,

Na Nova História, portanto, todas as atividades humanas e todos os sujeitos históricos são considerados objetos de análise histórica. A festa, o corpo, a morte, o louco, o marginal, a mulher, **a criança**, são tão importantes no estudo histórico quanto objetos tradicionalmente mais dignos de entrarem para a história, como o Estado, as grandes revoluções, a luta de classes, os modos de produção, etc. (GALVÃO, 1998, p.29). Grifo meu.

¹⁶ No sentido do saber intelectual, escolarizado.

Assim, o estudo da história das sociedades humanas, por meio da história das crianças, tem atraído a atenção de pesquisadores de forma crescente, em todo o mundo. Pesquisar a história das crianças pressupõe uma busca criteriosa das fontes disponíveis, pois são poucos os registros produzidos por elas e, em alguns casos, inexistem tais registros. Para superar essa carência, nos estudos desenvolvidos sobre o tema, tem-se utilizado uma grande diversidade de fontes, antes não consideradas, a exemplo de obras literárias, arquivos de hospitais, pinturas, fotografias, objetos utilizados no cotidiano, cartas e demais vestígios no intuito de compreender a história desse grupo social, que até a algum tempo atrás, foi tão pouco considerado pela sociedade quanto à preservação de traços da sua existência.

Além da busca e da seleção das fontes, outra questão de relevância na pesquisa a ser considerada é o trabalho de interpretação do documento histórico. É preciso considerar as condições de sua produção, a temporalidade em que foi produzido e as prováveis intenções de quem ou de quais instituições o produziu. Faz-se necessário dessa forma, desnaturalizá-lo, compreendendo que determinados documentos foram escolhidos por um determinado grupo para serem perpetuados na memória coletiva de um povo. Jacques Le Goff (2003, p.538) denomina-os de documento-monumento. Segundo o autor,

O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro—voluntária ou involuntariamente—determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo.

Logo, para que esse documento-monumento seja transportado para o campo da ciência histórica, ele precisa ser analisado em todas as suas dimensões. No caso desta pesquisa, buscamos neles as crianças, sua vida cotidiana junto à família, o tipo de atenção dispensada a elas, as relações sociais estabelecidas, os significados delas para aquela sociedade, entre vários outros aspectos que podem ser questionados. Outro cuidado que o historiador deve tomar na interpretação da história é a realização do cruzamento das fontes. Eliane Lopes e Ana Galvão (2001, p. 65) afirmam que *como ocorre em outros campos da pesquisa histórica, os estudos de história da infância também tem recorrido ao cruzamento entre diferentes fontes, na medida em que cada uma poderá trazer uma interpretação diversa para o mesmo fenômeno.*

A pesquisa sobre as práticas educativas familiares vivenciadas pelas crianças em Caetité demandou uma diversidade maior de fontes. As fontes acessadas não têm como foco as crianças e pouquíssimas são aquelas produzidas pelas próprias crianças. Daí, a necessidade de alargar a quantidade e a diversidade de fontes. Pelo fato de estar trabalhando com práticas do cotidiano familiar das crianças, a quantidade de registros sobre elas é ainda menor em relação ao número existente de registros de práticas que envolvem o processo formal de escolarização. Este último processo, por estar vinculado geralmente a uma instituição oficial muito valorizada nas últimas décadas pela sociedade, teve, presume-se, seus documentos mais preservados.

A cidade de Caetité, no que se refere à preservação das fontes históricas, conta com o Arquivo Público Municipal criado na década de 1990, integrado à Rede de Arquivos do Estado. Funciona no prédio da antiga Casa da Câmara e Cadeia, tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. Conta, em suas seções de documentos públicos e privados, com um enorme potencial de dados arquivados, o que evidencia a importância e o nível de consciência daquela comunidade em relação à preservação da memória e da história. Os documentos do Arquivo Público datam do final do século XIX até o século XX, compreendidos em edições do primeiro jornal do Alto Sertão: *A Penna*, que traz dados sobre a vida da sociedade na região (1897-1943), além de processos da Vara Cível, arrolamentos, ação de execução, livro das Posturas Municipais, documentos da Câmara, acervos particulares, como fotografias e cartas de famílias locais, entre as quais, a família de Anísio Teixeira. Importantes documentos ainda estão nas mãos de particulares, como os documentos da família do Barão de Caetité, José Antônio Gomes Neto (1822-1890), inclusive, documentos do período imperial. Outro acervo disponível é o pertencente à Diocese, em condições de consulta. Lá se encontram os livros de registros de batismos, casamentos e sepultamentos, além de relatórios.

A existência de um arquivo público municipal na cidade, já bastante organizado, permite ampliar muito os conhecimentos sobre a temática. Entre os documentos disponíveis para analisar, demos atenção àqueles que puderam nos indicar vestígios sobre a educação da criança na família. Para tal empreendimento, foram utilizadas especificamente as fontes descritas a seguir:

Correspondências familiares

As correspondências retratam acontecimentos, notícias, o cotidiano da vida familiar e vários aspectos da vida das crianças, permitindo que nos adentremos na vida privada da família e investiguemos, por meio das práticas educativas, como se deu a distinção geracional criança/adulto. Convém ressaltar que essas correspondências foram nossa fonte principal de pesquisa, mas que revelaram dados que dizem respeito prioritariamente a uma família de elite da cidade, como enfatizamos anteriormente.

As correspondências familiares constituem um dos maiores acervos do Arquivo Público Municipal de Caetité, com mais de cinco mil cartas¹⁷. No APMC, elas foram catalogadas por família e por época, utilizando as normas adotadas pelo Arquivo Público da Bahia, segundo os critérios de fundo, grupo e série. O acervo das correspondências constitui-se por cartas, por cartões postais, cartões de visitas, de nascimentos e de falecimentos. Nas últimas décadas, após a renovação e o alargamento das fontes históricas, as correspondências particulares têm atraído o interesse de muitos pesquisadores. Entretanto, exige-se um olhar apropriado para esse tipo de documento e uma condução teórico-metodológica específica, como adverte Ângela Gomes (2004). A quase totalidade das correspondências foi trocada pelos membros da família Teixeira: entre mãe e filhos, marido e esposa, entre irmãos, avós e netos, além dos primos e das tias e sobrinhos. Para uma maior clareza das redes de relações estabelecidas pelos missivistas, segue anexa ao texto, a genealogia da família Teixeira.

Compartilhar vivências, estreitar laços, mandar notícias são alguns dos muitos motivos para as pessoas que estão distantes se corresponderem. O deslocamento espacial das pessoas, por motivos diversos, dava-se da cidade de Caetité para várias regiões dentro e fora do País. Essas regiões compreendiam desde as fazendas até a cidade da Bahia (Salvador), São Paulo, Rio de Janeiro, até Buenos Aires e Nova York.

O ato de preservar tantos documentos de forma que eles pudessem chegar até nossos dias em boas condições de pesquisa induz-nos a pensar sobre a intencionalidade de tal ação, pois geralmente as cartas trazem assuntos mais íntimos da vida privada, histórias da família que seus missivistas e descendentes poderiam não gostar de ver revelados, tornados públicos. Era

¹⁷ Estas correspondências estão sendo recatalogadas no intuito de facilitar o trabalho dos pesquisadores. Utilizamos neste trabalho as referências das correspondências como estavam no período da coleta dos dados, portanto irá diferir da próxima catalogação.

hábito comum entre as pessoas da família fazerem as cartas circularem para serem compartilhadas por seus membros; isso nos permite supor que muito desse *corpus* documental pode ter sido destruído visando restringir o acesso de muitos, a certos assuntos mais privados. Cécile Dauphin e Danièle Poublan (2002, p. 80) afirmam que *habitualmente, as famílias escondem seus segredos. Raras são aquelas que abrem seus papéis. Essa chance que tem o historiador se apresenta, finalmente, quando elas constituíram sua própria memória através dos arquivos particulares*. Eliane Marta Teixeira Lopes (2007), ao escrever sobre a documentação deixada por seu avô, traz importantes reflexões sobre o sentido de guardar esse passado. *Manter vivos... guardar/conservar/preservar à espera que outros pudessem compreender e dar um sentido, trazer à luz, em um jogo de memória* (LOPES, 2007). Conservar a memória da família, devidamente selecionada e classificada, permite que os descendentes conheçam a história da família por meio daquilo que foi escolhido para ser perpetuado. De acordo com Dauphin e Poublan (2002, p. 83), as cartas:

Mais ou menos ordenadas (...) se tornam um elemento do patrimônio. Junto às terras e às casas, ao mobiliário e às jóias, a escritura assume uma função identitária forte. Ela vem, certamente, provar a legitimidade das propriedades e das alianças. Mas acarreta também um contato íntimo e concreto com as coisas, os acontecimentos e os ancestrais. As cartas quanto mais antigas e abundantes, mais terão o poder de legitimar o patrimônio transmitido de geração a geração.

Alguma/s pessoas da família teve/tiveram a preocupação em reunir as correspondências no sobrado da família, conservá-las e assim garantir a sua preservação. Os indícios presentes nos documentos da família Teixeira e a memória da família permitem-nos acreditar que, possivelmente, foi a filha mais velha, Celsina Teixeira (1987-1979), a guardiã desse riquíssimo acervo, como uma das últimas moradoras do Sobrado. Em 1998, o sobrado da família foi restaurado e toda a documentação foi transferida para a casa do Barão de Caetité, lá permanecendo até 2002, quando sua doação foi feita ao APMC pela filha de Anísio Teixeira: Babi Teixeira (RIBEIRO, 2009).

O jornal *A Penna*

O jornal *A Penna* foi utilizado na coleta de dados referentes à vida familiar e suas relações com o cotidiano na cidade (como as festas, as ideias de modernidade e progresso nas inovações produzidas na cidade), às crianças e aos ofícios, assim como dados que retratavam

a relação da comunidade com a religiosidade, atentando sempre para a produção do discurso sobre a infância e suas intencionalidades. Este jornal, editado de 1897 a 1943, pelo caetiteense João Gumes¹⁸, possuía duas edições mensais até 1915, com um número médio de quatro páginas por edição. A partir de então, passou a quatro edições mensais, com uma média de seis a oito páginas cada. Ele se encontra digitalizado no Arquivo Público Municipal de Caetité. Algumas edições se encontram em boas condições de preservação, enquanto outras, nem tanto. As reportagens, propagandas e notícias divulgadas retratam a vida cotidiana de uma parcela da população da área urbana e distritos, trazendo também dados sobre as crianças, ainda que eventualmente. Maria Lúcia Pallares-Burke (1998, p.144) afirma que o jornal é uma das modalidades informais de educação que pode ter muito a dizer sobre o modo complexo pelo qual as culturas são produzidas, mantidas e transformadas.

Obras memorialistas

Foram utilizadas duas obras de memorialistas que viveram suas infâncias na década de 1910, em Caetité. O livro *Rescaldo de saudade*, publicado em 1986, traz as memórias de Flávio Neves¹⁹ sobre sua vida de criança na cidade natal. A outra obra memorialística utilizada na coleta de dados foi o livro *Luz entre os roseirais*, de Áurea Costa Silva²⁰, publicado em 1992. Convém considerar que os dois autores escreveram suas lembranças na idade adulta, portanto, elas apresentam a memória sobre outros tempos vividos, leituras feitas, por certo, já afetadas por outras experiências de vida. Na análise e interpretação dos dados procuramos efetuar o cruzamento de informações com outras fontes, inclusive levando em conta a fragilidade dos dados memorialísticos na pesquisa histórica.

Fotografias

As imagens fotográficas compõem também os documentos de nossa pesquisa, pois oferecem o registro, no tempo, de uma realidade passada impossível de ser por nós visitada. O APMC possui uma grande coleção de fotografias familiares, que atualmente estão sendo digitalizadas

¹⁸ Sobre João Gumes ver a dissertação de Joseni Pereira Meira Reis (2010).

¹⁹ Flávio Neves nasceu em Caetité no dia 18 de abril de 1908. Viveu toda a sua infância nessa cidade, mas na adolescência vai estudar em São João del Rei e depois em Belo Horizonte, onde se forma em Medicina e torna-se professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais e membro da Academia Mineira de Letras. Morre em Belo Horizonte, no dia 11 de agosto de 1984.

²⁰ Áurea Costa Silva nasceu em Caetité no dia 30 de junho de 1904. Ali viveu sua infância e cursou o ensino primário, concluindo-o aos dez anos de idade. Não continuou os estudos. Casou-se e continuou vivendo na região de Caetité e Guanambi. Teve 16 filhos, tornando se avó, bisavó e tataravó.

e catalogadas. Existem em quantidade expressiva e retratam, como citamos anteriormente, a infância de elite da cidade no início do século XX. As fotos da família Teixeira estavam organizadas em suntuosos álbuns de família que se tornaram comuns a partir da maior divulgação da fotografia. Abaixo podemos visualizar um desses álbuns da família e a primeira página, bem decorada com desenho de flores e paisagem e, em destaque, a foto de uma das filhas.



Figura 3 - APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: Álbum de fotografias. Caixa 05.

De acordo com Anne Martin-Furgier (2009, p. 178-179)

A invenção da fotografia em 1836 (a abreviatura para “foto” é de 1876) e seu desenvolvimento após 1850 vão permitir o surgimento de novos álbuns. O retrato a óleo instala seu objeto na eternidade da arte, fora do tempo. As fotos preservam instantes. De um lado, são relíquias propícias à rememoração. De outro lado, sucedem-se no álbum em séries que permitem perceber o decurso do tempo, a evolução da criança que cresce, a família que se perpetua por meio de casamentos, nascimentos e batismos.

No trabalho com fotografias é preciso atentar para o fato de que a intencionalidade do testemunho histórico, presente no documento escrito, também se manifesta nas formas iconográficas. Nesse sentido, percebe-se que há um registro maior da criança de elite. Por que essa predominância? Será que apenas as condições de produção desse documento na época respondem a essa questão? Ao trabalhar com fotografias todos os cuidados devem ser tomados a fim de garantir a confiabilidade na interpretação feita, tal como considerar as limitações que apresentam. Logo, salientamos que temos consciência que ali é apresentado

um recorte do real no tempo e espaço. Nele estão embutidas a subjetividade do fotógrafo e a interferência de terceiros, as construções sociais, culturais e ideológicas referentes àquele contexto, mas que é passível de interpretação, de novas investigações e associações com outras fontes. Bauer e Gaskell (2004, p.148) chamam a atenção para o fato de que a interpretação de uma fotografia exige uma leitura tanto das presenças, quanto das ausências do registro visual. Portanto, cabe ao pesquisador perceber o que se quer enfatizar ou não na fotografia e, assim, procurar interpretar os porquês da presença ou ausência de determinados elementos. Maria Eliza Borges (2005, p. 80) argumenta que a imagem visual

apresenta-se como uma linguagem que não é verdadeira nem falsa. Seus discursos sinalizam lógicas diferenciadas de organização do pensamento, de ordenação dos espaços sociais e de medição dos tempos culturais. Constituem modos específicos de articular tradição e modernidade. Por tudo isso, sabe-se que uma dada imagem é uma representação do mundo que varia de acordo com os códigos culturais de quem a produz.

Seu uso se justifica por possibilitar a análise mesmo recortada, momentânea da produção da infância na época pesquisada, problematizando o ideal de infância retratado. Borges (2005, p.85) destaca ainda que *o cruzamento do documento visual com os textuais e orais torna-se um imperativo para responder as questões tipicamente históricas. Essa é uma operação que também requer a combinação de diferentes métodos de pesquisa.*

Livros de registro das Igrejas, como certidões de batismo, de óbito e relatórios

Esses documentos fazem parte do acervo eclesiástico das próprias igrejas e foram acessados na coleta dos dados em relação ao papel dessa instituição na ação educativa direcionada à criança, assim como oferecem dados importantes sobre as famílias que habitaram a região. Utilizamos, especificamente, os livros de registros dos batismos e registros de óbitos.

Foram realizados ainda, levantamentos da documentação da Igreja Americana e do Centro Espírita Aristides Spínola. Entretanto, como essas instituições não possuem ainda um arquivo com a devida catalogação da documentação, a pesquisa ficou muito limitada. Foi-nos permitido consultar apenas alguns livros de Atas.

Livros de Atas e de Contas da Associação das Senhoras de Caridade

Os livros de Atas e de Contas da Associação das Senhoras de Caridade foram preservados e atualmente fazem parte do acervo da instituição. A nossa intenção ao consultá-los e incluí-los

nas nossas fontes foi a de investigar a possível presença do atendimento a crianças órfãs nessa instituição. Apesar de alguns deles apresentarem alguns desgastes causados pelo tempo, a instituição disponibiliza-os para a pesquisa. Convém ressaltar que a maioria deles foi elaborada por Celsina Teixeira Ladeia²¹, diretora durante vários anos da instituição e responsável pela preservação desses documentos, assim como pela preservação das correspondências. Os documentos da ASC possuem relatos minuciosos das reuniões realizadas na instituição, como também do movimento financeiro, especificando os recolhimentos e gastos efetuados.

Livro de Registro das Posturas Municipais

O livro de Posturas do município de Caetité data de 1872 e foi copiado em vários períodos para possibilitar sua conservação. As posturas municipais indicam a preocupação com o comportamento e atitudes na cidade, bem como com a regulação da vida nas vias públicas. Somavam 88 posturas, algumas com certas alterações, relativas às regras das edificações, ao uso das águas, ao comércio, à circulação na cidade, aos hábitos e atitudes. Essas posturas, antes de definir o que era ou não aceitável na cidade, evidenciavam a intenção de ordenar sua população, instituir as penas para os infratores, mas isso não significa que as disposições prescritas fossem realmente cumpridas.

Os relatos memorialísticos e algumas notícias do jornal foram importantes para nossa análise, mas o arcabouço principal dos dados foi coletado nas correspondências familiares e nas fotografias. Como esses últimos documentos pertenciam a uma família de elite em particular, a interpretação construída diz respeito a esta parcela da história que foi possível apreender. As crianças das camadas populares aparecem nas brechas deixadas pelo jornal, por um dos memorialistas e em poucos fragmentos das correspondências.

É assim que a história vai se fazendo. A cada novo estudo, outras interpretações são realizadas, novas questões são suscitadas, e é o contato com os documentos que nos permitirá aprofundar nas questões, formular outras ou reformular interrogações para tentarmos conhecer parcialmente, ao menos, outras facetas da história das crianças nas realidades passadas.

²¹ Sobre a atuação de Celsina Teixeira Ladeia na escrita epistolar ver o trabalho de Marcos P. Ribeiro (2009).

A presente dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo trata da promessa de vida presente nas crianças durante os primeiros momentos de existência, pois o limite entre o viver e o morrer se mostraram muito tênues nesse momento da nossa história. Analisar como aconteciam os nascimentos, os principais problemas que levavam à morte, os modos de alimentar e vestir, observando as diferenças entre meninos e meninas e entre as diferentes idades, além das práticas instituídas para a intervenção na educação, na família, também foram objeto de atenção neste momento do estudo. Por fim, trata de analisar como certas crianças, após ficarem órfãs, foram acolhidas e tratadas pelas famílias de elite.

O segundo capítulo aborda os primeiros aprendizados da criança na vida familiar. Essas experiências trazem em seu bojo muitas práticas educativas que nos ajudam a perceber a produção da distinção geracional, a exemplo do aprendizado dos primeiros passos e das práticas fundamentadas na oralidade, como a contação de histórias, as músicas, as festas e a religiosidade.

O aprendizado da leitura e da escrita na família é o objeto de estudo do terceiro capítulo. Nele buscamos perceber como essas práticas possibilitaram ou criaram estratégias de diferenciação entre criança e adulto. Aprender o “abc” fazia parte do ritual de conhecimentos para o domínio da língua escrita, além do acesso a materiais de leitura diversos, para todas as pessoas da família, como jornais, revistas, livros de histórias, livros escolares e principalmente, as correspondências.

CAPÍTULO I

A FAMÍLIA E A PRODUÇÃO DAS CRIANÇAS: O DESPONTAR DA VIDA E SUAS INCERTEZAS...

A criança é a sinceridade. Suas alminhas em flor ainda não foram crestadas pelo bafo ruim das paixões mundanas; ainda não occultam no seu intimo idéas segundas; são almas sem refolhos, sem dissimulações, sem hyprocrisias...

João Gumes. *A Penna*. Agosto de 1926.

Neste capítulo analisamos o despontar da vida da criança na família, considerando a diversidade socioeconômica, cultural e de gênero, dentro dos limites estabelecidos pelas fontes, pois os registros encontrados referem-se, majoritariamente, às crianças de elite, como referido anteriormente. Por meio da investigação sobre as atividades desenvolvidas pelos sujeitos na vida familiar, procuramos perceber como se dava a produção da distinção geracional e a condição de ser criança e de ser adulto na experiência da vida cotidiana.

Considerando que as primeiras décadas do século XX foi o período de organização e de tentativas de estruturação do ideal republicano, acreditamos que haveria nas práticas cotidianas, na família, um projeto de educação próprio para as novas gerações, sob a responsabilidade das gerações mais velhas. Esse projeto estava intimamente relacionado com as ideias de civilidade, modernidade e progresso, a fim de se vencer a “ignorância” e o “atraso”. Por meio da análise da vida da criança e das relações estabelecidas entre si e com os adultos, desde o nascer, o morrer, o alimentar, o vestir, etc. procuramos perceber como esses aspectos permearam as práticas educativas na cidade de Caetité, no âmbito familiar.

Os anos iniciais da vida da criança eram carregados de incertezas quanto ao futuro da existência desse novo ser, pois os índices de mortalidade infantil eram altos. Justificam-se, assim, as medidas higienistas utilizadas e os conhecimentos científicos requeridos para tentar preservar a saúde e a vida da criança. Quando a mortalidade atingia os adultos e, mais especificamente, aqueles que tinham filhos pequenos, outras incertezas marcavam a vida dessas crianças órfãs.

As correspondências trocadas entre os membros da família Teixeira, as matérias do jornal *A Penna*, as lembranças da infância de dois memorialistas e as fotografias permitiram-nos adentrar na vida familiar da criança em Caetité, no período em questão e chegar mais próximo do que era o “ser criança” naquela sociedade.

1.1 O nascimento das crianças: *tem mais um criadinho às suas ordens...*

Era entre as mãos das parteiras, como a preta Damiana e a velha Siá Clemência, que as crianças caetiteenses vinham ao mundo. Na região também se encontrava um ou outro médico, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, que atendia a chamados em domicílio, prestando seus serviços àqueles que podiam pagar o preço devido pelo trabalho desse profissional. Gilberto Freyre (2004, p. 181), em análise clássica da sociedade brasileira entre o final do Império e início da República, afirma que o brasileiro *era um ser que nascia em casa, e quase sempre sem que a mãe recebesse (...) outro socorro senão o da parteira ou “curiosa”, que se tornava comadre do casal*. Os estudos de Maria Renilda Nery Barreto (2008) e de Rita de Cassia Marques (2005) sobre partos e parteiras no Brasil no século XIX e no início do século XX²² revelaram também que até este último período, as mulheres das classes mais favorecidas continuavam sendo atendidas em casa. Os serviços públicos de saúde oferecidos às parturientes nas Santas Casas eram procurados apenas pelas mulheres das camadas populares. Apesar de se considerarem o avanço e a propagação das ideias sobre a importância do saber médico no processo de higienização, na prevenção das doenças e da mortalidade, e com isso, a elaboração de um discurso de desvalorização das parteiras, Barreto (2008, p.911) afirma que *na Bahia, as parteiras não sofreram as mesmas pressões que suas congêneres em outras localidades do Brasil*. Eram poucas as tensões e conflitos entre médicos e parteiras, pois elas continuaram com seu prestígio social reconhecido na arte de trazerem as crianças ao mundo. O nascimento, até as primeiras décadas do século XX, predominou como evento restrito ao espaço doméstico.

A preocupação com a vida da parturiente e do bebê levava à construção de um ritual, carregado de simbologias religiosas que eram postas em prática durante o trabalho do parto, conforme relata Neves (1986, p. 22),

Os partos eram atendidos em casa, ou pela preta Damiana ou pela velha Siá Clemência. Muita reza em subsídio; em delongas, eram de bom resultado, repetir a parturiente com um terço bento ao pescoço: “Minha Santa Margarida, não estou prenha, nem parida”.

²² Ver mais sobre partos e parteiras em um dossiê organizado por Mott, Meyer e Martins, publicado na revista *Gênero* (v. 6, 2005).

Os saberes das parteiras, requeridos nas práticas de atendimento às parturientes, eram adquiridos com a experiência e envolviam essas simbologias. Segundo Barreto (2008, p.909):

A cultura do nascimento na capital baiana permaneceu restrita ao espaço doméstico, enraizada na rede de solidariedade feminina protagonizada por vizinhas, mães, tias, madrinhas e pela parteira de confiança. As práticas obstétricas que rapidamente se difundiam no mundo acadêmico, pautadas na obstetrícia – ramo especializado da medicina –, não fizeram eco entre as mulheres baianas, em especial parteiras e parturientes, e não proporcionaram mudanças nos tradicionais ritos do parto.

O nascimento também suscitava imaginações e elaborações mentais nas crianças menores sobre o surgimento daquele novo ser. As explicações eram as mais fantasiosas possíveis, como afirma Neves (1986, p. 51) na sua experiência:

Lembro-me bem de quando assisti à primeira sessão do cinema de seu Batista, aos quatro anos de idade. Bem preparado por minha Mãe, trajava um vestidinho rendado e tinha os cachos de cabelo bem encaracolados. Dias antes nascera minha irmã Branca. Piedosamente disseram-me fora ela comprada no cinema. Durante a sessão insisti com meu Pai em que fôssemos atrás da tela para comprar uma outra.

De acordo com Philippe Ariès, *a atitude diante da sexualidade, e sem dúvida a própria sexualidade, variam de acordo com o meio, e, por conseguinte, segundo as épocas e mentalidades* (2006, p. 78). Para a família de Neves, justificar o nascimento de mais um filho, para as outras crianças da casa, como sendo “comprado” era a explicação mais apropriada, assim como acontecia com os produtos domésticos adquiridos por eles. Percebe-se que os valores da sociedade de consumo já se apresentavam marcantes para essa família. Nas fases históricas precedentes, era muito natural que as crianças conhecessem desde muito cedo os assuntos referentes à sexualidade; a construção desta atitude de reserva, omissão e distorção de informações sobre o tema foi ocorrendo aos poucos na sociedade ocidental moderna (ELIAS, 1994; ARIÈS, 2006). Segundo Norbert Elias (1994, p.178), foi se estabelecendo um padrão específico de vergonha nos séculos XVII e XVIII, mas que ainda predominou nos séculos XIX e XX:

Neste período, mesmo entre adultos, tudo o que fosse relativo à vida sexual foi escondido ao máximo e removido para o fundo de cena. Esse o motivo porque foi possível, e também necessário, ocultar este lado da vida das crianças durante longo período.

Ana Galvão (1998), ao analisar aspectos da sexualidade infantil na região açucareira da Paraíba entre 1890-1920, ressalta que a ausência de uma prática religiosa institucionalizada poderia contribuir para a precocidade dos meninos²³ em relação à sexualidade. Porém, na cidade de Caetité, no período estudado, a vida cotidiana estava muito marcada pela força da religiosidade, principalmente católica²⁴, regulando a vida das pessoas e a educação das crianças.²⁵

As formas de comunicar o nascimento às pessoas da comunidade variavam de comunicados orais, de porta em porta, a cartõezinhos bem elaborados, impressos na tipografia, segundo as posses da família, até anúncios no jornal²⁶ que circulava na cidade. A seguir temos dois exemplares de cartões de nascimento anunciando a chegada de crianças pertencentes a famílias caetiteenses:



²³ A afirmação da precocidade dos meninos brasileiros em relação à sexualidade foi defendida por Gilberto Freyre em seus estudos sobre a sociedade patriarcal brasileira.

²⁴ A influência da religiosidade na educação das crianças será desenvolvida em um item à parte.

²⁵ Jurandir Freire Costa (1989) afirma que a medicina higienista exerceu grande controle sobre a sexualidade das crianças, principalmente na prática da masturbação, o que, segundo ele, “era, até então, uma conduta isolada, solitária, deixada à margem da atenção social. (...) Os médicos converteram-na em ‘crime higiênico’ cuja punição era o ‘tratamento’” (p. 190). Era dever da família, sob a orientação dos saberes médicos, cuidar da “higiene” da sexualidade infantil, controlando e vigiando-a, em prol de um desenvolvimento moral “sadio”.

²⁶ O jornal *A Penna* foi fundado por João Gumes em 05 de março de 1897 e circulou na cidade de Caetité e região até 1943, com algumas interrupções. Outros jornais foram publicados, entretanto, *A Penna* foi o de maior permanência e regularidade.



Figura 4 - APMC, Fundo: Acervo Casa Anísio Teixeira. Grupo: Documentos pessoais. Série: Cartões diversos, caixa 01, maço 11.²⁷

A seção do jornal comumente vinha com o título “Recém-nascidos”, mas variava para “Os do futuro” ou “Nascimento”. Geralmente aludia à imensa alegria dos pais que viram “... despontar mais uma vidazinha no seu lar” ou que viram “... enriquecido o seu lar com mais uma filhinha que é o seu encanto”.²⁸ A associação do título da seção de nascimentos com o futuro deixa entrever uma concepção de criança como uma fase de transição; ela está em vias de ser adulto, em um tempo que ainda está por vir.

Para as crianças que tinham a tarefa de anunciar os nascimentos, a depender da idade, a atividade poderia ser vista de forma constrangedora, como foi para Neves (1986, p. 47),

Tarefa penosa que se impunha aos meninos era a de anunciador de mais um nascimento na família. Esta numerosa e prolífica. Algumas vezes desempenhei esse aflito papel; particularmente quando nasceu minha irmã caçula – Celeste e meu primeiro sobrinho (...). E saía eu de porta em porta, a repetir com o maior constrangimento: “minha mãe mandou dizer que tem mais um criadinho às suas ordens” – para ouvir, dezenas e dezenas de vezes, a mesma resposta engraçadinha: “ótimo, estou precisando de uma cozinheira, lavadeira,...” era de doer e matar.

²⁷ A dimensão do primeiro cartão é 5,5 cm x 9 cm, com o seguinte texto: “Eng. Celso Torres e Leontina S. Teixeira Tores comunicam o nascimento do seu filho Ernani á 9 de Junho de 1918. Bahia-Rua do Bangala, 31”. O segundo cartão tem a dimensão 7,2 cm x 10,3 cm; consta o seguinte texto: “Antonio de Britto Villasboas e Guiomar Borba Villasboas participam o nascimento de mais uma filhinha. Caiteté, 29 de Maio de 1926.”

²⁸ *A Penna*, 19/02/1913, p.01, nº 29, Anno II.

O termo “criadinho às suas ordens” reporta-nos a uma condição de subordinação da criança à vontade dos adultos. Essa condição subordinada pode ser observada na atividade de anúncio dos nascimentos “tarefa penosa que se impunha...” e que era realizada pelas outras crianças da família, mesmo a custo do constrangimento, o qual não podia ser questionado. As próprias crianças que anunciavam a chegada de “mais um criadinho” eram elas mesmas “criadinhos” à mercê dos comandos dos adultos, mas que, a depender da consciência de mundo da criança, era visto como uma condição incômoda, inoportuna, como Flávio deixa transparecer. Esse caso nos apresenta uma das tensões que aparece nesse processo de distinção geracional. A subordinação, mesmo parecendo estar consolidada, não foi vista nem aceita com naturalidade.

Diversos eram os significados que o nascimento das crianças assumia para os familiares, variando de acordo com a classe social, função e papel exercido por eles naquela sociedade. A maioria dos registros encontrados no jornal e nas cartas divulgava os nascimentos como um acontecimento muito esperado, desejado e publicizado. Entretanto, no dia 10 de dezembro de 1912 o jornal denuncia uma suspeita de infanticídio²⁹:

HORROR

Há dias, na semana passada, correu o boato de ter aparecido uma criança recém-nascida morta atirada ao lixo, por traz do tumulto particular conhecido aqui pela denominação de Mausoléo. Proptamente o expediente Delegado de polícia Capitão Guena tomou as providências que o caso exige. O corpinho da infeliz criança já se achava na maior parte destruído pelos cães, restando a cabeça *corrupta* na qual podia-se mal divisar as feições da pobrezinha. Debalde tem se procedido a severas sindicancias; não se tem podido encontrar o fio por onde se descubra o crime que, sem dúvida, existe n’isso. Consta nos que ja ha dias fora descoberta a pobre abandonada; mas somente dias depois levaram o facto ao conhecimento da autoridade policial. O facto verificado, por ai, sem mais comentários, revela quão desalmados são aquelles que commetendo talvez o crime de infanticídio, bem horrível; nem ao menos sepultaram o pobrezinho, isto é uma afronta à moralidade e aos bons costumes que, felizmente, são adoptados entre nós.³⁰

Neste caso, se realmente aconteceu o infanticídio, significa que o nascimento da criança foi totalmente indesejado, resultando na interrupção intencional da vida que se iniciava. Geralmente, casos de abandono ou de infanticídio ocorriam com o objetivo de salvar a honra comprometida pela concepção de filhos ilegítimos. O infanticídio, além de atentar contra a

²⁹ Infanticídio, em meados do século XIX, era um conceito diretamente articulado à ideia do recém-nascido. A morte provocada da criança com poucas horas de vida seria considerada um infanticídio, portanto, equiparável a um homicídio, sob as mesmas penas (GONDRA, 2002).

³⁰ *A Penna*, 10/12/1912, p.05, n° 25, Anno II

vida, era uma “afronta à moralidade e aos bons costumes”. Era uma prática que deveria ser denunciada e penalizada. A pesquisa de José Gondra (2002), sobre a racionalidade médico-higiênica e infância, revelou que o infanticídio era motivo de interesse social em meados do século XIX, estendendo-se ao século XX. Isto porque se articula com a preservação do princípio da vida e aproxima, neste ponto, representações da ordem médica e religiosa. Gondra cita a persistência do Dr. Moncorvo Filho³¹ ao dirigir a campanha em proteção da infância pobre. Denuncia que, no Brasil, a questão ainda não estava sendo tratada com a seriedade devida.

1.2 Entre o viver e o morrer: *crianças robustas... cheias de vida que tanto promettem para o futuro...*

1.2.1 A “fugaz” vida de criança

A promessa de vida que cada criança traz ao nascer não era a garantia de sua continuidade. No início do século XX, tanto o número de nascimentos era alto, como o número de mortes, principalmente nos primeiros anos de vida. Na Bahia, em 1898³², de uma população de 805.687 morreram 11.273, das quais 4.350 tinham até 10 anos. Até um ano de vida morreram 2.632 crianças. O número de nascimentos no referido ano foi de 6.022 crianças³³. Ao se considerarem a dificuldade de coleta de dados e sua imprecisão, descritos na introdução do Relatório publicado pela Diretoria Geral de Estatística do IBGE em 1902, podemos supor que morriam bem mais crianças do que estas estatísticas indicaram.

O falecimento de crianças era assunto constante nas edições do jornal *A Penna*. Noticiavam-se o sofrimento das crianças perante as doenças que as acometiam, a impossibilidade da medicina de conter a doença e os acontecimentos envolvendo o funeral. Era bastante enfatizado o desconsolo dos pais perante a morte³⁴, apesar de o jornal evidenciar que isso era fato comum para as famílias, tal como mostra uma notícia do jornal do ano de 1913:

³¹ Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo Filho (13/9/1871 a 14/5/1944) era médico, protagonista do movimento de amparo e proteção à infância pobre (GONDRA, 2002).

³² A biblioteca do IBGE não apresenta dados mais específicos dos óbitos por municípios, assim como outros dados de óbitos no período compreendido entre 1890 e 1930.

³³ IBGE. Relatório de 1902 da Diretoria Geral de Estatística. Rio de Janeiro, 1902. Disponível no site: <<http://biblioteca.ibge.gov.br>>.

³⁴ Os textos do jornal sobre a morte pertencem ao gênero literário chamado “Necrológio”, em que a apresentação de tons elogiosos e sentimentais é característica peculiar. De acordo com Gabriela Kvacek Betella (2007), por volta do século XVIII, intitulavam-se necrológios (do grego *nekrós*, morto, e *lógos*, discurso, artigo) as obras destinadas a resumir as biografias, quase sempre em tons elogiosos, dos grandes homens que, recentemente

Faleceu e foi sepultado no dia 13 o interessante filhinho do nosso bom amigo e conterrâneo o Sr. Alfredo Costa. Aos pobres paes da innocente creancinha, que já é a segunda vez que passam por essa dor, pois este anno já passaram por golpe tão cruel, apresentamos as nossas condolências.³⁵

As crianças eram representadas como “indefesas”, “innocentes”, “pobre criancinha” e “anjinhos”. A representação de crianças como “anjos”, principalmente da criança morta, é uma permanência desde os tempos coloniais no Brasil e que remonta ao período medieval na Europa. Gilberto Freyre afirma, sobre a origem da superstição dos anjinhos, que é provável que, *diante do número alarmante de crianças índias que a morte levou no século XVI os Jesuítas teriam espalhado, para consolo das mães e no interesse da catequese, que “era uma felicidade”*: *os pequeninos iam para o céu* (1980, p. 422). Jurandir Freire Costa (1989), ao analisar essas construções sobre a imagem infantil, afirma que a tradição do “anjinho” só foi recodificada quando os higienistas reagiram face à mortalidade infantil. Em Caetité, no período estudado, percebemos as devidas transformações nessa representação. Apesar do termo “anjinho” ainda aparecer nos textos do jornal, referindo-se à criança morta, ele sofreu diferenciações sobre a forma de percepção sobre a morte. O culto à criança morta, sem muito lamento pela família, devido ao fato de que ela iria para uma vida feliz no céu, no caso analisado, não encontra correspondente, pois a consternação e o sofrimento dos pais diante da morte estão presentes em todos os registros encontrados.

Além do desconsolo dos pais, as fontes indicam como essa criança tinha um importante papel na família, por ser motivo de alegrias, de vivacidade e de atenções por parte dos familiares, como percebemos no relato da morte de Laurinha e de Alberto:

Succumbiu no dia 29 do passado após longos dias de doloroso soffrimento a interessante Laura, filhinha d’aquelle nosso amigo que é casado com a primogênita do nosso velho Director. (...) Submettida Laurinha immediatamente a um tratamento serio e desvelado, esperava-se que escaparia á terrível acção do fogo, porque as escoriações embora tomassem um largo espaço não produziram ferimentos profundos. (...)

Diz a sabedoria popular que quando uma criancinha nos primeiros passos desta vida revela sentimentos de bondade, candura e inclinação para o bem, não conseguirá longa permanência na vida terrena; pois é de Deos e para Deos tem de voltar. Laurinha veio confirmar este asserto. Carinhosa, commedida nos seus brios infantis, amorável para quantos d’ella se

falecidos, eram merecedores de elogios. No Brasil eram publicados, a partir do século XIX, pequenos “opúsculos” de características necrológicas, além das notícias nos grandes jornais. Atualmente o termo “necrológio” é mais comumente utilizado para intitular a seção do jornal em que se anunciam os falecimentos.

³⁵ *A Penna*, 15/08/1913, p.04, nº 42, Anno II

acercassem, a sympathica menina, de 5 annos apenas, já conseguira conquistar a mais acendrada affeição, não só das pessoas da família como dos estranhos que a conheciam de perto.

Quantas vezes quem traça estas linhas era interrompido nos seus trabalhos de gabinete para attender com satisfação a Laurinha que procurava o seu vovô com uma seria incumbência que desempenhava com a circumspecção de pessoa reflectida. E tudo isso, todas as minudencias da curta e luminosa vida de Laurinha, são acendalhas para o soffrimento cruel que pesa sobre os nossos corações.³⁶

Falleceu na semana passada o innocente Alberto, filhinho do nosso amigo o Sr. Antonio Jose Soares Teixeira, contando apenas trez annos. Causou profundo pezar esse traspasse porque a criancinha já revelava muita viveza e era um encanto no lar; ainda mais porque, apesar de doentinho, a sua morte foi inesperada e deu-se quando poucos momentos antes ella garrulava alegremente. Nossas condolências aos pobres paes que se sentem transidos de saudade.³⁷

O tratamento, o significado e a importância attribuída ao acontecimento diferenciavam-se de acordo com a condição econômica da família e a localidade da morte. Na sede do município, principalmente em casos ocorridos dentro de famílias de melhor posição social, a morte de crianças era vista, geralmente, como fruto da fatalidade, de acidentes e das limitações da medicina. No caso da notícia da morte de Laurinha, a notícia esclarece que ela foi submetida a um tratamento “sério” e “desvelado”, para que não houvesse dúvida quanto aos cuidados dispensados. Em edição do dia 19 de dezembro de 1921, a notícia do falecimento de um menino, na sede, afirmava que: *quiz a fatalidade que uma traiçoeira e rápida enfermidade- bronchite capillar- o levasse rapidamente desta, para a vida de onde veio*³⁸. Em outros casos da sede, a notícia evitava fazer julgamentos, realçando mais o pesar pela morte. Quando a notícia se referia aos distritos, geralmente, os casos eram tidos como provenientes do descuido, da imprudência dos pais, da demora no tratamento, de hábitos tidos como atrasados, conforme exemplifica a publicação seguinte, com o título de “Imprudência”:

Em aroeiras, deste Districto, duas meninas muito amiguinhas brincavam alegremente na maior harmonia, como era seu costume quando casualmente uma d’ellas viu uma espigarda que alguém da família guardou carregada, ao alcance de sua mão, apanhou-a e quando virava-a e revirava-a curiosamente em frente de sua companheira, desparou-a involuntariamente produzindo a morte de sua amiga. É imprudencia guardar armas carregadas e, ainda mais, em logar onde creanças podem apanhal-as.³⁹

³⁶ A Penna, 04/12/1919, p.02, nº 205, Anno VIII

³⁷ A Penna, 03/02/1921, p.01, nº 236, Anno X

³⁸ A Penna, 19/12/1921, p.02, nº 258, Anno X. Grifo meu.

³⁹ A Penna, 08/10/1925, p.04, nº 354, Anno XIV

A instauração da República no Brasil promoveu um ideário que pressupunha o progresso como diretamente vinculado com o urbano. O rural representava o atraso e por isso cresceu a preocupação com a população destas áreas, no sentido de controlá-las neste período, em que o ideal era a noção de civilização e progresso (CARVALHO, 1987).

As doenças e demais acidentes que levavam à morte de crianças em Caetité eram a coqueluche, a varíola, as queimaduras provenientes de acidentes domésticos com fogo e com armas de fogo, problemas intestinais, como a hipoemia intertropical, popular “amarelão”.⁴⁰ De acordo com a notícia publicada no jornal A Penna em 1º de janeiro de 1918, a coqueluche teria vitimado algumas crianças devido à falta de tratamento:

Cresce n’esta Cidade a epidemia da coqueluche, que tem victimado algumas crianças devido a não terem sido submetidas a um regular tratamento, pois felizmente os casos observados só adquirem phenomenos alarmantes quando há intercorrença de grippe ou de outras moléstias. Consta-nos que também tem aparecido alguns casos de papeira.⁴¹

Irma Rizzini (1993) afirma que a demografia, no início do século XX, revela índices assustadores da mortalidade infantil devido a problemas atribuídos à tuberculose, à sífilis, à dieta inadequada e insuficiente e às questões ligadas à higiene. Os discursos sobre a mortalidade infantil se intensificaram e a questão foi eleita *como um dos mais sérios problemas que afetam a infância, gerando não só uma série de estudos sobre o tema, mas também propostas, projetos e iniciativas assistenciais visando saná-la*. (RIZZINI, 1993, p. 33). A preocupação com os altos índices de mortalidade infantil provocou o aumento das discussões sobre a importância da higiene e de uma educação para tal, difundindo-se em todos os espaços da cidade: nos espaços públicos, nas casas de assistência à infância, nas escolas e nas residências.

⁴⁰ No Relatório da Diretoria de Estatísticas, do ano de 1902, estão registradas as moléstias que mais mataram, na Bahia, no ano de 1898. Em um total de 9396 mortes, 1320 foram provenientes da malária, 1887 foram atribuídas a causas ignoradas e 1320 foram identificadas como “especies da infância”. IBGE. Relatório de 1902 da Diretoria Geral de Estatística. Rio de Janeiro, 1902. Disponível no site: <<http://biblioteca.ibge.gov.br>>.

⁴¹ A Penna, 1º/01/1918, p.05, nº 153, Anno VII

1.2.2 Higiene e saúde.

As questões ligadas à saúde da criança estiveram muito presentes entre as preocupações das famílias em Caetité, nas primeiras décadas do século XX, e direcionaram muitas práticas em prol do controle das doenças e da mortalidade. Ao adulto caberia cuidar das crianças, tomar as decisões e intervir na garantia da saúde e na recuperação das moléstias dos pequenos; à criança, estava reservado o papel de se submeter a essas determinações. Nesse aspecto, a diferença entre adulto e criança é bem clara e fundamental para a manutenção da vida, principalmente nos anos iniciais de vida, entretanto percebemos que os meios de comunicação enfatizam demasiadamente a responsabilidade dos adultos nessa tarefa. De acordo com Veiga (2004), essa distinção não é algo estabelecido *a priori*, mas algo construído pela sociedade, que aos poucos vai estabelecendo transformações na relação adulto/criança e nas funções desempenhadas. Aos pais caberia acompanhar o desenvolvimento da criança, ensinar, enfim, assumir a responsabilidade pelo seu cuidado.

Nas cartas, assim como nos jornais, o tema sobre a responsabilidade com a saúde da criança era sempre recorrente, muitas vezes em tom de denúncia pela ausência dos cuidados que seriam exigidos para a manutenção da vida. Na edição do jornal *A Penna* de 04 de agosto de 1916, foi publicada a seguinte nota:

Falleceu e foi sepultado a 11 do passado n'esta Cidade o menor Luciano de cerca de 13 annos, victima de **hipoemia intertropical**. O desventurado, que residia no Districto, era filho do Sr. João Rodrigues Gomes. Talvez por descuido, o mal attingiu grandes proporções chegando a creança a ser dominada pela depravação do appetite e dar-se ao (ilegível) de ingerir materias indigestas como terra e outras. Ultimamente, quando submetido a tratamento, já era impossível a sua salvação.⁴²

A notícia, além de publicizar a morte do garoto, trouxe à tona uma doença bastante discutida no período, o “amarelão”, doença tratada por Monteiro Lobato na década de 1910 com o personagem “Jeca Tatu”, representando o atraso do homem caipira⁴³. O jornal sugere ainda que “talvez” os familiares da criança se “descuidaram”, ao deixar que o mal propagasse ao ponto do tratamento não fazer mais efeito. Ao destacar que a residência do menino não era na

⁴² *A Penna*, 04/08/1916, p.04, nº 117, Anno V. Grifo meu.

⁴³ O nome “Jeca Tatu” aparece pela primeira vez numa carta de Monteiro Lobato intitulada “Velha praga”, publicada no jornal *O Estado de São Paulo* no dia 12 de novembro de 1914, na qual ele denunciava as práticas de cortar e queimar as roças, utilizadas por seus vizinhos caipiras. (HALLEWELL, 1985, p. 237).

sede urbana, mas em um distrito, fortaleceu o estabelecimento, mais uma vez, de uma relação entre rural e atraso. Entretanto, contraditoriamente a esse discurso, essa enfermidade aparece também nos registros de famílias da sede. Flávio Neves relata nas suas memórias, já marcadas pela sua profissão de médico, que as administrações de vermífugos eram comuns nas crianças da sua família, através da *dose usual de óleo de rícino ou uma terrível ingestão de um vermífugo, como o Tiro Certo* (...) e que *as lavagens intestinais eram de muito prestígio e propinadas com frequência* (1986, p. 23). Em correspondências pessoais de outra família da cidade, a doença nas suas crianças é retratada,

Edivaldo **melhorou com o lubrigueiro**? Já está se alimentando melhor? Antes V. tivesse deixado elle seria melhor para mim porque tinha mais com que me distrahir e para saúde d'elle, e comigo elle não fazia a impertinencia que faz ahi. Hontem fui visitar a mulher do Dr. João Bastos e vi o d'ella que está na mesma condição de Edivaldo lembrei-me muito d'elle. Ella disse-me que já teve 3 meninas depois do menino e que tem morrido ficando sempre o menor, o caçula, já está com 5 annos. (...).⁴⁴

A constante presença das discussões sobre a saúde fez parte do ideário médico-higienista, em voga no Brasil desde o século XIX, mas que se intensificou a partir da década de 1920 *buscando reordenar as diferentes instâncias educadoras da infância, notadamente a família* (GOUVÊA; PAIXÃO, 2004, p.345). A educação higiênica garantiria a força e a saúde, pois a infância seria a melhor idade para modificar o comportamento. José Gondra e Inára Garcia (2004) afirmam que foi construído um discurso médico, sob a lógica da ciência, para o investimento de maiores cuidados nessa fase da vida, capaz de assegurar sua continuidade, principalmente no caso das crianças pobres, que, no olhar da classe médica, estaria mais suscetível à ignorância, à rudeza, e, por isso, mais expostas às mazelas sociais. Além do mais, foi defendida a ideia de que nessa fase a criança estava mais susceptível ao aprendizado e às correções, sendo mais fácil “moldar” seu comportamento. Os conhecimentos biológicos e psicológicos sobre a natureza da criança defenderam sua plasticidade e sua adaptabilidade com sua capacidade natural de ajustamento a fins postos pela sociedade, conforme analisa Marta Carvalho (2003). Disciplinar não é mais prevenir ou corrigir. É moldar. Nesse sentido, a ciência da Higiene, associada aos conhecimentos da Psicologia, investia na proposta de educabilidade da infância, mas da infância “saudável”. A “robustez” da criança era o ideal a

⁴⁴ ANNA SPÍNOLA. **Carta para Celsina**. Caetité, 02 de outubro de 1917. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 01, maço 02. Grifo meu.

ser conquistado e evidenciava sua boa saúde, conforme trata o anúncio abaixo, publicado no jornal *A Penna*, no ano de 1926:

CREANÇAS ROBUSTAS,
cheias de vida, que tanto promettem para o futuro, são uma verdadeira alegria do lar domestico.
Para elles não há rachitismo, nem caras tristes, nem a tendência que os torna afeitos a enfermidades, com o conseqüente soffrimento, despezas e angustias para os paes.
Recorde-se que para elles a melhor garantia da sua saúde é o freqüente emprego da EMULSÃO SCOTT de rico óleo de fígado de bacalhao.⁴⁵

A medicina higienista encontrou nos impressos um dos melhores espaços para irradiar seu ideário (GOUVÊA; PAIXÃO, 2004). O espaço urbano foi se afirmando como o lugar em que o ideal de modernidade encontrou meios de se expandir, principalmente por meio da circulação da língua escrita. Nas propagandas publicadas no jornal *A Penna* se percebe a intenção de difusão de uma nova imagem da infância para o seu público. Foi por meio dessa propaganda de remédio que se divulgou pela primeira vez, no jornal *A Penna*, a imagem de crianças:



Figura 5 - *A Penna*, 07/07/1916, p.03, nº 115, Anno V

Maria Cristina Gouvêa e Cândida Paixão, ao tratarem da receptividade dos impressos para um determinado público e das expectativas que provocavam, perceberam que: *os reclames dirigem-se ao leitor, notadamente, à mãe, convencendo-a da necessidade imperativa da*

⁴⁵ *A Penna*, 08/07/1926, p.04, nº 383, Anno XV

aquisição do produto veiculado, mediante a afirmação de sua fundamentação técnico-científica. (2004, p. 354). Dessa forma, era principalmente para as mulheres, no seu papel de mães, que esse tipo de texto se direcionava, pois a elas caberia “educar” a família, introduzindo no ambiente doméstico, os novos hábitos condizentes com uma sociedade “civilizada”, entre eles, dedicar maior atenção às crianças. Nos exemplos acima, um texto informa que a “Emulsão Scott” possui “rico óleo de fígado de bacalhau”, propriedade que garantiria à criança sua saúde e evitaria as “enfermidades”, sofrimentos e até “despezas” para os pais e o outro informa que o “Bromil” curou três crianças de diferentes moléstias. A imagem da criança saudável, bonita, estava associada à alegria, longe das tristezas e do “rachitismo”. A medicina higiênica pretendia ser mais preventiva que curativa. Na propaganda abaixo, presente em várias edições da década de 1920, o texto chama a atenção das mães, em destaque, para o cuidado com a dentição⁴⁶ das crianças:

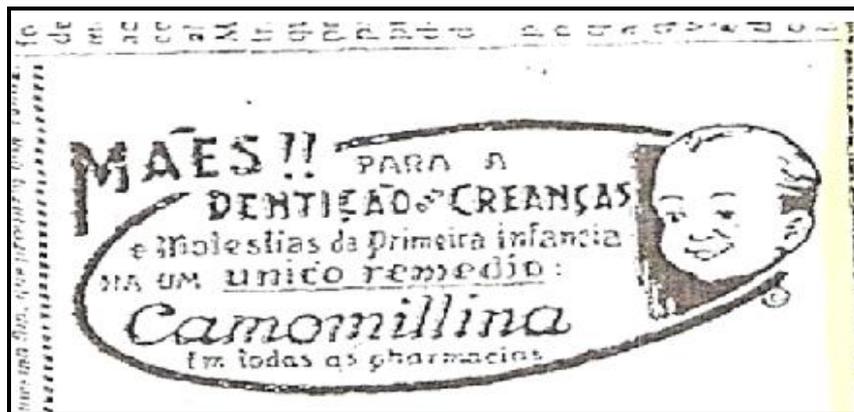


Figura 6 - *A Penna*, 18/06/1925, p.03, nº 346 , Anno XIV⁴⁷

Não era só nos textos impressos que a imagem e a robustez infantil eram valorizadas e exibidas, mas também nos espaços públicos, por meio da realização dos concursos de robustez infantil em várias cidades brasileiras, no período (VEIGA; GOUVÊA, 2000; GOUVÊA; PAIXÃO, 2004). Segundo Cynthia Greive Veiga e Maria Cristina Gouvêa:

⁴⁶ A medicina higienista era atuante em Caeté, como podemos perceber nesta notícia intitulada “Assistência dentária infantil”, informando sobre a instalação do Posto dentário:

“No dia 21 do corrente mez, em um apartamento do grande edificio da Escola Normal, em presença de todas as autoridades escolares, de todos os representantes do mundo official deste municipio e da elite social caetéense, foi solememente inaugurado pelo presidente da Caixa Escolar, o Gabinete Dentario por onde se effectuará a assistencia dentaria da infancia de Caeté. (...) E a idéa persistiu, cresceu, tomou vulto, transformando-se em realização, o que a directoria da Caixa Escolar de Caeté sonhou fazer em favor da infancia, em beneficio do futuro de uma raça que precisa da puericultura e dos cuidados preventivos, recomendados pela hygiene. Em seis dias de trabalho oitenta crianças foram rigorosamente inspeccionadas, passando todas ellas pelo tratamento preliminar e indispensavel. (...) Caeté, segundo nos consta, é a primeira cidade do interior que já tem instalado um serviço de assistencia dentario infantil. (...) *Grifos meus. A Penna*, 29/09/1927, p.01, nº 413 , Anno XVI.

⁴⁷ O texto da propaganda diz o seguinte: “Mães!! Para a dentição das creanças e moléstias da primeira infância há um único remédio: Camomillina, em todas as farmácias.”

a promoção da infância sadia constituía estratégia privilegiada de divulgação da eugenia⁴⁸ pois, ao festejar a infância bela e robusta, criavam-se condições de disseminação e irradiação do ideal de aprimoramento racial. (...) Dirigia-se tanto à criança e à família, quanto à cidade, através da realização de um evento que tomava o caráter de participação popular e espetáculo de massa (2000, p. 150-151).

Nesses concursos, além da divulgação das crianças robustas, saudáveis e prioritariamente brancas, divulgavam-se também os resultados do cuidado das mães com as crianças e, conseqüentemente, a aplicação dos saberes médicos. O conhecimento médico adquiriu fóruns de “verdade” e uma credibilidade sob os auspícios da ‘ciência’. Em carta entre mulheres da família Teixeira aparece a preocupação com a saúde do menino e a confiança no médico: *Sobre Edivaldo já conversei com Anisio, logo que se puder levaremos ao medico; elle está realmente mais desfeito depois que voltou de Gurutuba, onde tanto robusteces-se.*⁴⁹ O médico intervém nas famílias, principalmente, por meio das mães, como conselheiro nas questões da higiene, influencia a forma de educar a criança, de evitar doenças, de alimentar e de vesti-las. Sob o título “Medicina para todos”, o jornal *A Penna* divulgava matérias de jornais que circulavam em outras regiões do País, sobre a saúde das crianças, como esta “Pelas crianças”, de autoria de um médico e jornalista gaúcho, Dr. Mário Totta. De acordo com o texto:

Há um vício de educação que é preciso sanar, porque elle é incompatível com a saúde: esse que tem certas mães de criar os filhos numa redoma... E o alluvião dos avisos, dos cuidados e das proibições se despenha dia e noite, torrencialmente, sobre a atordoada cabecinha do filho, desde pequenino... Semelhante educação, ó boas mamães, é um grave erro, incompatível com a saúde de vossos filhos. Deixe que os pequeninos brinquem e corram á sua vontade (...) Vós acostumaes as crianças a um regime prejudicialissimo que lhes entrava por completo as faculdades physicas e moraes.⁵⁰

Dr. Mário Totta era médico e professor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Ele apresentava nos seus discursos a concepção de que a educação deveria ser propiciada desde a mais tenra idade, por meio da pedagogia do exemplo, das regras do bem-viver, com o intuito de salvar as pessoas da ignorância e contribuir com a formação das virtudes, da inteligência e

⁴⁸ No discurso eugênico “a criança se transforma em espécime da raça, sendo sua identidade infantil subsumida em virtude de sua identidade racial, possibilitadora da construção de uma nação com uma composição racial aprimorada” (Gouvêa; Paixão, 2004, p. 358). De acordo com Veiga (2007, p. 260) “no contexto de elaboração de uma nova identidade étnica, as teses higienistas e eugenistas previam também a profilaxia das raças e o branqueamento da população”.

⁴⁹ ALICE. **Carta para Celsina**. Bahia, 26 de agosto de 1924. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 01, maço 02.

⁵⁰ *A Penna*, 01/01/1927, p.04, nº 406, Anno XVI.

do fortalecimento do caráter. Mas, não se tratava de uma educação qualquer, conforme afirma Maria Stephanou (2005, p.144) o Dr. Mario Totta propunha *as contribuições da ciência médica para a obra educativa direcionada às mães, mas não uma instrução simplória, mas o domínio de um conjunto de saberes articulados e sistematizados pelos médicos- a puericultura*. Na matéria acima, divulgada no jornal em Caetité, Dr. Totta orienta as mães a darem mais liberdade aos filhos, pois “criar os filhos numa redoma” pode “entravar as faculdades físicas e moraes” das crianças.

Dessa forma, a preocupação com a educação higiênica da criança ia além da garantia da saúde, intencionando-se atingir, principalmente, a prosperidade e a ordem do Estado republicano. De acordo com Carlos Monarcha (2003, p. 123), *o discurso republicano, pleno do messianismo político, promove uma súbita valorização da criança, representando-a como herdeira da República, alegorizada esta na figura da mulher amorosa e abnegada*. Assim, a República brasileira nasceu cercada por discursos que tentaram construir uma relação entre o novo regime e a inauguração de um período de progresso, de renovação e de modernidade. Maria Tereza Chaves de Mello (2009, p.16) afirma que *a Proclamação da República é um episódio da modernização à brasileira*.

Para construir a concepção de um tempo novo, no período da implantação da República, foi necessário estabelecer um rompimento com o período anterior, a Monarquia, associando-o a termos que denotassem apatia, atraso, tirania, entre outros. O período anterior representava o passado e a República, o futuro, como se o tempo precisasse ser acelerado para viver todas as promessas do progresso, da liberdade, da ciência. Para isso, tornava-se necessário inserir novos hábitos, higienizar e disciplinar a população, dentro da ordem e do direcionamento moral, ou, ao menos, divulgar estes discursos. Em Caetité, o interesse em manter a cidade limpa, com uma aparência renovada e de progresso, era evidente nos discursos divulgados no jornal:

Uma das mais urgentes e inadiáveis necessidades urbanas é o asseio rigoroso (...). É preciso, pois, é urgente, que serias providencias sejam tomadas em ordem a confirmarmos os créditos que adquiriu a nossa urbs; que os fiscaes andem mais attentos, que os proprietários sejam compellidos, sob pena, de accordo com as posturas, a cair as suas casas e limpar o espaço que em frente dellas lhes pertence; que sejam melhoradas as ruas e travessas cujo calçamento esbarronda-se. É da competência dos Fiscaes fazer vigorante a lei e levar ao conhecimento do seu superior quaes as medidas que convem tomar-se pelos cofres públicos para o asseio e embellezamento da Cidade.⁵¹

⁵¹ A Penna, 18/02/1926, p.01, nº 366 , Anno XV.

De acordo com Cynthia Veiga (2007) os princípios médicos e higienistas tiveram uma forte caracterização moralista. Associavam-se as condições higiênicas com a condição moral. Entretanto, afirma a autora, não podemos deixar de reconhecer os méritos da política higienista na contenção dos altos índices da mortalidade, principalmente da mortalidade infantil, no período. Era preciso “civilizar” a população. Porém, falar do Brasil como uma “civilização” é algo inapropriado, pois, segundo Cynthia Veiga, esse conceito desenvolvido por Norbert Elias (1994) teve sua construção no contexto da formação das nações européias e constituiu a ideia do civilizado, contraposto ao não-civilizado. Segundo Cynthia Veiga (2002, p. 101),

isso não significou que, no Brasil, o termo não tenha sido incorporado pela sociedade, ou mesmo pelo Estado (...). Na tradição intelectual brasileira do século XIX e início do século XX, a representação de um Brasil não se fez com base no conceito de uma nação civilizada que se auto-reconhece como tal, mas constituiu-se pela permanente dúvida em relação às condições de possibilidade de se tornarem seus habitantes civilizados.

Por isso mesmo, pela consciência e desejo de se alcançarem melhores patamares nos quesitos referentes a hábitos civilizados, é que se propagaram discursos e ações que, na perspectiva dos idealizadores das propostas, seriam capazes de promover mudanças em alguns costumes e na normatização da sociedade, com grande atribuição às famílias no cuidado com a criança.⁵² A interferência na alimentação das crianças, no sentido de “orientar” as mães nessa prática, constituía uma das estratégias da política higienista.

1.2.3 Alimentação

Nossa nutrição era bem vigiada por minha Mãe que queria os meninos bem fortes. Tal era bem assegurada, pois começávamos o dia, com boa coalhada, café com leite e quintandas; almoço às 11 horas, merenda às três, jantar às seis e, antes de deitarmos um reforzozinho.

⁵² Uma das principais propostas da Primeira República foi o projeto de ampliação da educação escolar, disseminando a educação primária. A historiografia da História da Educação brasileira desenvolveu inúmeros trabalhos que focam essa questão. Devido à sua amplitude, destacaremos apenas alguns deles. Alessandra Schueler e Ana Maria Magaldi (2009) tratam do embate entre as diversas representações construídas pelos historiadores, tentando desconstruir e problematizar muitas delas, entre as quais, a ideia republicana de esquecer a experiência do Império, no sentido de realçar o tempo presente e a modernidade de suas propostas. Jorge Nagle (1974) pretendeu complexificar os processos históricos de mudança social, cultural e política, questionando a ideia da ruptura pretendida pelos republicanos e reforçada em muitos estudos. Sobre o tema ver ainda “A escola e a república e outros ensaios”, por Marta Carvalho (2003) e “Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)” por Rosa de Fátima e Souza (1998).

Ingestão de frutas não tinha hora. Assim Flávio Neves (1986, p. 58) recorda de como a sua mãe organizava a dieta alimentar das crianças da família⁵³. Percebe-se o estabelecimento de horários definidos para os momentos das refeições e da vigilância sobre essas práticas, além da diversidade de alimentos consumidos. Ele reitera o papel atribuído à mãe no cuidado e na educação dos filhos, mesmo daquelas mães que possuíam um grande número de empregados que poderiam assumir essa tarefa. Dependia da mulher, segundo a concepção da época, a garantia de uma família harmonizada; era sua a responsabilidade pela saúde e pelo bem-estar da família.

Amamentar fazia parte dessas responsabilidades e era recomendado pelos médicos como uma das práticas que combatiam a mortalidade infantil, pois eram principalmente *as crianças mais novinhas, as que são creadas fora do seio e sem a menor observância das regras de hygiene alimentar, as que succumbem em maior numero, victimas innocentes de uma alimentação imprópria.*⁵⁴ Segundo Jurandir Freire Costa (1989), a pressão higiênica a favor de que a amamentação dos filhos fosse realizada pelas próprias mães e não pelas amas de leite, como costume anterior, fez-se sob várias argumentações. Um deles era que o ato de amamentar garantiria o estreitamento dos laços familiares e a unidade da família, possibilitando à mulher exercer sua tarefa de amar, proteger e preservar a vida dos filhos. O autor defende a hipótese de que, por trás desse discurso e da pressão higiênica, estava a intenção de conter a emancipação feminina e restringir seu papel social. Entretanto, ao se analisar a situação sob as concepções eugênicas, predominantes no período, é mais provável que a amamentação pelas amas de leite fosse condenada, devido ao fato da maioria delas serem negras e mestiças provenientes das camadas populares, que eram associadas à falta de higiene e de saúde e, assim, colocariam em risco a saúde das crianças brancas. Moysés Kuhlmann Jr. (2007) afirma que em 1923 ocorre a primeira regulação do trabalho feminino tendo em vista a possibilidade de garantir a amamentação para as mulheres que trabalhavam em estabelecimentos de indústria e comércio. Todavia, além do tema tratado no jornal, não encontramos outros registros sobre a prática da amamentação das crianças em Caetité, o que nos incita a pensar o porquê da ausência do tema nos outros documentos. Será que as crianças eram naturalmente amamentadas pelas mães, por amas de leite ou eram alimentadas com leite de gado bovino ou

⁵³ Sobre uma história da alimentação André Burguière (1993, p.31) destaca a obra *Historie de la vie privée des français* (1782) de Pierre J. B. Legerand d'Aussy, que trata sobre os hábitos alimentares franceses, sob três aspectos: produção, consumo e gosto. Burguière afirma que ainda hoje, esses são os eixos de pesquisa principais de uma história da alimentação. Sobre a história da alimentação no Brasil ver: Luís da Câmara Cascudo (2004) e Roberto DaMatta (1986).

⁵⁴ *A Penna*, 03/02/1921, p.02, nº 236, Anno X.

caprino? A matéria publicada no jornal indica a existência de tensões sobre o hábito da amamentação, pois, caso contrário, não justificaria a matéria no jornal da cidade, chamando a atenção para essa questão.

A prática da alimentação das crianças foi um dos aspectos da vida cotidiana que a medicina higienista encontrou espaço para atuar. Formar bons hábitos alimentares nas crianças fazia parte da proposta educativa que seria guiada, por meio das mães, pelos médicos. A medicina social procurava renovar os hábitos alimentares, ao desmistificar as concepções “pré-científicas” desenvolvidas no decorrer do tempo, nas várias regiões do País. De acordo com Jurandir Freire Costa (1989, p. 179), as prescrições alimentares intencionavam transformar a criança em um corpo adulto, cuja força e vitalidade fossem a prova do sucesso higiênico. Nesse ponto, observamos mais uma vez os espaços encontrados para a definição de diferenciações entre criança e adulto. Nessa concepção, a criança encontrava-se em uma fase de fragilidade biológica que precisaria ser superada por meio da sua transformação em uma pessoa adulta forte e a prática de uma alimentação adequada, de qualidade, era condição fundamental.

Na alimentação das crianças maiores, além da fartura de frutas do próprio pomar⁵⁵, pois quase todas as casas possuíam quintais com árvores frutíferas, era habitual o consumo de bolos, doces, biscoitos e requeijão, produzidos na região. Conforme Neves:

Auspiciosa a cena que se verificava uma vez por semana, a movimentar a dispensa e a cozinha. Desde cedo, com as empregadas a derramar largas porções, em gamelas de madeira, de farinha de trigo, tapioca (povilho), preparar-se o amassamento, deixar a massa crescer (...) À tarde, farta colheita; ximangos, chiringas e voador, biscoitinhos do reino, bolinhos e bolões e, às vezes, algum bolo de arroz. Era de baixo consumo o usual pão de trigo; o que era compensado pela variedade de quitandas. (NEVES, 1986, p. 58)

O consumo de carne também era hábito frequente nas dietas. Proveniente do abate do gado criado nas extensas fazendas da região, a carne, salgada e seca ao sol para melhor conservação, encontrava-se disponível nas feiras semanais. A criação de animais de pequeno porte para o consumo da família se dava nas áreas ao fundo dos quintais das residências,

⁵⁵ Flávio Neves (1986, p. 59) relata a existência de inúmeras espécies frutíferas, como: jacas, goiabas, cajus, araçás, jabuticabas, cocos, marmelos, nêspersas, atalinas, figos e pêssegos, etc.

mesmo na sede⁵⁶. O consumo desses animais era reservado para datas especiais, como os finais de semana, os casamentos e para as refeições das parturientes que degustavam o pirão e a canja de frangos e galinhas, próprios para tais momentos. Segundo os costumes, *após o banho do miúdo, vinha a bandeja da mamãe. O forte, um franguinho, do lote já reservado para a ocasião, temperado com o indispensável cominho. Os meninos da casa aguardavam a vez para liquidarem com as sobras que não eram nada de desprezar-se.* (NEVES, 1986, p. 22). As crianças compartilhavam dessa refeição especial, mas, em um segundo plano, assim como eram elas quem ficava por último para serem servidas nos almoços e jantares dos casamentos. A primeira “rodada de mesa” era para os noivos, pais e padrinhos; a segunda, para os parentes e amigos mais próximos; e assim sucessivamente. Quando todos os adultos estivessem servidos, seria a vez das crianças. Essas práticas revelavam a constante disciplinarização da criança por meio dos hábitos alimentares, em uma sociedade hierarquizada, em que a produção das diferenciações entre adultos e crianças foi sendo construída cotidianamente. Segundo Ana Galvão (1998), era nos momentos das refeições, à mesa, que se ensinava, exibia-se e avaliava-se a sofisticação dos costumes, principalmente na frente de visitas. A garantia de uma sociedade civilizada dependeria da boa educação da criança. Os mecanismos utilizados para esta disciplinarização fundamentavam-se em novos pressupostos e não mais na utilização da força e de medidas restritivas e supressivas da liberdade (CARVALHO, 2003; COSTA, 1989). Nos estudos sobre a teoria dos processos civilizadores, Norbert Elias (1993, p.196) afirma que *o controle mais complexo e estável da conduta passou a ser cada vez mais instilado no indivíduo desde seus primeiros anos, como uma espécie de automatismo, uma autocompulsão à qual ele não poderia resistir, mesmo que desejasse.* Segundo ele, nas sociedades que conseguiram um monopólio mais estável da força física, as crianças sofriam, desde cedo, a adequação a um padrão altamente regulado e diferenciado de autocontrole, submetendo-se gradualmente a regras e leis cada vez mais rigorosas.

Isso não significa que as crianças não fossem consideradas e que, em certas situações, ocupassem um lugar de destaque. Esse aspecto foi evidenciado na prática de enviar alimentos de um lugar para outro, considerando-se, principalmente, as preferências alimentares das crianças e as particularidades produzidas em cada lugar. O requeijão vinha das fazendas para

⁵⁶ Sobre a criação de animais na zona urbana, a postura nº 85 do Código de Posturas Municipais instituía que: “Fica proibida a criação de porcos soltos dentro desta cidade e em todos os arraiaes d’este município; sob pena de serem mortos ou apreendidos: no 1º caso serão distribuídos pelos pobres e no 2º vendidos e recolhidos ao cofre da municipalidade o seu product. Si os donos os reclamarem serão multados em 10\$000. Ficam sem effecto as posturas nº 28 e 75.” APMC, Livro de Posturas, nº 85, fl 22f.

a sede e era levado também para pessoas da família na capital. Iam e vinham doces, biscoitos de povilho, beiju, legumes, com o intuito de fazer agrados às crianças, mostrar afeição, além de completar a dieta alimentar. Segundo cartas, encontradas nos acervos pesquisados:

Recebi o doce e o requeijão, estavam muito bons, tem sido uma bôa merenda para a meninada. Vai uma lata de doce pra Edivaldo e umas verduras para V.⁵⁷

Querida Vovó,
(...) Agradeço as bolachas e gostei muito, todos os dias tomo leite com as bolachas.
Abençõe o netinho querido.⁵⁸

Querido Edivaldo,
Mando uns beijusinhos para V. afogal-os no leite⁵⁹

Por meio da prática de ofertar produtos alimentares desejados, os relacionamentos familiares eram cultivados e os costumes eram mantidos, mesmo para aqueles que estavam distante da região. Afinal, a prática alimentar envolvia bem mais do que a função da nutrição (GALVÃO, 1998). Essa questão também se evidencia na prática das conversas após o jantar, geralmente dominada pela figura paterna, que contava causos e histórias dos mais antigos. Esse era um momento muito aguardado pelas crianças e que contribuía de forma significativa para a sua formação. À prática da alimentação, entrelaçavam-se os costumes, os gostos, os sentimentos e os afetos, que contribuíam de forma efetiva na produção das crianças, principalmente quando as gerações mais velhas faziam uso desses momentos para a transmissão dos valores, das normas e regras que elas desejavam que fossem incorporadas pelas novas gerações.

1.2.4 Vestimentas

A prática do vestir-se, em Caetité, assim como em outros aspectos do cotidiano, era algo a que as pessoas dedicavam muita importância, principalmente na vida social. De acordo com Flávio Neves: *as senhoras [apareciam] revestidas de finas sedas e as crianças bem*

⁵⁷ ANNA SPÍNOLA. **Carta para Celsina**. Caetité, 09 de abril de 1916. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 01, maço 04.

⁵⁸ ERNANI. **Carta para Vovó** (Anna). s/l e s/d. APMC, Fundo: Casa Anísio Teixeira. Série: Cartões diversos, caixa 01, maço 09.

⁵⁹ EVANGELINA. **Carta para Edivaldo**. Gurutuba, 27/06/1922. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 01, maço 04.

apresentadas. Os elementos, mesmo de classe média, dispunham de roupas bem guardadas, mobilizadas, em missas, festas e casamentos.” (NEVES, 1986, p. 45).

No caso específico das crianças, as primeiras roupas eram as “camisinhas de pagão” e os cueiros. Nas famílias mais tradicionais, ricas ou não, o preparo dos enxovais dos bebês envolvia as mulheres, inclusive as meninas, na arte de costurar e bordar, conforme trecho desta carta: *Carmita mostrou-me umas camisinhas que está bordando para o bebê de Leontina, muito bonitinhas e delicadas, são feitas em opaline.*⁶⁰ Certamente, nem todos os bebês eram tão bem vestidos, com camisinhas bordadas, de tecido fino e delicado. Nas páginas do jornal *A Penna*, a partir do ano de 1912, começaram a ser publicados anúncios de uma loja da cidade que destacava entre os seus produtos, as “roupetas e vestidos para creanças”⁶¹, constituindo-se noutra opção para a aquisição do enxoval. Provavelmente eram produtos de custo mais elevado, destinados a famílias ricas, que estavam desconstruindo a prática tradicional da região, da confecção do enxoval do bebê ser feita pelas próprias mulheres da família. Segundo Gilberto Freyre (2004, p. 182),

o enxoval do menino era feito com esmero em casa, ou mandado fazer por gente perita na arte da renda (...). Já no meado do período considerado no ensaio [transição do século XIX para o XX] é que se tornou moda, entre as famílias mais elegantes do Rio de Janeiro e das capitais das Províncias e Estados mais progressivos, mandar vir enxovais da Europa.

Quando as crianças saíam dos cueiros e das camisinhas, o tipo de roupa usado era o “vestido”, ainda de forma indistinta entre meninos e meninas⁶². De acordo com Flávio Neves (1986), tentava-se uma diferenciação no nome: “camisola” para meninas e “camisolo” para os meninos, mas o formato e modelo do “vestido” continuavam sendo iguais para ambos os sexos. O fato de as crianças serem vestidas de modo mais ou menos indistinto acentuava as singularidades de sua faixa etária (COSTA, 1989). Provavelmente, intencionava-se, por meio

⁶⁰ EVANGELINA. **Carta para Nenem** (Celsina). Gurutuba, 15 de julho de 1926. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 01, maço 04.

⁶¹ *A Penna*, 08/10/1912, p.06, nº 20, Anno I.

⁶² Philippe Ariès (2006) traça uma trajetória da historicidade dos trajes infantis na sociedade francesa, em famílias burguesas, a partir da Idade Média. Segundo o autor, foi mais forte a tentativa de diferenciação entre o menino e o homem adulto que entre a menina e a mulher adulta, afirmando que o sentimento de infância beneficiou primeiramente os meninos. “Por volta de 1770, os meninos deixaram de usar o vestido com gola aos quatro-cinco anos. Antes dessa idade, porém, eles eram vestidos como meninas, e isso continuaria até o fim do século XIX: o hábito de efeminar os meninos só desapareceria após a Primeira Guerra Mundial (...)” (ARIÈS, 2006, p. 39).

desse costume, criar diferenciações entre as fases da vida, instituindo imagens de infância e formas de comportar-se por meio dos hábitos do vestuário, de acordo cada período. Podemos observar nas fotografias do álbum de retratos da família Teixeira vários exemplos, em crianças de ambos os sexos:



Figura 7 - APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: Álbum de fotografias. Caixa 01. 1912; 1916; 1919.

A primeira foto, da esquerda para a direita, é de um menino nascido em 1911, a segunda é de uma menina nascida em 1916 e a terceira é de outro menino nascido em 1918. As duas primeiras crianças tinham idades bem próximas quando as fotografias foram tiradas, seus “vestidos” são bastante parecidos: soltos, sem mangas e sem gola, com bordado nos acabamentos das cavas e da barra e enfeitados com laços. Na foto da menina, percebe-se a roupa de baixo, mas não dá para identificar ser uma fralda ou outra peça. A criança da última foto é um pouco mais velha que as duas primeiras, mas ainda usa vestido solto, com mangas e sem bordados. A falta dos bordados e enfeites talvez seria uma tentativa de diferenciação entre a roupa de menino e de menina. Diferentemente das duas primeiras crianças, o menino estava calçado e com touca na cabeça. Assim como a segunda criança, parecia estar bem mais à vontade na pose para a foto.



Figura 8 - APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: Álbum de fotografias. Caixa 04. 1925; 1917; 1912.

Nesta outra sequência, temos na primeira fotografia dois meninos e uma menina, entretanto, a foto não trazia nas inscrições do verso qual das crianças seria a menina. Também não traziam referências das datas, mas podemos estimar que eram aproximadamente do mesmo período das anteriores (final da década de 1910). Nos modelos das roupas percebemos variações em pouquíssimos detalhes, como tipo de cavas das mangas e gola. O tecido e o bordado apresentam o mesmo estilo entre as três crianças, assim como os sapatos e o corte do cabelo, com exceção do bebê, que ainda apresentava pouco cabelo. Desta forma, não encontramos elementos suficientes, pelos seus trajes, para definir qual é a menina. Na segunda fotografia temos a imagem de dois meninos, de idades mais distantes entre si, mas o estilo do vestido permanece, apesar do menino já parecer bem mais velho que as crianças das fotografias anteriores. A terceira fotografia traz a imagem de duas meninas, trajando roupas que já indicam um modelo de vestido mais próximo dos modelos de vestidos das mocinhas e mulheres adultas: acinturado, com faixas, mangas fofas, muitos babados, gola bem alta, chegando ao pescoço, diferente do camisolo que possuía maiores decotes. A exposição de partes do corpo estava associada à imoralidade. *A nudez foi cada vez mais se identificando com a indecência e com maus modos* (COSTA, 1989, p.131). A menina mais velha traz outra diferenciação, aproxima-se dos padrões femininos de indumentária, que são os cabelos longos e a fita com laçarote arrematado no alto da cabeça, como uma tiara, além das sapatilhas claras e com laços. Essa diferenciação pode ser proveniente da melhor condição econômica da família dessas últimas meninas, pois a criança menor, comparada com as meninas das outras fotografias, ainda estaria na idade de usar o vestido padrão para o que definimos hoje como sendo a primeira fase da infância.

A diferenciação das roupas dos meninos, de acordo com as fases da vida de uma criança, passava do vestido para as calças curtas e, posteriormente, para as calças compridas, esta última quando o menino estava se aproximando da vida adulta. O desejo de usar calças era presente na vida dos meninos, pois parecia indicar uma situação superior em relação às outras crianças e uma identificação com a figura do adulto. Ao que parece, atingir a idade ou a condição de adulto era o desejo de muitas crianças. No trecho da carta abaixo, um menininho, de três anos de idade, já evidenciava a vontade de trocar os vestidos pelas calças curtas: *Edivaldo está bom; tem vindo aqui algumas vezes, sempre alegre e satisfeito, esperando umas calças “que mamãe traz”*.⁶³ Nas suas memórias, Flávio Neves relata o sentimento desconfortável que sentia por usar vestidos. Nesse sentido, ele realça que a ausência de diferenciação entre meninos e meninas até certa idade da vida da criança, naquela cidade, nas primeiras décadas do século XX, já estava chegando aos seus limites, a ponto das crianças do sexo masculino sentirem-se incomodadas em usar o modelo padrão de vestido, em virtude também dos padrões que estavam mudando entre os adultos, pois os homens faziam chacota dos meninos que encontravam de vestido nas ruas. Flávio Neves (1986, p.47) nos conta que, ao entrar numa loja com uma amiguinha da mesma idade, ouviu um dos homens dizerem: *Oh! Que duas meninas bonitinhas*. Desse dia em diante se recusou a sair na porta da rua vestido com tal traje. Nesse outro trecho, ele narra como conseguiu chegar às calças compridas:

Minha primeira roupa de gente, calças compridas, foram obra da Atília [costureira local]. Meninos e meninas eram vestidos, até certa idade, com vestidos iguais, enfeitados com renda. Usavam camisolas indistintas quanto ao sexo. Um intento de certa diferenciação se via em referências a um menino que estava a usar um ‘camisolo’ o que seria, de certa forma, diverso da camisola da menina. E como principalmente as mães conservavam cacheadas as cabecinhas dos pimpolhos, a indistinção entre meninos e meninas era mantida. (...) Meninos usavam calças curtas; o acesso às compridas era uma concessão dignificante pelos pais, ou que já valia como uma prefiguração do adulto que se prometia para breve. Consegui o alvará liberatório aos 13 anos. (NEVES, 1986, p. 47).

Geralmente, muitos meninos das camadas populares só conseguiriam chegar às calças compridas na idade adulta. No caso de Neves, também a condição econômica da sua família teve influência na precocidade do uso das calças compridas, comum nesta idade apenas para

⁶³ ALZIRA. **Carta para Celsina**. Caetité, 17 de abril de 1914. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 01, maço 04.

os meninos de famílias melhor estruturadas economicamente. Percebe-se, dessa forma, como a prática do vestir incorporou vários aspectos que interferiam na produção de diferenciações entre os sexos, entre as gerações e entre classes, marcando a vida das crianças que viveram nesse período em Caetité.

1.3 A CRIANÇA ÓRFÃ: E EU AGORA, COM APENAS ONZE ANOS DE IDADE, ENCONTRAVA-ME SOZINHA NO MUNDO.

Assim como era grande a taxa de mortalidade infantil, também a mortalidade de pais e mães de família era freqüente. Algumas crianças viviam as incertezas da vida ao se depararem com a morte dos pais. Geralmente, a responsabilidade pelas crianças órfãs ficava a cargo de outros membros da família. Quando as crianças órfãs eram provenientes de famílias desestruturadas ou muito pobres, as famílias com melhor estrutura econômica assumiam a sua criação, pois foi apenas na segunda metade do século XX, que a instituição de caridade existente na cidade desde 1919, intitulada Associação das Senhoras de Caridade, estruturou-se para receber crianças no seu espaço⁶⁴. Antes disto, a Associação prestava assistência a elas de outras formas, como contribuição com remédios e doação de roupas, conforme consta no Livro de Contas da Instituição, no mês de julho de 1927.⁶⁵

Áurea Silva, em suas memórias, relata que quando ficou órfã, várias famílias se interessaram em “adotá-la”, mas tiveram suas propostas recusadas devido à observância de outros interesses na ação, conforme cita abaixo:

E eu agora, com apenas onze anos de idade, encontrava-me sozinha no mundo, na segunda orfandade, sem pai nem mãe. (...) Uns se ofereciam para me adotar, na intenção de que eu fosse uma pequena preceptora das suas filhas que, mesmo tendo a minha idade, não tinham o mesmo talento. Mas tanto eu quanto a minha madrinha fomos firmes em rejeitar todos aqueles despropositados convites.⁶⁶

Ao perceber que a órfã teria que contribuir com seus serviços, retribuindo os “favores” da família que assumiria a responsabilidade por sua criação, como era comum nesses casos, as

⁶⁴ Livro de Atas de 1919 a 1940 da ASC. Arquivo da Instituição.

⁶⁵ Livro de Contas 1927, p. 25. Arquivo da Instituição.

⁶⁶ SILVA, 1992, p. 50

ofertas foram encaradas como certa ofensa. Nesse caso, a diferença atribuída por Áurea Silva, quando adulta, nas suas memórias, entre ela, como preceptora, e outras crianças da mesma idade, como aprendizes, deveu-se ao seu talento; entretanto, será que a diferença não estava nas diversas concepções de crianças referentes às condições econômicas? Será que não era exigido da criança pobre que assumisse atribuições da vida adulta mais cedo, como o ato de trabalhar? Enquanto que as crianças das classes mais favorecidas ficavam “protegidas” dessas “agruras” do mundo adulto?

Áurea tinha outra possibilidade para a sua vida que não compreendia o trabalho em casa de famílias ricas. Ela poderia continuar morando com a madrinha, com quem mantinha laços afetivos, mas de acordo com as condições limitadas que ela oferecia. A madrinha de Áurea, Maria Júlia, era costureira e já havia criado várias pessoas, em momentos diferentes da vida; agora assumiria a responsabilidade por mais uma criança: *a madrinha Maria Júlia era exímia costureira, tirando do seu trabalho o necessário à manutenção da pequena família. Já criara duas moças: uma delas, Fausta, casara-se e logo enviuvara. Criara o Alberto, a minha mãe, e Otaviano e a Ilidiana*⁶⁷

Segundo Irene Rizzini (1997), desde os anos de 1870, após a legislação que declarou livres os descendentes de escravos, intensificaram-se as discussões acerca da assistência à criança no Brasil: as pobres, enjeitadas e órfãs; havia uma grande preocupação social⁶⁸ com a criminalidade infanto-juvenil. Com a Proclamação da República, a criança continuaria a ser considerada como base fundamental para a construção da Nação.

Juristas, médicos, pedagogos, filantropos participaram ativamente na assistência às crianças. A ação de particulares, através da fundação de associações filantrópicas e assistenciais, bem como a ação do Estado, por intermédio de instituições oficiais e da subvenções concedidas à iniciativa privada permaneciam marcando a política de proteção à criança nos primeiros trinta anos do século XX (RIZZINI, 1997, p. 27).

Nas correspondências familiares encontramos vários casos de crianças que foram criadas por uma das filhas da família Teixeira, fundadora da Associação das Senhoras de Caridade. Como

⁶⁷ SILVA, 1992, p. 34

⁶⁸ De acordo com Kuhlmann Jr (2007) e Irene Rizzini (1997), várias medidas foram tomadas no final do século XIX e início do século XX em prol da infância, como: a fundação do *Instituto de Proteção à Infância do Rio de Janeiro*, em 1889; criação do *Serviço de Assistência à Infância Abandonada e Delinquente*, em 1921; em 1922 foi realizado o *I Congresso Brasileiro sobre a Infância*; em 1923 foi criado o *Juízo de Menores*, no Rio de Janeiro e em 1927, criou-se o primeiro *Código de Menores* brasileiro.

a associação não tinha espaço para abrigar essas crianças, ela as acolhia na sua própria residência, inclusive, quando ainda era solteira. Em alguns casos, até por interferência da família, procurou orfanatos na capital para internar algumas das crianças. O primeiro caso de “adoção” que consta nos arquivos, no período estudado, aconteceu pela morte, ao que nos indica, de uma velha empregada da família, negra, chamada por eles de Tiinha⁶⁹, que, no tempo em que ficou doente, recomendou a Celsina Teixeira, a criação da sua filha. Assim, a menina Christina foi criada desde 1908 por ela. Era a companhia constante das crianças da família e do seu único filho, nascido em 1911. As crianças “adotadas”, aparentemente, estabeleciam boas relações com o filho de Celsina Teixeira, entretanto, numa situação subordinada. Numa carta para a mãe, o filho cita que sente saudades “até” do José e do Dely: *apesar de já estar aqui há quinze dias, as saudades são como se fosse do primeiro anno que entro para um Collegio; principalmente quando recordo-me das caricias de Vmcê., dos brinquedos, até com José ou Dely e enfim dos ralhos de Vmcê.*⁷⁰

A menina Christina era constantemente lembrada nas despedidas das cartas por todos os membros da família, com exceção do marido, que, em nenhuma correspondência para a esposa, referia-se à menina, adotada antes do casamento. Apesar das saudosas referências, constantes ao final das cartas, a menina, em outros momentos, era sempre associada à conduta fora dos padrões estipulados na família, conforme nos indica o excerto abaixo:

Christina sempre vadia e desleixada, com muito gosto na escola, mas só p^a vadiar; chegou ao ponto de ir uma hora antes afim de carregar (ilegível) levou de castigo dois dias sem ir á escola, porque ia antes da hora e em vez de ficar na aula, entrava para a casa de uma familia de pretos e lá ficava ás soltas carregando um menino. Continua no mesmo desleixo.⁷¹

“Vadia”, “desleixada” “malcreada” e “teimosa” são termos utilizados nas correspondências para adjetivar a menina que fora castigada pelo comportamento impróprio. Entre os documentos analisados, esta é a única referência à prática do castigo imposto pelo adulto, para

⁶⁹ “Recebi sua carta e por ella tivemos a infausta noticia do fallecimento de Tiinha; V. não avalia o meu choque porque já a julgava boa, conforme uma carta sua que recebi há poucos dias.” ANÍSIA. **Carta para Cincim** (Celsina). Currallinho, 03 de outubro de 1910. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 02, maço 01.

⁷⁰ EDIVALDO. **Carta para Mamãe** (Celsina). Bahia, 02 de março de 1926. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 02, maço 01.

⁷¹ CELSINA. **Carta para Mamãe**. Caetité, mês de agosto, s/a. (Provavelmente década de 1910). APMC, Fundo Casa Anísio Teixeira. Grupo Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências enviadas, maço 01, caixa 01.

tentar suprimir uma ação indesejada por parte da criança. De acordo com Jurandir Costa (1989), o esteio da nova moral repudiava os castigos físicos; os atos contrários e opostos às suas viciosas propensões, mesmo que forçados, poderiam ser mais adequados. No caso de Christina, a punição foi ter suspenso seu direito de ir à escola, onde não estava se portando como deveria; o intuito era direcionar seu comportamento de acordo as regras estabelecidas.

Entre os anos de 1917 e 1919 discutiram-se nas cartas a intenção e possibilidades de enviar Christina para um orfanato na Capital do estado. Prestar assistência às crianças “enjeitadas” em orfanatos justificava-se pelas vantagens econômicas e morais, pois se *previne a moral da criança, mas, sobretudo da sociedade, contra os enjeitados, potencialmente desviantes* (RIZZINI, 1993, p. 51). As mensagens trocadas entre Celsina e a mãe levam a supor que a última se empenhava muito para que desse certo a internação da menina, talvez querendo diminuir as atribuições e as responsabilidades da filha. Várias negociações foram tentadas com um religioso do Collegio do S.S. Coração de Jesus, em Camaçari na Bahia. Mas vários impedimentos foram colocados à admissão da menina, como falta de vagas, de documentos e de idade, o que parece ter contrariado o planejamento anterior, chegando a pleiteante a apresentar sinais de irritação numa das cartas que trata do assunto: *Christina está boa, porém sempre teimosa; não sei se conseguirei o orphanto! Pois tudo aqui é de uma dificuldade incrível; ficando tudo em promessas e nada mais*⁷². De acordo a carta do Sr. Braulio, a situação do orfanato era a seguinte:

A directoria do ‘Collegio do S.S. Coração de Jesus’, só se reúne para a admissão de meninas em Março ou Abril de cada anno. São onze mesarins e é preciso que se reúnam para tal deliberação. Com a crise actual tomou-se a deliberação de excluir muita e alguns Mezarios pensam em não admittirem mais.

Na reunião, porem, a se realisar em Março ou Abril, se for admittida uma só, será a sua. Presentemente. Estou como provedor interino, porque o effectivo está doente, se eu ficar até Março, sem duvida alguma a collocarei. Depende pois dessas circunstancias, mas a primeira que eu collocar será a sua.

É preciso que a menina, na occasião de entrar seja menor de 10 annos, orphã ou desamparada e minimamente pobre. Precisa, portanto, certidão de baptismo, de óbito do pae ou da mãe ou de ambos, e attestado de pobreza, que deve ser do vigário da freguesia. Tendo as duas certidões, o attestado de pobreza se arranjará aqui mesmo. Tendo mais de dez annos não pode entrar.⁷³

⁷² CELSINA. **Carta para Mamãe** (Anna). Bahia, 26 de outubro de 1917. APMC, Fundo: Acervo Casa Anísio Teixeira. Grupo: Correspondências de mulheres da família Teixeira. Série: Mulheres diversas, caixa 01, maço 01.

⁷³ BRAULIO. **Carta para Celsina**. Camassary, 29 de dezembro de 1917. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 02, maço 04.

Diante das condições estabelecidas para se conseguir uma vaga para a criança neste orfanato, encontramos numa das cartas a sugestão de alterar a certidão da menina, diminuindo sua idade para se adequar às regras estabelecidas:

Christina é que soube que só pode entrar no orfanato em Março e antes de 10 annos assim V. devia mandar ver outra sertidão diminuindo a idade porque em Março ella tem mais de 10 annos. (...)
Carmem e Angelina abraçam a Edivaldo de quem não esquecem e assim de Christina.⁷⁴

Entretanto, todos os esforços e a pressão da família foram em vão. Não se conseguiu a vaga no orfanato. Alguns anos mais tarde, como constam nas fontes, foi noticiado o casamento de Christina⁷⁵, o nascimento de duas filhas e seu posterior adoecimento, ficando as duas meninas sob os cuidados da mesma pessoa que a criou, até onde pudemos observar.

No ano de 1924 encontramos novos registros de um menino tomado para adoção por Celsina Teixeira. Não encontramos maiores informações sobre a origem da criança; pudemos perceber apenas o registro de batismo de um menino com o mesmo nome do que foi adotado em 1924, proveniente de uma das fazendas da família. O Livro de Batismos da Paróquia de Caetitê registra o nascimento de Dely a 26 de maio de 1924 e seu batismo⁷⁶ a 29 de junho do mesmo ano, filho legítimo de Zeferino José da Luz e Rosalina Nascimento, residentes na fazenda Santa Bárbara, de propriedade da família Teixeira. Em carta datada do mesmo período do nascimento dessa criança, uma mensagem de uma meia-irmã diz que: *soube que V. tomou um menino p^a crear, é assim o seo trabalho torna-se maior, não é?. Quando se comprar a casa eu vou ver se faço o mesmo, embora a recompensa seja o contrario, como me aconteceu com Marcolino.*⁷⁷ Ela afirma que a ação de “tomar uma criança para criar” é muito trabalhosa, mas que também deseja fazê-lo, apesar de sugerir que já vivenciou situação

⁷⁴ ANNA SPÍNOLA. **Carta para Celsina**. Caetitê, 28 de agosto de 1919. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 02, caixa 01.

⁷⁵ “Não sei se Vmce. já sabe que brevemente vou casar a Christina, aquella menina, que Tiinha deixou-me para criar. O noivo é filho do Sr. Timtim, que veio de Paramirim para aqui a alguns annos. É um pouco mais escuro do que ella, mas, consta-me que é bem procedido e trabalhador. Ella está muito satisfeita com o casamento que será realisado em fins de Maio a principio de Junho”. CELSINA. **Carta para tio Rogaciano**. Bahia, 23 de abril de 1925. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogaciano Pires Teixeira. Série: Correspondências, maço 02, caixa 01.

⁷⁶ Livro de Baptismo da Parochia de Caetetê. 1923-1924. Registro N° 655, p.94. Arquivo da Diocese de Caetitê.

⁷⁷ ALICE. **Carta para Celsina**. Bahia, 26 de maio de 1924. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 04, caixa 01.

desagradável com esse tipo de experiência, ao invés de “receber recompensas”, que era o esperado de uma “ação caridosa” como essa.

Em 1926, outra órfã chega às mãos de Celsina por meio de freiras que estavam em Missão na região, como indica a seguinte afirmação: *as freiras já dispuzeram de tudo e vão depois da Paschoa. Mandaram me entregar uma das orphansinhas, que não tinha para onde ir. Completou o numero 5 de meu orphanato. É pouco maior que o Dely. Ambos vão para a aula infantil.*⁷⁸ Além das duas crianças citadas, ela afirma ter mais três órfãos que, poderíamos inferir que estavam incluídos entre eles, dois meninos citados brevemente nas cartas: um chamado José e outro Chiquito. Também não encontramos registros de crianças na Associação das Senhoras de Caridade. A mensagem destacada acima indica ainda o cuidado com a educação escolar dessas crianças, que seriam matriculadas na “aula infantil” que, ao que parece, era recém instalada na cidade. A professora dessa aula estava hospedada no sobrado da família, como diz a mensagem: *no sobrado estão hospedadas também duas professoras – Dulce e Angelina, esta da escola infantil, onde está o Delly e a outra orphãsinha que as freiras me deram – a Alzira. O orphanato vai crescendo...*⁷⁹ As freiras pertenciam ao Mosteiro de Nossa Senhora de Caridade do Bom Pastor, da cidade de São Paulo, onde estava uma das irmãs de Celsina Teixeira preparando-se para ingressar na vida religiosa. Essas freiras estiveram em Caetité, em Missão, no ano de 1922. O cartão de visitas, retratado abaixo, em nome da Superiora das Religiosas do Bom Pastor, apresenta uma solicitação de recursos para manutenção das órfãs que, provavelmente, encontraram na região e recolheram com o intuito de prestarem caridade, acolhendo-as no Mosteiro em São Paulo, como consta em outra correspondência posterior.

⁷⁸ CELSINA. **Carta para Edivaldo**. Caetité, s/d (provavelmente início de 1926). APMC, Fundo Casa Anísio Teixeira. Grupo Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências enviadas, maço 01, caixa 01.

⁷⁹ CELSINA. **Carta para Edivaldo**. Caetité, 19 de maio de 1926. APMC, Fundo Casa Anísio Teixeira. Grupo Edivaldo, caixa 01, maço 01.

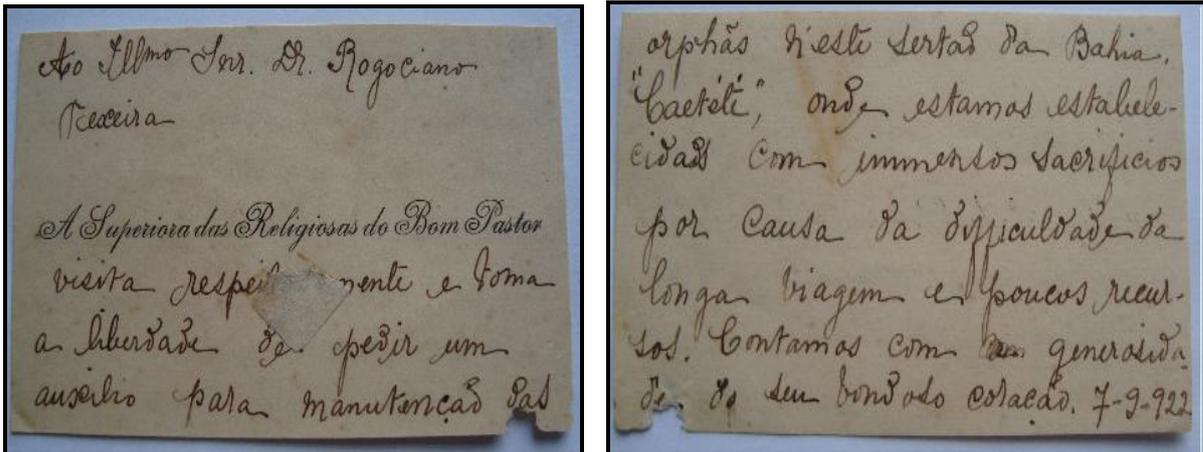


Figura 9 - SUPERIORA DAS RELIGIOSAS DO BOM PASTOR. Cartão para Rogaciano Teixeira. Caetité, 7/9/1922.⁸⁰

Muitas órfãs de Caetité foram levadas para esse Mosteiro e são noticiadas em uma carta: *as pequenas que vieram d'ahi vão muito bem tratadas com todo carinho e desvelo, a Madre sente não ter podido trazer todas as orphãs que tinha ahi.*⁸¹

As crianças que eram tomadas para “adoção” pelas famílias ricas, como citado anteriormente, deveriam “recompensar” de alguma forma, geralmente com trabalhos domésticos, o esforço empreendido em prol dos cuidados e gastos dispensados a elas. A pequena Alzira Rosa, apesar de estar sob a responsabilidade de uma das irmãs, recebia “cuidados” da família toda e isso consistia em vistoriá-la nos serviços, como consta no trecho seguinte: *Alzira vae bem e muito satisfeita para ir para o collegio. Ella tem me servido como copeira e varredeira. Angelina tem zelado por ella, e está alegre e activa*⁸². Entretanto, mesmo prestando alguns serviços, a família de Celsina Teixeira entrevistou mais uma vez, sugerindo mandar a Alzira Rosa para um orfanato na capital ou para o Mosteiro do Bom Pastor, em São Paulo. A meia-irmã que residia na capital do estado se propôs a procurar um orfanato onde pudesse internar a criança, conforme explicita a carta a seguir:

⁸⁰ APMC, Fundo Casa Anísio Teixeira. Grupo: Documentos pessoais, série: cartões diversos, caixa 01, maço 11. A transcrição da mensagem da Superiora ao Sr. Rogaciano Teixeira é: “Ao Ilmo Sr. Dr. Rogaciano Teixeira, A Superiora das Religiosas do Bom Pastor visita respeitosamente e toma a liberdade de pedir um auxílio para a manutenção das orphãs n’este Sertão da Bahia, “Caetité”, onde estamos estabelecidas com imensos sacrificios por causa da dificuldade da longa viagem e poucos recursos. Contamos com sua generosidade e seu bondoso coração. 7-9-1922.” A dimensão do cartão é de 6 cm x 10 cm.

⁸¹ TILINHA. **Carta para Sissinha** (Celsina). São Paulo, 26 de novembro de 1926. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 01, caixa 01.

⁸² EVANGELINA. **Carta para Nenem** (Celsina). Gurutuba, 05 de maio de 1927. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 01, maço 04.

Embora seja difícil como V. sabe, lembrei-me de lhe fallar sobre a menina Alzira Rosa; aqui indagarei a possibilidade de pôl-a em casa de Orphannato, interna, suavizando, assim a V. de menos uma consumição com tanta gente p^a cuidar, não tendo tão boa saúde p^a arcar com tudo. Se V. achar boa ideia me escreva.

Poderei indagar no Convento do Desterro⁸³ onde me apresentei como soccia, da recente associação alli fundada, como V. já deve ter sciencia; caso esta casa não possa aceitar poderei indagar em outra.

Como vae Christina? Soube que andava adoentada, será outro filho?⁸⁴

Justificou que tal atitude seria por falta de tempo da irmã, que se dedicava a muitos afazeres, como também às suas condições de saúde, que não eram muito boas. A família deu apoio à ideia e o processo de encaminhamento da menina para o orfanato seguiu em frente. Em São Paulo, apesar da aceitação da instituição, a tentativa não deu certo por falta de alguém que pudesse conduzir a criança até lá. Assim, ela foi enviada para o Convento do Desterro em Salvador, como consta abaixo:

Já collocamos Alzira Rosa no collegio do Desterro, não foi possível encontrar logar n'outro convento. A superiora é muito agradável e nos mostrou todo o convento é enorme! Gostei muito. Parece que Alzira fica bem. Tem umas 50 orphãs e algumas de 5 annos. Iaiá prometteu dar uma mensalidade, visto o convento estar em concerto; achei a idea um pouco absurda, mas, deixei por conta d'ella.⁸⁵

Meses depois encontramos referências de que a menina ficou bem: *estive no Desterro onde está Alzira, ella vae bem e não quer sahir do collegio, pelo que V. mandará dizer a Irman, em S. Paulo, que a menina vae bem.*⁸⁶ Percebe-se um certo cuidado e acompanhamento da vida dessa criança, ao menos inicialmente, inclusive noticiando para as irmãs em São Paulo a situação da criança, como uma forma de justificar o fato de não terem ficado com ela.

⁸³ O convento do Desterro da Bahia foi fundado em 1664, com freiras Clarissas, para recolhimento, formação religiosa, ensino das primeiras letras e de prendas domésticas para meninas ricas. Apenas em meados do século XIX, com o intuito de prestar serviço social que esta Instituição passou a receber meninas órfãs. Sobre o tema, ver os trabalhos de Anna Amélia Vieira Nascimento (1973; 1994).

⁸⁴ ALICE. **Carta para Celsina**. Bahia, 04 de abril de 1927. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, Mc. 04, caixa 01.

⁸⁵ EVANGELINA. **Carta para Nenem (Celsina)**. Bahia, 1º de junho de 1927. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 01, maço 04.

⁸⁶ ALICE. **Carta para Celsina**. Bahia, 07 de setembro de 1927. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 04, caixa 01.

Diferentemente do que aconteceu com Christina e com Alzira Rosa, não encontramos nos registros a preocupação da família em passar a responsabilidade dos meninos “adotados” aos cuidados de alguma instituição de órfãos. Será que essa atitude é um indicativo de que, na época, via-se a educação de meninas como mais trabalhosa e mais preocupante? Elas demandariam mais cuidados e atenção por parte do responsável ou será que as “recompensas” na criação de meninos eram maiores? Será que podemos concordar com Irma Rizzini (1993, p. 55) ao afirmar que, neste caso, *a caridade tem outras “utilidades”, as quais vão aparecer em segundo plano, como é o caso da possibilidade de regeneração pela moral e pelo trabalho de jovens degenerados e despreparados, com o intuito de seguirem uma ocupação útil à sociedade?* Seguindo esse pensamento, talvez os meninos tivessem oportunidades de trabalho mais cedo, sendo assim mais “úteis”. De todo modo, ao que as fontes indicam, os meninos foram mais acolhidos, ao menos no caso analisado.

Neste capítulo refletimos sobre o início da vida da criança na família e as incertezas que marcavam esses primeiros anos. Em todos os tempos, as novas gerações da espécie humana precisaram/am da mediação e do cuidado das gerações mais velhas para sobreviverem e tornarem-se humanas. Os primeiros cuidados são requeridos desde o nascimento e continuam no transcorrer dos anos iniciais de vida. No período em estudo, os saberes médicos se infiltraram na vida privada familiar, principalmente por meio dos jornais, visando salvar as crianças da mortalidade. Saber como alimentar a criança, como tratá-la, como vesti-la, tornaram-se questões de interesse público. A criança assumiu papel central; representava as promessas que a sociedade e os pais sonhavam para o futuro; nela foram feitas todas as apostas. A criança enfrentava dura realidade quando perdia a sua família original e não possuía recursos econômicos, ficando à mercê da caridade alheia; outras concepções de criança se apresentaram nesse momento. Dessa forma, as diferenças entre o que é “ser criança” e o que é “ser adulto” foram se processando por meio das práticas da vida cotidiana na família. O próximo capítulo irá evidenciar os primeiros aprendizados da criança junto à instituição familiar.

II CAPÍTULO

OS PRIMEIROS APRENDIZADOS DE CRIANÇA RUMO AO MUNDO ADULTO

A primeira infância era a época das aprendizagens. Aprendizagem do espaço da casa, da aldeia, das redondezas. Aprendizagem do brinquedo, da relação com as outras crianças: crianças da mesma idade ou maiores, que sabiam mais e ousavam mais. Aprendizagem das técnicas do corpo, aprendizagem das regras de participação na comunidade local, aprendizagem das coisas da vida. Pai e mãe tinham um papel importante nessa primeira educação.

Jacques Gélis. *A individualização da criança*. 1991.

2.1 Primeiros aprendizados: *Luiz que está muito espertinho... mas ainda não teve coragem de dar o primeiro passo.*

Ao nascer, a criança interage com o mundo à sua volta e inicia seus primeiros aprendizados: aprende a engatinhar, a falar, a caminhar, enfim, a viver na sociedade em que está inserida, de acordo com os padrões culturais construídos pelos seus sujeitos. Em Caetité, no início do século XX, as fontes encontradas indicam que a família valorizava e estimulava os pequenos passos do desenvolvimento da criança, tanto físico como intelectual, no seu cotidiano. De acordo com uma carta do ano de 1908, uma das irmãs noticia às outras essas primeiras conquistas das crianças da família:

Zelinda em meia língua fala tudo, é muito viva, mais do que Angelina, que agora tornou-se muito preguiçosa para caminhar, a ponto de nem aqui em casa querer vir. Osvaldo está muito ladino e gordo, engatinha muito, tem 2 dentes, bate palmas, chama o gato, etc. Anísio e Jayme vão bem de saúde e de escola.⁸⁷

O tempo que cada criança levava para o alcance de certos níveis de desenvolvimento era muito valorizado e percebe-se que havia uma exigência para que ele acontecesse cada vez mais rápido, sendo isso fator de comparação e diferenciação entre uma criança e outra: “Zelinda é muito mais viva que Angelina”. A variedade dos aprendizados também foi enfatizada: “Osvaldo bate palmas, chama o gato”, etc. Essas ações indicam a atenção que essa criança recebeu por parte de outras pessoas, quer sejam outras crianças ou adultos, na mediação dessas aprendizagens. A autora da carta chama a atenção ainda para uma característica da criança: “ladino”, que significa esperteza, rapidez em aprender o que se

⁸⁷ ALZIRA. **Carta para Evangelina e Celsina**. Caetité, 07 de abril de 1908. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 02, maço 03.

ensina e bom observador; o mesmo sentido ao dizer que a primeira criança citada era “viva”, em contraste com a segunda, Angelina, que estava “muito preguiçosa” para caminhar. Porém, em outra carta do mesmo período, apareceu uma referência diferente desta mesma criança: *estamos bons; Angelina continua muito esperta. Nelson ainda chora e Jayme de vez em quando faz o mesmo.*⁸⁸ Angelina, agora, era “muito esperta”. Isso se deve ao grau de envolvimento, de afeto e de parentesco diferenciados para com as crianças, o que faz com que compreendamos o realce ora positivo, ora negativo do desenvolvimento delas.

As mães, principalmente, eram as que faziam relatos mais enaltecidos sobre os filhos: *Eu, Luiz e todos vamos passando bem. O Luiz está espertinho, e engordando, ontem elle completou um mez. Ernani muito contente com o irmãozinho, e me auxiliando em alguma coisa.*⁸⁹ Mas, como percebemos anteriormente, criavam-se muitas expectativas quanto a esses aprendizados, geralmente comparando a forma, a variedade e o tempo de uma criança aprender com o de outras crianças.

Neste trecho de uma carta, a mãe não esconde sua ansiedade para que o filho comece a caminhar: *aqui em casa todos bons, inclusive Ernani e Luiz que está muito espertinho, completou ontem 11 meses. Engatinha muito e fica em pé só, mas ainda não teve coragem de dar o primeiro passo.*⁹⁰ Possivelmente, neste período, era esperado que uma criança de onze meses já estivesse caminhando. Para a mãe, o fato do filho não ter dado ainda os primeiros passos estava representando um atraso no desenvolvimento e isso não era muito bem visto. Na concepção dos pais, deveria transparecer na criança, além de muita saúde e beleza, também as habilidades físicas e intelectuais.

2.2 Brincadeiras: as meninas com suas bonecas de pano...

As brincadeiras das crianças aconteciam tanto no espaço da casa como no espaço das ruas, tuteladas, no geral, pelas famílias. O ambiente doméstico limitava um pouco as brincadeiras das crianças, principalmente numa cidade interiorana em que o espaço das ruas era bem mais convidativo e que a casa era tida como o lugar das atividades domésticas desempenhadas

⁸⁸ LEONTINA. **Carta para Sim-sim** (Celsina). Caetitê, 30 de março de 31 de 1908. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 02, maço 01.

⁸⁹ LEONTINA. **Carta para Sissinha** (Celsina). Bahia, 21 de outubro de 1926. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 02, maço 01. Grifo meu.

⁹⁰ LEONTINA. **Carta para Sissinha** (Celsina). 21 de agosto de 1927. APMC, Fundo Casa Anísio Teixeira. Grupo Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 01, caixa 01. Grifo meu.

pelas mulheres. Entretanto, enquanto as crianças eram pequeninas, o espaço da casa era o mais apropriado, pois permitia cercá-las dos cuidados e proteção exigidos pela pouca idade. No período estudado, tudo leva a crer que as brincadeiras eram atividades tidas como específicas da criança.⁹¹ No primeiro período da infância, as brincadeiras eram indistintas entre meninos e meninas, o que se diferenciava com a conquista de mais idade, pois aí os meninos ganhavam mais liberdade, enquanto que as meninas seriam iniciadas nas regras e aprendizados das responsabilidades exigidas delas na vida futura, como mulher adulta e mãe de família. Flávio Neves relata que:

Meninos e meninas se entregavam, em conjunto, às mesmas correrias e brinquedos. Ao crescerem, uma separação gradual se operava: as meninas com suas bonecas de pano, a cuidarem de suas roupinhas; os meninos a se apurarem em artimanhas, como saltar muros e cercas dos vizinhos. (NEVES, 1986, p. 48).

As atividades de lazer das meninas era, prioritariamente, brincar de bonecas. As meninas pobres só tinham acesso às bonecas confeccionadas em casa, com tecido, mas que surtiam para elas o mesmo efeito das bonecas de porcelana das meninas de famílias ricas, vendidas nas lojas da cidade ou trazidas de viagens. Áurea Silva, nas suas brincadeiras de menina, sempre em casa, ressalta o gosto pelas bonecas de pano que ganhava: *a velhinha Sofia, enquanto me contava histórias da carochinha, fiava algodão e fazia-me bonecas de pano de quase do meu tamanho* (SILVA, 1992, p. 34).

As brincadeiras mais comuns das crianças mais velhas e mais adaptadas para o espaço da casa eram os jogos: peteca, dama, baralho ou bisca, além de ouvirem músicas na vitrola ou gramofones, conforme trecho da carta a seguir: *aqui eu tenho brincado muito, ora com peteca, ora com o jogo de dama e ora com o jogo do mocinho e do baralho. Hoje tocamos mt^{as} vezes a vitrola.*⁹² Na visão das mulheres da família Teixeira, esses momentos eram muito divertidos e apreciados por elas ao verem os filhos e sobrinhos divertirem-se juntos, principalmente quando alguns deles já haviam saído de casa para estudarem na capital do estado. A carta a seguir, do ano de 1924, relata-nos que: *a casa agora está animada e alegre,*

⁹¹ Philippe Ariès (2006) em seu clássico estudo sobre a história da criança defende a ideia de que antes da Idade Moderna os mesmos jogos e brincadeiras eram atividades comuns a todas as classe e idades, e que, com o surgimento do sentimento de infância, essas atividades foram se diferenciando entre as gerações.

⁹² EDIVALDO. **Carta para Mamãe** (Celsina). Gurutuba, 06 de junho de 1924. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 02, maço 01.

*os meninos estudam, brincam, jogam e conversam muito. Já estou imaginando a saída deles*⁹³. Outra carta, datada de dois anos mais tarde, revela o mesmo gosto de ter as crianças em casa no período das férias escolares: *Carmita e os meninos divertiram-se bastante: cantando, dançando, tocando vitrola, etc. até 10 horas da noite. Foram sentidos de não poderem demorar mais, isto é Otto e Edgard. Carmita apressou a volta.*⁹⁴

Quanto a outros brinquedos industrializados (a vitrola para essas crianças funcionava como um brinquedo) encontramos este registro fotográfico de um patinho de pelúcia nas mãos de uma criança, num estúdio fotográfico. Provavelmente, esse brinquedo fazia parte do estúdio e era utilizado para entreter as crianças menores no momento da pose para as fotos, mas que também poderia pertencer à criança para distraí-la em casa. Além do mais, o brinquedo fazia parte da composição da cena, caracterizando o “ser criança”, o que evidenciava mais uma vez o processo de distinção geracional que estava se desenvolvendo no período. Brinquedo, nessa concepção, “é coisa de criança”. A expressão da criança indica bastante satisfação e tranquilidade no momento em que a foto foi tirada:



Figura 10 - APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: Iconografia. Caixa 02, maço 05. S/d [Data estimada 1928].

⁹³ EVANGELINA. **Carta para Nenem** (Celsina). Gurutuba, 15 de junho de 1924. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 01, maço 04.

⁹⁴ EVANGELINA. **Carta para Nenem** (Celsina). Gurutuba, 03 de julho de 1926. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 01, maço 04.

As famílias caetiteenses que tinham condições de viajar aos grandes centros do País tinham acesso a muitos brinquedos industrializados, mas a própria cidade também oferecia muita diversidade nesse ramo⁹⁵, como anuncia a matéria do jornal *A Penna*, de 5 de maio de 1922:

O proprietário do importante estabelecimento LOJA POPULAR tem a honra de apresentar ao publico em geral e aos seus amáveis freguezes, a photographia do seu novo e vasto edificio, recentemente inaugurado n'esta Cidade. (...) **Um deslumbrante sortimento de brinquedos em exposição permanente em sua vitrines: -Carros, carroças, espingardas, realejos, gaitas, gatos que miam, chocalhos, cornetas, papagaios que gritam, aparelhos, bycicletas, caixas de musica encimadas de figuras que dançam, bolas, aves, ratos que correm, aves que andam, bonecas nuas e vestidas de diversos tamanhos, papeis cores em tubo e uma infinidade de brinquedos.**⁹⁶

Encontramos a mesma foto da Loja Popular que foi publicada nessa edição do jornal, no arquivo de fotografias da família Teixeira, mas não temos informação se alguma das pessoas retratadas pertence à família:



Figura 11 - APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: Álbum de fotografias. Caixa 05. S/data [Data aproximada: início da década de 1920].

⁹⁵ Essa matéria do jornal apresenta ainda uma infinidade de outros produtos, enfatizando que eram muito bons, de procedência do comércio da Bahia (Salvador) e do Rio de Janeiro. Chama a atenção também para a diversidade de produtos ingleses e franceses disponíveis, assim como em outros anúncios de outra loja da cidade.

⁹⁶ *A Penna*, 05/03/1922, p.03, nº 263, Anno XI. Grifos meus.

A matéria do jornal enumera uma série de brinquedos em exposição nas suas vitrines e caracteriza-os como “deslumbrantes”: os gatos que miam, os papagaios que gritam, as bicicletas, as caixas de música, etc. O comércio da cidade, por meio desses itens apresentados, dá-nos uma pista de como os artigos, especificamente direcionados para a criança, vão definindo um universo próprio do mundo infantil, diferenciado do mundo adulto. Se a loja está inaugurando o novo edifício e destaca as suas “novidades”, entre elas, os brinquedos das crianças, então, podemos inferir que essa é uma realidade diferente da que existia, no que se refere a esse quesito. Entretanto, temos consciência de que essa grande diversidade de brinquedos não era acessível à grande parte das crianças da cidade. Mesmo assim, não podemos negar que isso vai provocando alterações na forma de ver, de tratar e de ser da criança.

Além dos produtos especificados para a criança no texto escrito do jornal, a fotografia da loja também nos diz um pouco sobre a criança. Observamos o carrinho de bebê com uma criança no seu interior, provavelmente, passeando pelas ruas da cidade com a mãe –que segura uma boneca na mão- ou acompanhando-a na atividade de compras em um final de tarde⁹⁷; vemos também uma menininha em uma das portas da loja e outras crianças, caracterizadas por trajes distintos uma da outra de acordo as idades, como, por exemplo, os meninos maiores de calça comprida e o menino menor de calças curtas. No caso da diferença entre a mulher adulta e as duas meninas de pé, percebemos que, no caso da mulher, o comprimento do vestido chega ao tornozelo e o das meninas na altura do joelho. Conforme já discutimos anteriormente sobre as diferentes concepções de criança/adulto presentes no ato de vestir-se, vemos mais uma vez nessa fotografia como as produções de menino/rapazinho, menina/mulher e de menino/menina se processam. No que se refere aos produtos exibidos, vemos na fotografia apenas um casaquinho de bebê exposto em um dos “manequins” pendurados em uma das portas.

Na medida em que as crianças cresciam, adquiriam mais idade, ganhavam mais liberdade e o espaço das ruas passava a ser um espaço possível para a realização de algumas brincadeiras. Convém ressaltar que havia diferenças na forma das famílias e da própria sociedade pensarem sobre a liberdade da criança nesse espaço das ruas. Flávio Neves relata sobre as brincadeiras na rua que realizava na sua infância que

⁹⁷ Percebemos que era final de tarde pelas sombras projetadas na cena; inferência possibilitada pelo conhecimento da localização geográfica da loja na cidade.

em noites, especialmente, enluaradas, ouvia-se a gralhada da meninada entregues ao jogo da picula (pegador em Minas), ou a combates, prisão de ladrões, com delegado de polícia, soldados e mais figurantes. (...) Nós, os meninos, tínhamos o nosso – o cavalo de pau. (...) Apenas uma haste de pau. As melhores e mais vistosas cavalgadas ocorriam à noite. E a Rua Dois de Julho enchia-se de um bando disposto a grandes cavalgadas. (...) Em noites de lua divertíamos no Beco do Areião... Era brinquedo preferido amarrarem-se as calças, á altura dos joelhos, e enchê-las, ao máximo, com areia, além da camisa, até o pescoço.⁹⁸

A forma como a realização dessas brincadeiras foi narrada, dá a entender que as crianças eram totalmente livres do domínio dos adultos, entretanto, em outros indícios das memórias de Flávio Neves, percebemos que essas atividades, no caso dele e dos irmãos, era tutelada pelos pais. Existiam regras, hora para dormir, etc. No caso da família Teixeira, as brincadeiras das crianças nos espaços públicos era ainda mais tutelada pelos adultos. Encontramos nas nossas fontes registros apenas de atividades que eram realizadas, prioritariamente, na companhia dos adultos e nenhuma brincadeira que as crianças praticavam sozinhas nas ruas. Nesta carta de Tilinha para as irmãs, datada do ano de 1908, ela diz:

Neste dia passei mais distrahida, fui com Alzira, Titia e os meninos passeiar no S. Sebastião, lá elles pularam, saltaram, jogaram muitas laranjinhas, etc. Fazemos sempre destes passeios, ora na Methereologia, ora no Cruzeiro. No domingo fomos á tarde, ao Cruzeiro, voltando de lá ás 7 horas, todos muito cansados, os meninos queixando-se que os pés estavam doendo, porém todos com muito appetite.⁹⁹

De acordo com a mensagem da carta, os adultos e crianças estavam juntos na atividade dos passeios, mas percebemos que houve uma intenção de especificar as atividades diferenciadas que as crianças realizaram: *elles pularam, saltaram, jogaram laranjinhas, etc.*, ou seja, ficou claro que as crianças “brincaram” além de passearem. Quando as atividades infantis eram realizadas sem a tutela da família, sem regras, de forma aleatória nos espaços da cidade, a sociedade, por meio do jornal *A Penna*, interferia insistentemente através das suas matérias para que a “ordem” fosse restabelecida, quer seja pela família ou pela polícia, como no caso

⁹⁸ NEVES, 1986, p. 48-49.

⁹⁹ TILINHA. **Carta para Vanvan e Sissinha**. Caetitê, 19/11/1908. APMC, Fundo: Acervo Casa Anísio Teixeira. Grupo: Correspondências de mulheres da família Teixeira. Série: Mulheres diversas, caixa 01, maço 01.

dos jogos de futebol¹⁰⁰. Nesse caso, as crianças que brincavam nas ruas eram os “meninos vadios”:

Continuamos a chamar a atenção da polícia para certos factos que lhe parecem triviaes, sem nenhuma importância, mesmo numa cidade que tem foros de civilisada.

Assim é que os garotos continuam a jogar futebol, em toda parte, de dia e de noite, com os inconvenientes de quebrarem as vidraças das casas e terminarem o jogo sempre aos sopapos; até na Avenida “Barão de Caiteté”, a garotada espalha-se à vontade, sem que um policial appareça ali, para cohibir os precoces jogadores de pontapés.

É preciso que surja uma providência para o caso, porque esses meninos vadios nem frequentam a escola, nem as officinas.¹⁰¹

Aqui o redator do jornal apela para a polícia e não mais para a família, como fez antes, em outras matérias: *os paes desses infelizes como vae generalisando-se em pernicioso costume entre nós, não curam da educação dos seus filhos, que são criados sem o menor preceito para a nossa infelicidade futura, affeitos ao desrespeito e falta de moralidade.*¹⁰² Nesse caso, do jogo de futebol, vemos a ação dos setores públicos da cidade interferindo na vida da família, mais estritamente na forma de condução da educação dos seus filhos. Segundo Martha Abreu e Alessandra Frota Martinez (1997), desde a década de 1870, com a proposta da libertação dos filhos de escravos nascidos a partir da Lei de 1871, uma série de debates e projetos foram impulsionados visando “proteger” e “amparar” a infância. Além da educação em escolas públicas e escolas profissionalizantes, creches e asilos, buscaram-se também inserir práticas jurídico-policiais de correção ao “menor”. O ano de 1927, em que foi publicada a notícia acima no jornal *A Penna*, foi o ano em que se discutiu e concluiu o primeiro *Código de Menores*. Esse Código constituiu-se em *um dos marcos para a sistematização de uma política voltada para a regulamentação da infância em geral, visando organizar as formas de trabalho, a educação, a prevenção e a recuperação dos “criminosos” e “delinqüentes”.*¹⁰³

A vida privada da família era respeitada desde que não afetasse a ordem da vida pública. Era por meio da educação das crianças que essa ordem desejada seria alcançada. Caso a família não tomasse as providências necessárias e assumisse as suas responsabilidades com as

¹⁰⁰ Flávio Neves (1986, p. 50) afirma que “o futebol surgiu em Caeté, por volta de 1915, introduzido por Joaquim Souto, português, viajante comercial, casado em uma família tradicional de Minas do Rio de Contas. Tinha o nome de futebol, mas não passava de um jogo estranho, desobrigado de qualquer regra. O cenário – o Largo do Alegre, com forte declive de um lado”.

¹⁰¹ *A Penna*, 18/08/1927, p. 02, nº 420, Anno XVI.

¹⁰² *A Penna*, 09/06/1921, p.01, nº 245, Anno X.

¹⁰³ ABREU E MARTINEZ (1997, p. 28). Destaque das autoras.

crianças, a polícia seria ativada. A notícia afirma que o que agravava a falta de educação era o fato dessas crianças não trabalharem, nem freqüentarem escolas, outra instância educativa muito valorizada no período, além da família. Vemos, nesses exemplos, como a diferenciação ocorre dentro da própria categoria de geração entre as crianças “bem educadas”, que não contrariavam as regras, geralmente identificadas no jornal como “inteligentes”, “interessantes”, etc, e as crianças “vadias”, “inoportunas” que se supunham, não eram alvo da ação educativa das famílias, nem do trabalho e nem das escolas, como afirmou o redator do jornal.

O controle sobre a educação das crianças, por meio das brincadeiras, foi evidenciado pela realização de algumas atividades na cidade como a prática do escoteirismo e a criação de um “Tirinho de Guerra”, procurando imitar as ações dos adultos. Na atividade do escoteirismo, procuravam-se adequar para as crianças algumas atividades atribuídas ao mundo adulto. Em Caetité, segundo Flávio Neves:

Os meninos contagiaram-se do entusiasmo que o Tiro de Guerra gerava. Resultado: o Tirinho da criançada foi organizado, com o beneplácito dos papais e mães. O Sargento Philadelpho desconhecia a organização do escoteirismo. **Assim o Tirinho era um decalque daquele dos adultos.** Arranjaram-se uniformes, chapéus de aba larga e armamento adequado – espingardinhas de madeira, todas confeccionadas pelo Olímpio Paciência. A instrução era similar à dos adultos. O mais pitoresco de tudo era o ver-nos em exercício de formação do Quadrado, movimento rápido ao rufar do tambor para receber o choque da cavalaria, como ao tempo de Osório, nos campos do sul. E marchávamos à cauda do Tiro maior, sob os olhares enternecidos do papai e da mamãe.¹⁰⁴

Quando se compara essa atividade com o escoteirismo, percebe-se uma necessidade de afirmar que o Tirinho de Guerra não estava corretamente adaptado para as crianças. Isso significa e mostra-nos mais uma vez que o processo de distinção entre as gerações de criança/adulto estava em curso. As atividades das crianças não poderiam ser do mesmo modo que a atividade do Tiro de Guerra desenvolvida pelos adultos. A fase de criança era vista como uma fase diferente da adulta. Abaixo vemos a fotografia de uma criança trajada com o uniforme do Tirinho de Guerra:

¹⁰⁴ NEVES (1986, p.17). Grifos meus.



Figura 12 - APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira.
Série: Álbum de fotografias. Caixa 04. S/d [Data aproximada: 1916].

2.3 **Contação de histórias: *Entre por um pé de pato, saí por um pé de pinto, manda o rei que conte cinco...***

As crianças caetiteenses, como era comum em outras partes do País, no período, ouviam histórias das “pretas velhas”, das avós, dos pais, além de outras pessoas idosas, amigos das famílias. Os assuntos mais freqüentes eram histórias da carochinha, fábulas envolvendo animais, episódios de literatura entre aqueles com maior conhecimento das obras literárias; lendas, assombrações e almas penadas, casos engraçados vivenciados ou inventados por algumas pessoas com inclinações para os gracejos, além de casos da vida passada que falavam de outras formas de viver que as crianças não conheceram; histórias da juventude, lembrados de forma a enaltecer estes fatos e as relações estabelecidas com grandes personalidades da região. O velho Benedito, hóspede da família Neves, agraciava as crianças da casa com histórias narradas após o jantar, em que enaltecia a figura do Barão de Caeté, além de contar históricas cômicas que entrelaçavam contos de fada com a ridicularização de aspectos da vida cotidiana, conforme nos relata Flávio Neves (1986, p. 30):

O segundo hóspede que me deixa vivas lembranças é o velho Benedito Marques. (...) Comprazia-se em narrar sua solidariedade ao Barão de Caetité, demonstrada em momento de iminente conflito político. (...) Era contador de estórias que nos divertiam. Uma, entre todas, era a preferida. (...) Tomado de entusiasmo pela narrativa, o velho Benedito, no meio da sala, as abas do fraque agitadas, buscava reproduzir a performance de cada um (...). A meninada vibrava e, sempre que possível, pedia: Siô Benedito, conta aquela!

Já a “preta velha” contava histórias com outro repertório, principalmente, envolvendo animais, como nos indica o trecho a seguir:

Havia contadores de estórias, com variado repertório. Martinha, uma preta, nossa empregada, sabia de muitas. Predominavam as estórias em que eram partes a onça e o macaco, a onça e o bode. ‘Conta mais uma’ – ‘Não já chega’. ‘Entrei por um pé de pato, saí por um pé de pinto, manda o rei que conte cinco’. (NEVES, 1986, p.30)

Áurea Silva (1992, p. 34-35) traz boas recordações das histórias contadas pela sua avó, também sobre fatos da sua juventude: *minha avó, sempre risonha,... contava-me casos de sua juventude, quando vivia na casa dos pais, senhores de terras e de muitos escravos e também das histórias contadas pela velha Sofia, ao realizar prendas domésticas: a velhinha Sofia, enquanto me contava histórias da carochinha, fiava algodão e fazia-me bonecas de pano de quase do meu tamanho.*

As histórias eram narradas principalmente à noite, nos serões após o jantar, no interior das casas ou nas varandas e terreiros. Alguns contadores compraziam-se em narrar lendas tradicionais da região, histórias de assombrações, de alma penada, inculcando nas crianças um medo terrível de ficarem a sós, de passarem perto de lugares com fama de mal assombrados, dos cemitérios e das suas redondezas, como relembra Neves:

A escuridão exterior era geradora de imaginação de lendas e assombrações que adquiriam foros de verdade... Locais havia em que afirmações ‘fidedignas’ garantiam manifestações de almas penadas. O Beco do Arião, sem casa era um deles; (...) As vizinhanças dos cemitérios eram evitadas. Mormente um já abandonado e em ruínas, era rico de assombrações. E as histórias que nos contavam! (...) Durante uma sessão destas era impossível recolher-se ao nosso quarto de dormir. Muitas vezes carregávamos cobertas e travesseiros, para abrigarmos junto ao pai, de preferência grudado em seu pé. (NEVES, 1986, p. 52)

Em geral, o medo desses personagens de assombração, que faziam parte do universo cultural, era provocado intencionalmente nas crianças, como forma de controle sobre a infância (GALVÃO, 1998). Ao destacar a ação pedagógica dos contadores de histórias, Gilberto Freyre (2004) afirma que a menina ou o menino brasileiro ouvia de norte a sul do país quase as mesmas histórias pelas mães-negras: histórias de lobisomem e de mula sem-cabeça e pelas avós brancas: história de Carlos Magno, a de príncipes encantados, a de reis, de imperadores, de guerreiros. Entretanto, referindo-se às últimas, Freyre (2004, p.291) ressalta que:

Estas eram histórias mais contadas aos meninos brasileiros da época pelas avós brancas que pelas mães negras. Mas as avós brancas e as mães-negras nem sempre se conservavam fiéis às suas funções convencionais: às vezes era a branca que contava histórias de assombro e a preta que falava aos sinhozinhos de mouras encantadas.

2.4 Música: *com sua vozinha trêmula, começou a cantar a Marselhesa*

*Nunca te visse oh! formosa
Nunca contigo eu falasse
Antes nunca te encontrasse
Na minha vida enganosa
Por que não se abriu a terra?
Por que os céus não me puniram?
Quando os meus olhos te viram
Na casa branca da serra.*

Este é um trecho da modinha “A Casa branca da serra”¹⁰⁵ muito cantada pela mãe de Áurea Silva na sua infância, conforme ela nos relata: *muitas vezes, minha mãe me acalentava cantarolando uma modinha muito em voga na época: “Na casa branca da serra”*. (SILVA, 1992, p. 45). Segundo Mario de Andrade *as Modinhas distraíam com seus ais. Eu me atreveria mesmo a aconselhar que se cantasse com rosto sorridente esses textos de mal de amor e saudades* (1980, p. 5). Apesar das modinhas¹⁰⁶ serem músicas que tratavam de temas

¹⁰⁵ Esta música foi uma das mais famosas modinhas brasileiras na transição do século XIX para o XX, escrita em 1880 por Sebastião Cícero dos Guimarães Passos e musicada por Miguel Emidio Pestana. Sobre modinhas ver Mônica Leme, 2006.

¹⁰⁶ José Ramos Tinhorão (1998) afirma que até o aparecimento deste gênero de canção, não existia outro para atender às expectativas de homens e mulheres, dentro da nova tendência de maior aproximação entre os sexos. A modinha surge no século XVIII, mas é em meados do século XIX que, na fusão das melodias mais simples, das ruas, com as mais elaboradas, dos salões, ela se expande sob o novo estilo das modinhas romântico-sentimentais, popularizada pelos boêmios urbanos. No início do século XX, com o avanço tecnológico, as modinhas penetraram nas casas das pessoas quando “as caixas de músicas foram substituídas pelo gramofone” (FREYRE, 2004, p.163).

ligado ao amor, Áurea recorda-se *d'A casa branca da serra* como uma música que, na sua infância, serviu como acalento, decerto pela ligação afetiva com a figura materna. Segundo Gilberto Freyre (2004, p. 312),

a música vem sendo a arte por excelência brasileira no sentido de ser, desde os começos nacionais e até coloniais do Brasil aquela – dentre as belas artes – em que de preferência se tem manifestado o espírito pré-nacional e nacional da gente luso-americana: da aristocrática e burguesa tanto quanto da plebéia ou rústica.

No caso da modinha, elas tiveram sua origem ligada ao gênero de cantigas populares, mas foram cultivadas por camadas sociais diferentes (TINHORÃO, 1998). Os relatos memorialísticos daqueles que viveram sua infância em Caetité, no início do século XX, e as correspondências familiares consultadas indicam que a música estava entre as práticas vivenciadas pelas crianças naquela cidade. Flávio Neves (1986, p. 58) recorda as músicas de ópera francesa cantaroladas por seu pai na rotina da vida familiar, conforme nos indica no trecho seguinte:

inapagável na memória, a figura do meu pai...a conferir o fechamento de portas e janelas, antes de deitar-se; enquanto trauteando um pequeno trecho musical que, mais tarde, vim a identificar como pertencente à ‘Traviata’ ou a ‘Gaité Parisiennes’ de Offenbach.

O pai de Flávio Neves tinha gosto por música e distinção social na cidade, tanto que ocupava o posto de Presidente de uma das bandas de música de Caetité, a “Lyra Caetitéense”. Abaixo temos uma foto de 1915 dessa banda:

Em uma carta de 1916, uma irmã noticia à outra: “Quase sempre as nossas seções agora consiste em secção de gramophone, o que muito nos tem distraído. Sentimos V. não estar aqui para apreciar tão engraçadas modinhas”. TILINHA. **Carta para Sissinha** (Celsina). Caetité, 06 de março de 1916. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 01, caixa 01.



Figura 13 - APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: iconografia, caixa 02, maço 05. 1915.

Nas suas memórias, Flávio (1986, p. 18) fala dessa foto: *Há uma fotografia da Diretoria da 'Lyra' de 1915; ao centro, sentado, meu pai, o Presidente, com a cartola sobre o joelho e seu gracioso filhinho posando para a história. Os dois maestros em extremos do grupo – Mestre Guilhermino, clarinetista exímio, e Seu Neco Retratista, pistonista e suplente.* Quando fala do “gracioso filhinho”, está falando de si, mais ou menos com seis ou sete anos de idade, o menino ao centro com um chapéu na mão.

Assim como nas memórias de Flávio, a música francesa também fez parte das memórias de Áurea Silva (1992, p. 35), sempre relacionada com a figura da avó paterna: *Um dia, pedi-lhe [à avó] que me cantasse alguma canção antiga, e ela, com sua vozinha trêmula, começou a cantar a Marselhesa.* Percebemos como a cultura francesa, neste caso, no aspecto musical, esteve presente na vida destes brasileiros, desde os avôs, nascidos em meados do século XIX, passando pelos pais, chegando às crianças que tomamos como foco do nosso estudo, no início do século XX. De acordo com Laurence Hallewell, a influência francesa no Brasil foi acentuada a partir da Independência, quando a herança portuguesa passou a representar o atraso nacional. Segundo o referido autor, *mesmo os costumes sociais extremamente conservadores do País estavam sendo lentamente transformados pela admissão generalizada de que a França era a única nação civilizada no mundo ocidental* (1985, p.73).

As músicas faziam parte da vida cotidiana dessas crianças, entremeavam os relacionamentos familiares, como a relação pai/filho, neta/avó e mãe/filha, e proporcionavam momentos de alegrias, de cumplicidade e de afetividade. Essas músicas citadas fazem parte do repertório musical que classificamos como constituintes do repertório musical adulto; as nossas fontes não indicaram nenhuma música que hoje trataríamos como específicas para infância.

Além de as crianças terem uma relação com a música como ouvintes, as famílias mais abastadas economicamente procuravam proporcionar-lhes maiores habilidades nesta arte, como cantar e tocar instrumentos. Os responsáveis por essa aprendizagem poderia ser um parente mais velho: tia, irmã ou professores particulares. O jornal *A Penna*, em várias edições do ano de 1922, traz anúncios de um professor de música, residente na cidade, que ministrava aulas particulares de música. Eis o anúncio:

José Elysio da Silva

MESTRE DE MUSICA

Ensina em sua casa e em casas particulares. Ensina a solfejar, transmutar, rythmar & Ensina tocar Violino, violão, Bandolim, flauta e outros instrumentos, preço baratíssimo 5\$000 por mez. Toca em espectaculos, (Theatro ou circo) 10\$000 por noite. Poderá ser procurado em sua residência rua Aquidaban.

CAITETÉ - BAHIA¹⁰⁷

O professor José Elysio, em 1908, dava aula para as meninas da família Teixeira, em casa, entretanto, a mãe não estava satisfeita com os resultados das aulas, indicando que seria melhor que a segunda filha ensinasse as irmãs a tocarem instrumentos, pois ela estava tendo aula de música com uma professora na capital da província, conforme nos indica a mensagem abaixo:

V. fez bem em tomar uma Professora para lhe encinar o bandolim. Deocleciano já tinha lembrado disto, e mesmo serve para V. encinar Tílinha e Leontina. O José Elysio continua a vir sempre, mas, logo que V. chegar vou dispensar porque até hoje Leontina, não sabe uma nota da musica.¹⁰⁸

Apesar da ameaça de demissão desse professor, encontramos outros registros das suas aulas para essas meninas no ano de 1916. Entretanto, a autora da carta relata que ela, juntamente com as irmãs mais novas, não tinha aptidão para tal arte e que, devido a isto, pouco aprendia:

¹⁰⁷ *A Penna*, 02/02/1922, p.03, nº 261, Anno XI.

¹⁰⁸ ANNA SPÍNOLA. **Carta para Evangelina e Celsina**. Caetitê, 30 de março de 1908. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 04, caixa 01.

Já tocamos e cantamos para meu Padrinho ouvir, porém uma só vez e não tivemos vontade de repetir. Aconteceu que o Antônio Silveira veio visitar meu Padrinho aproveitamos para acompanhar as peças no violão.

Chamei o José Elyσιο para combinar os instrumentos e marcar compasso, porém como sabe, pouco ou nada aproveitamos, visto a nossa pouca vocação para a musica.

O seu bandolim não foi por esquecimento, irá na primeira ocasião.¹⁰⁹

A música, além de envolver sentimentos e afetos entre os membros da família, também estava presente nas relações sociais, nos momentos de visitas domiciliares, dinamizando a vida social da família na comunidade. Cabia às meninas apresentarem as melhores habilidades em tal arte para serem apreciadas pelos parentes e visitantes, independente da vontade individual e da vocação. Entre os instrumentos musicais mais prestigiados, desde o Segundo Reinado até as primeiras décadas da República, estava o piano, conforme afirmam José Ramos Tinhorão (1998) e Freyre (2004). Este instrumento servia como demarcador de prestígio e de progresso cultural da família:

De tal modo o piano se tornou parte do sistema social, ou sociocultural, brasileiro, durante o Segundo Reinado e os primeiros anos da República, que alguns observadores estrangeiros a ele se referem como a uma praga; e é evidente que nem sempre terá sido instrumento bem tocado ou manejado pelas iaiás suas senhoras, das quais nem sempre terá sido dócil e obediente escravo. (FREYRE, 2004, p. 313-314)

Ao que indicam as fontes, a segunda filha da família, Celsina Teixeira, era a mais propensa à música e servia como referência e estímulo às irmãs no aprendizado e gosto por essa arte. Nas correspondências abaixo, percebemos esta influência:

Não tenho desenhado, ora uma ocupação, ora outra; agora estou lhe esperando para dar-me boas lições, assim como de bandolim que estou no mesmo; (...) Vi o que V. diz sobre o bandolim que tocando-se junto com o piano facilita muito mais, vou dizer o mesmo as meninas do Dr. Meirelles.¹¹⁰

De bandolim estou tocando 2, 3 e 4 posições, repetindo o methodo, estou também aprendendo acompanhamento, porém não toco com gosto como

¹⁰⁹ TILINHA. **Carta para Sissinha** (Celsina). Caetité, 22 de março de 1916. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 01, caixa 01.

¹¹⁰ TILINHA. **Carta para Sissinha** (Celsina). Caetité, 07 de abril de 1908. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 01, caixa 01.

quando V.V. estavam aqui, vivo muito isolada, estou afflicta para V.V. voltarem.¹¹¹

No que se refere às questões de gênero, nas cartas familiares encontramos, prioritariamente, referências à aprendizagem de música pelas meninas. Todavia, no álbum de fotografias da família consta uma foto de um dos irmãos [2º menino sentado da esquerda para a direita] posando com outros meninos, exibindo violinos nas mãos:



Figura 14 - APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: iconografia, caixa 02, maço 05. S/l. s/d. [Data aproximada: década de 1910].

O documento não nos permite, porém, fazer maiores inferências a respeito dessas práticas no que se refere à aprendizagem de música pelos meninos da família, com exceção de uma carta afirmando que um dos netos, já na segunda década do século XX, estava aprendendo a tocar piano com uma das tias: *o Luiz está espertinho e gordinho. Ernani bom e estudioso, está aprendendo também piano com Alice.*¹¹²

A música constituiu-se, assim, como umas das práticas bastante presentes na vida das pessoas em Caetité, quer sejam ricos ou pobres. De acordo com Freyre, *foi rara a vida do brasileiro*

¹¹¹ TILINHA. **Carta para Vanvan e Sissinha**. Caetité, 19 de novembro de 1908. APMC, Fundo: Acervo Casa Anísio Teixeira. Grupo: Correspondências de mulheres da família Teixeira. Série: Mulheres diversas, caixa 01, maço 01.

¹¹² LEONTINA. **Carta para Sissinha** (Celsina). Bahia, 11 de dezembro de 1925. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 01, caixa 01.

dos tempos de Pedro II e dos primeiros anos da República que não fosse de algum modo tocado pela música (2004, p. 318). No entanto, nossas fontes permitiram constatar que apenas nas famílias de elite havia a intencionalidade para que esta arte fizesse parte da formação educacional de suas crianças, majoritariamente da educação das meninas.

Até aqui vimos exemplos de gêneros musicais consagrados pela história da música no período, entretanto, nas brechas das memórias de Neves, encontramos o registro de um tipo de gênero, pertencente às camadas desfavorecidas da população, originária da cultura africana, o batuque:

Embora não se trate de uma legítima expressão da arte musical, sou tentado a evocar o ritmo do batuque que, em muitos sábados, se implantava no alto da Ladeira, em que a preta Bernarda era a grande dama. De seis da tarde às seis horas do domingo. O zabumba sustentando o ritmo, acompanhando uma trova monótona, o suficiente para sustentar o sapateado e a umbigada.¹¹³

Tinhorão (1998) associa o batuque ao lundu, afirmando que os dois ritmos têm uma origem comum. Ambos nasceram nos terreiros africanos, realizados em lugares ermos pelos escravos das roças muitas vezes ligados às cerimônias religiosas. Talvez, por essa origem, Flávio Neves não reconhece o batuque como “uma legítima expressão da arte musical”. Esses ritmos surgiram na Bahia, mas também se teve notícias deles, simultaneamente, na década de 1760, no Rio de Janeiro e Pernambuco.

2.5 Festas: *amanhã é dia dos annos de Edivaldo...*

A vida na família, no seu espaço doméstico, propiciava às crianças várias oportunidades de aprendizado e de conhecimento de mundo. As festas realizadas em casa ensinavam-lhes as regras de comportamento exigidas naquela sociedade, além de outras práticas culturais valorizadas. As festas familiares mais comuns eram os casamentos e aniversários. Nos casamentos as crianças tomavam parte, dentro dos limites e regras destinadas a elas, conforme indica esse relato:

Um bom casamento daquele tempo acarretava três dias de festa: à véspera, com danças, comidas e bebidas variadas; o dia, com a celebração solene na Igreja (às vezes em casa); o terceiro dia, com um jantar, com ondas de consumidores, senhoras, cavalheiros, por último a meninada e os músicos. (NEVES, 1986, p. 20).

¹¹³ NEVES, 1986, p.19-20.

Os aniversários infantis eram uma das festas que as crianças encontravam mais espaço para se divertirem. Encontramos referências a simulações de aniversários, como uma brincadeira de bonecas, como se fosse de pessoas da família, experiência que envolvia, além das crianças, alguns membros adultos da família, geralmente as mulheres.

Angelina continua sempre pachorrenta da D. Jovina que ella está estudando mais do que no anno passado. Carmita está estudando commigo e sempre com muito gosto. Está agora aprendendo uma poesia para recitar domingo, no baptizado de uma boneca de Zelinda, ella é muito amiga de Tio Rogaciano, está sempre prosando com elle que apprecia muito a vivacidade d'ella.¹¹⁴

Estas festas ofereciam oportunidades para as crianças mostrarem suas habilidades em várias artes. A prática mais comum era recitar poesias. Conforme indica a carta, alguma pessoa da família se responsabilizava em treinar a criança, anteriormente, para tal atividade. Para as meninas mais velhas até a arte de organizar a estrutura da festa era-lhes atribuída como responsabilidade, como se fosse um exercício para uma atividade social que viria na vida adulta, como “senhoras da sociedade”, como eram suas mães, conforme afirma o trecho desta carta:

Todos de casa estão com saúde e assim Alzira e as meninas. Zelinda já está preparando festa para o dia 14 de Novembro dia dos annos de Elvirinha. Carmem e Angelina já estão decorando uns versos para recitarem. (...). Amanhã é dia dos annos de Edivaldo a elle envia muitos abraços desejando muitas felicidades e um futuro brilhante para a gloria de todos que o estima.¹¹⁵

Zelinda era a irmã mais velha de Elvirinha, a aniversariante. E era a avó, orgulhosa dos avanços das meninas, que noticiava o fato para outros membros da família. No jornal *A Penna* temos outras referências de festas organizadas por mocinhas, o que era bastante enaltecido na nota como algo digno de muitos elogios e de reconhecimento, como podemos perceber na publicação do dia 29 de janeiro de 1920:

¹¹⁴ EVANGELINA. **Carta para Nenem (Celsina)**. Caetité, 13 de março de 1916. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 01, maço 04.

¹¹⁵ ANNA SPÍNOLA. **Carta para Celsina**. Caetité, 10 de outubro de 1927. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 01, maço 04.

FESTA LITERARIA

Realizou-se na residência do nosso venerado amigo o Prof. Antonyno publico, na noite do 26 do corrente, um bello espectaculo promovido por sua intelligente netinha Nair, filha do nosso amigo Ermirio Publico, a qual nesse dia festeja o seu anniversario natalício. Figuraram muitas interessantes e cultas mocinhas e crianças que já têm mais de uma vez se exhibido com applausos no teatro desta Cidade e houve grande concorrência de espectadores, que foram gentilmente convidados.

Seguiram-se a essa diversão, que muito deliciou, sendo dispensados muitos agrados áquellas pessoas e Exm^{as} Familias que lá estiveram.

Nossos sinceros applausos e felicitações.¹¹⁶

No caso dessa festa, até o título foi bastante sugestivo “festa literária” e a atração foi um espetáculo teatral exibido pelas mocinhas e crianças, como era costume fazerem no teatro da cidade. Mais uma vez vemos as experiências vivenciadas na vida social, na cidade, serem imitadas pelas crianças na vida em casa. Os anúncios de aniversários de crianças, a partir dos anos de 1920, foram cada vez mais freqüentes no jornal. Nos últimos anos da década de 1920, criou-se a seção intitulada *Sociaes*, na qual eram divulgados os aniversários, notas sobre os viajantes ilustres na cidade, falecimentos, entre outros assuntos. Anteriormente a essa década não constava nenhuma nota de aniversário infantil, apenas festas, jantares e saraus comemorando aniversários de pessoas adultas e ilustres da sociedade. Em 1925, publica-se a seguinte nota:

No lar

O Sr. Leovegildo Gustavo da Silva, no dia 19 deste mez festejou o anniversario de sua filhinha, o único fructo existente do seu casal, ao qual dedicam os paes o maior affecto, tanto mais que se trata de uma menina de conducta exemplar. Fomos convidados para essa commemoração familiar, que se realizou de modo a contentar a todos os visitantes. Nossas visitas e felicitações a jovem anniversariante e a seus dignos paes pela feliz passagem de data tão auspiciosa.¹¹⁷

A criança, principalmente aquela de “conduta exemplar”, como sugere a nota, deveria ser enaltecida. As crianças participavam também, com suas famílias, de festas consagradas na cidade pelos costumes do lugar, como as festas de São João e as festas ao Dois de Julho, além das festas religiosas, de que trataremos posteriormente. Cada uma dessas comemorações

¹¹⁶ A *Penna*, 29/01/1920, p.02, nº 209, Anno IX.

¹¹⁷ A *Penna*, 30/07/1925, p.04, nº 349, Anno XIV.

coletivas envolvia toda a região e possuía um ritual próprio. Assim Flávio Neves recorda da noite da festa de São João¹¹⁸, dia 23 de junho:

Às 8 da noite, já acesas as fogueiras, cada, com uma bananeira ou arbusto implantados, a cidade mergulhava em uma constelação ardente. E começava um festival de fogos; alguns de salão, muitos de rua, com fortes cargas explosivas. Traques dos meninos, chuveiros, pistolas e outros tantos fogos vistosos e coloridos. Soberanos eram os buscapés, com limalha branca ou vermelha. Acesos e lançados riscavam a praça ou a rua em todos os sentidos, para morrerem com a explosão final.¹¹⁹

Além da fogueira e dos fogos, faziam/fazem parte da composição da festa, as comidas típicas: a canjica (ou mungunzá, para a região litorânea da Bahia), a cocada, o mingau e o bolo de milho verde, o milho verde cozido e assado na brasa, a pamonha, a leitoa assada, entre outras tantas comidas. Era a comemoração da fartura da colheita como nos tempos remotos da tradição ocidental. A diferenciação entre o comportar-se das crianças e adultos nessa festa se dava em relação ao grau de perigo dos fogos. As crianças menores soltavam estalas salão, o menor nível de fogos e ia elevando a periculosidade para as chavinhas, os traques, as bombinhas, ainda permitido aos/as meninos/as, até chegar aos foguetes, permitidos apenas para os adultos. Alguns acidentes com fogo marcavam esse período das festas, que durava todo o mês de junho.

A festa ao Dois de Julho é, ainda hoje, a mais alta tradição cívica na cidade de Caeté. Remete às comemorações pelas lutas que marcaram a conquista da independência da Bahia, nessa data. Essa festa foi tema de várias matérias do jornal *A Penna*¹²⁰, geralmente publicadas na primeira página, todos os anos, no mês de julho. As notícias variavam desde os significados da festa, aos preparativos, que envolviam muito tempo, até a descrição de como ocorreram as comemorações. Áurea Silva assim descreve a festa, referindo-se especificamente às comemorações ao Dois de Julho do ano de 1918:

¹¹⁸ A data do São João foi e é ainda muito comemorada na Bahia, como também em outros estados da região nordeste, tanto que o dia 24 de junho, dia dedicado a esse Santo, é feriado nessa região do País.

¹¹⁹ NEVES (1986, p. 20).

¹²⁰ A matéria do dia 09 de julho de 1914 dizia: “Cabe ao Caeté a honra de ter introduzido no alto sertão a louvável usança da festa cívica ao 2 de julho, como se constata do seu arquivo municipal. (...) Recitaram lindas poesias das janellas de sua residência, o Major Antonio Neves e seu filhinho Affonso; (...) Seguiram-se na tribuna as interessantes crianças: Elza Castro que recitou a poesia ‘A Bandeira’ do Dr. Frederico Lisboa, Silvia Silveira, Filomena Fagundes Silveira e Maria Julieta Cardoso, as quaes recitaram não menos lindas poesias. Foram todas applaudidas com entusiasmo”. *A Penna*, 09/07/1914, p.01, nº 64, Anno III.

Acabara de anoitecer; os lampiões já estavam acessos em toda a cidade de Caetité, que, naquela noite de 1º de julho, se achava engalanada e festiva. Havia muitas fogueiras acesas por todo o percurso onde passaria o carro alegórico, rumo à ladeira do Conselho, de onde, na manhã seguinte, seria transportado em triunfo pelas ruas da cidade. Cavalheiros em disparada, ao som dos guizos das cavalgaduras, davam a nota pitoresca ao ambiente. A multidão reunia-se pelas calçadas, sob as estrelas e a lua cheia. Espocavam fogos ao iniciar-se o hino baiano, quando surgiu o cortejo cívico à entrada da rua Barão de Caetité. À frente vinha o carro alegórico, empunhando arcos e tangapemas e soltando assobios estridentes e ritmados; a banda de música, seguida pelo povo. O cortejo cívico fez várias paradas às portas das casas, onde oradores declamavam odes à grande data baiana. (...) Às oito e meia, povo, autoridades, escolas e linha de tiro e a banda de música seguiram para a Pedra do Conselho.¹²¹

As crianças tinham amplo espaço de participação nessa festa. Desfilavam, declamavam poesias, participavam das brincadeiras que se seguiam ao cortejo cívico e das festividades do teatro, enfim, apreciavam todas as apresentações. Essas experiências deixavam marcas fortes na formação dessas crianças. Flávio Neves descreve seu sentimento diante da festa: *Sentia-me, como todos, contagiado por indizível entusiasmo. Aquela pugna imensa, para mim assumia as proporções de uma realidade física, acrescida, ainda, pela imagem gigantesca daquele anjo da morte¹²² a coser tão descomunal mortalha. O mundo todo teria sentido os abalos daquela formidável luta.¹²³*

2.6 Religiosidade: *Filhinho, não descuide dos teus deveres religiosos...*

A cidade de Caetité possui uma forte tradição religiosa desde os seus primórdios. Inicialmente, a predominância era quase exclusiva da Igreja católica. Essa exclusividade foi quebrada oficialmente com a criação do Centro Espírita¹²⁴, chamado Centro Psychicho de Caetité, fundado em 1905. Segundo Joseni Reis (2010, p.81),

a fundação do Centro Espírita de Caetité ocorreu em 25/12/1905, em sessão no Paço Municipal, às 13:00h sob a presidência do dr. Aristides de Souza Spinola, vice-presidente da Federação Espírita Brasileira, e contou com a presença de nove iniciantes na doutrina.

¹²¹ SILVA (1992, p. 55-56).

¹²² Grifos do autor. Os dois termos são trechos da poesia “Ode ao dois de julho”, do poeta Castro Alves.

¹²³ NEVES (1986, p.10-11).

¹²⁴ Sobre o Centro Espírita de Caetité ver Joseni Reis (2010).

Ainda de acordo com a autora, os iniciantes da doutrina pertenciam às famílias tradicionais da cidade, ligadas ao poder político e com bom nível de escolaridade, já que o exercício da doutrina implica a leitura, estudo e escrita de textos.

Alguns anos depois, em 1911,¹²⁵ é fundada em Caetité a Igreja Presbiteriana, o que estremeceu um pouco mais o domínio católico. A reação da Igreja Católica foi imediata, com a criação do Colégio São Luiz Gonzaga, em 1912, pertencente à Ordem dos padres Jesuítas e a criação do Bispado, em 1914, que teve ampla influência na vida das famílias, pois, apesar de haver liberdade religiosa e uma aparente harmonia entre os membros das diversas religiões, não resta dúvida de que a força da tradição católica demonstrava ter maior legitimidade ante os olhos das famílias. Apesar de a família Teixeira ter pessoas que freqüentavam o centro espírita, percebemos que nas suas correspondências só se falava da religião Católica; assunto sempre recorrente, como na carta a seguir:

Ao chegar da missa episcopal e da comunhão das meninas, recebi sua carta vinda pelo Chicão e dirigida a Mamãe. Ella está em casa de Alzira esperando a missa de Ramos que já deve ter começado e para qual já foram Tinha, Angelina e Carmita. A festinha do Pe. Santos foi mtº boasinha, todas as meninas vestidas de noivas, e cantaram muitos benditos. Bem concorrida, apesar de ser 7 horas. Carmita muito satisfeita por ter vestido de anjo.¹²⁶

Essas atividades religiosas estavam intimamente vinculadas à vida familiar e, conseqüentemente, com a educação das crianças. A vida se organizava em torno das missas, dos batizados, casamentos, cerimônias de primeira comunhão e tantas outras festividades relacionadas à Igreja Católica. Na correspondência a seguir, uma das mães organizou um jantar em casa após a crisma e um batizado de crianças da família:

No domingo de Paschoa houve a crisma, crismaram umas 60 crianças. De Alzira crismaram Zelinda sendo a professora Constança madrinha, e eu chrismei Elvirinha, Benjamin também era para crismar, estava muito satisfeito, porém, como V. sabe, elle é muito escabriado, quando viu a confusão fugiu da Igreja.

¹²⁵ Nesse mesmo ano foi fundada em Caetité pelos presbíteros, a Escola Americana. Dado coletado pela autora em edições do jornal *A Penna*, do período.

¹²⁶ EVANGELINA. **Carta para Nenem** (Celsina). Caetité, 15 de abril de 1916. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 01, maço 04.

Oswaldo já baptisou foram os padrinhos: o Cel. Cazuzinha e Mariquinhas por procuração de Zinha. Alzira preparou um jantar para os padrinhos e também pessoas da família.¹²⁷

De acordo a tradição, essas cerimônias marcavam a passagem de uma fase da vida à outra. Geralmente, os batizados eram realizados no primeiro ano do bebê como uma apresentação da criança à vida com o intuito de, simbolicamente, protegê-la dos males físicos e espirituais que, segundo as crenças, poderiam acometê-las nesse “frágil” período. Segundo Jacques Gélis (1991), o batismo, além de constituir um sacramento e rito de socialização da criança, também era a oportunidade de assegurar a qualidade de sentidos do bebê, mediante procedimentos mágicos. A primeira comunhão marcaria outra fase quando a criança saíria do período de maior dependência do adulto. A sequência de fotos abaixo nos mostra a imagem de três crianças trajadas com a vestimenta típica dessa cerimônia. Nelas podemos inferir que era mais ou menos entre os 8 a 10 anos de idade que se dava a transição para essa fase em que a criança iria ganhando mais credibilidade por parte da sociedade adulta:



Figura 15 - APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: Álbum de fotografias. Caixa 01. 1925; 1913; 1922.

Os trajes e acessórios eram extremamente elaborados, o que requeria muito empenho das famílias para preparar as crianças para a Primeira Comunhão, como afirma o trecho dessa carta: *No domingo de Ramos haverá comunhão solemne das meninas do cathecismo.(...)*

¹²⁷ TILINHA. **Carta para Sissinha** (Celsina). Caetitê, 25 de abril de 1908. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 01, caixa 01.

*Estou cosendo um vestidinho para Angelina vestir no domingo, não sei se encontro o seu véo e capella que por esquecimento deixei de mandar perguntar onde estava.*¹²⁸ Áurea Silva também deixou registrado nas suas memórias como foi a sua cerimônia da primeira eucaristia, aos oito anos de idade:

Em meados de maio, haveria Missão e, para culminar, com a solene missa da Primeira Comunhão das crianças. (...) Na época, o enxoval de Primeira Comunhão era muito complicado: vestido branco, sapatos, meias, luvas e grinalda com véu da mesma cor, missal e rosário. Mas, em poucos dias as oitenta neocomungantes estavam prontas. (...)

Às oito horas em ponto, desfilávamos de duas em duas pela rua Barão de Caetité, tendo à frente, nossa mestra (...) Na tarde, deste dia, reunimos-nos novamente em casa de D. Jovina, onde iriam ser fotografadas, em grupo, as neocomungantes, a mestra e o vigário. Às quatro horas, tornamos a desfilar em direção à igreja, para acompanharmos a procissão de encerramento da festa.¹²⁹

Todas essas ações da Igreja Católica tinham a intenção de garantir a manutenção da família dentro de uma estrutura conservadora, no sentido de evitar alterações na ordem vigente. De acordo com Maria Luiza Marcílio (1991, p. 07), *as diretivas da Igreja*¹³⁰ *sobre a família permaneceram praticamente intactas ao longo dos quatro primeiros séculos da nossa história e só deixaram de existir na lei, com o Código Civil Brasileiro, de 1916.* Entretanto, como a autora afirma, as normatizações da Igreja Romana sobre o casamento, o batizado, o divórcio, o controle da natalidade, entre outros aspectos da vida da família, pouco mudaram, apesar do Código Civil. Conforme Riolo Azzì:

Pode-se afirmar que, durante toda a primeira metade do século XX, a Igreja colocou a preservação dos valores morais da família como uma das suas metas prioritárias, propugnando por uma ordem social conservadora que impedisse quanto possível as transformações sociais em marcha no País. (1991, p. 111).

¹²⁸ TILINHA. **Carta para Sissinha** (Celsina). Caetité, 14 de abril de 1916. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 02, maço 01.

¹²⁹ SILVA (1992, p. 41-44).

¹³⁰ Sobre o papel normatizador, disciplinador e controlador da Igreja Romana sobre a família, Maria Luiza Marcílio afirma que: “As normas éticas e de doutrina sobre a família e sexualidade foram minuciosamente estabelecidas no Concílio de Trento, no século XVI, e copiadas e adaptadas ao Brasil pelas “Constituições primeiras do Arcebispo da Bahia, de 1707” (1993, p. 7).

As famílias, principalmente as mães, empenhavam-se em transmitir para os filhos todos os princípios preconizados pela Igreja. Nas correspondências entre mãe e filho, era freqüente a insistência da mãe para que o filho não se “desviasse” dos preceitos religiosos:

Filhinho, não descuide dos teus deveres religiosos, rezar todos os dias, de manhã e á noite antes de dormir; ouça missa sempre que puderes, commungue ao menos uma vez por semana, e seja muito devoto de nossa Mãe Santissima (...) Tenho pensado que para tua formação religiosa e moral, era melhor que continuasses no Collegio; acima de tudo está a salvação da alma, que é a única coisa necessária; saúde, honra, riquezas, são desnecessárias.¹³¹

Visita também N. S. Sacramentado; quando saíres da aula, não deixe de ir visitá-lo todos os dias. Quantas graças Elle nos derrama por tão pouco! Aqui está estabelecida esta visita e rezam cinco P. N. e cinco A. M. pelas intenções do sumo Pontífice.¹³²

Cumprir com as determinações religiosas não implicava apenas fazer as orações, mas também participar de atividades festivas, mais agradáveis aos olhos das crianças. Além das festividades dos batizados, dos casamentos, a festa que mais agradava as crianças eram as comemorações natalinas. Para Flávio Neves:

Essa temporada era revestida do calor de uma fé simples e ingênua. (...) Das crianças aos adultos, em meu Caetité, a figura do Menino Jesus achava-se em nossa consciência, em pureza e devoção. O episódio do presépio era dominante. (...)

Em quase todas as casas um presépio exposto à visitação, mormente à noite; um ir e vir na rua de grupos alegres, um entra e sai de visitantes a fazerem comparações e apreciações. Era de regra, ao tempo, a apresentação dos chamados Bailes Pastoris. Pecinhas ingênuas encenadas com as crianças; algumas de autoria do meu pai, o *Baile das Pedras Preciosas e dos Metais ...* Como em todo o Brasil os ternos do reisado percorriam as ruas, de casa em casa, a anunciarem a boa nova, ocorrida em Belém. A retribuição à notícia recolhia-se depois, para gastar-se em uma festa de encerramento.¹³³

Ana Galvão (1998) afirma que a presença dos pastoris nas cidades, no século passado e no começo deste século, era bastante comum, organizando-se, em alguns estados do Nordeste, verdadeiras companhias teatrais que percorriam o interior para as apresentações. Essas

¹³¹ CELSINA. **Carta para Edivaldo**. Caetité, 07/08/1927. APMC, Fundo Casa Anísio Teixeira. Grupo Edivaldo, caixa 01, maço 01.

¹³² CELSINA. **Carta para Edivaldo**. Caetité, 01 de novembro de 1927. APMC, Fundo Casa Anísio Teixeira. Grupo Edivaldo, caixa 01, maço 01.

¹³³ NEVES (1986, p. 13-14). Grifos do autor.

apresentações representam a visita das pastoras a Belém. Áurea Silva, quando criança em Caetité, participava desses pastoris: *Todos os anos, a nossa vizinha do lado, dona Zeferina, organizava, pelo Natal, bailados pastoris ou ternos de Reis. E eu, apesar da pouca idade, sempre tomava parte naquelas representações natalinas, vestida de anjo ou pastorinha.*¹³⁴

Sobre as comemorações do natal na cidade, o jornal *A Penna* noticiou, em edição do dia 4 de janeiro de 1923, como foram as comemorações do Natal na Igreja Evangélica e no Centro Espírita:

No templo evangélico, a 25, previamente preparado e ensaiado, houve um alegre festival, reunindo-se muitos crentes e curiosos, dando a nota as creanças em torno de uma linda arvore de natal, constellada de luzes e provida de muitos e bellos e presentes. Foram entoados hymnos em louvor de Jesus ao som do harmonium, houve predica, muitas creanças recitaram poesias análogas á santa commemoração da vinda do Senhor; e tudo isso abrilhantado pela chuva, essa graça de Deus que tanta alegria causa ao pobre homem do campo.

No Centro Psychico, á tarde de 25, fez o Sr. Virgilio Cotrim distribuição de mantimentos e dinheiro aos pobrezinhos, conforme planejou desde o começo do anno e realisou com sacrificio, e quase ás suas expensas. Tambem foram distribuídos brinquedos e roupinhas ás creanças. (...) Recitaram lindas poesias grande numero de creanças.¹³⁵

Embora as três crenças religiosas proferidas na cidade se assumam como cristãs, percebemos que cada uma comemora a data natalina à sua maneira. Nas três, a presença da criança ocupa lugar de destaque nas festividades, embora a notícia sobre o Centro Espírita realce também a caridade em relação às crianças pobres. Ariès (2006) afirma que as festas de família como o Natal, na passagem das sociedades do Antigo Regime para a Idade Moderna, vão concentrando todas as atenções em torno das crianças. *As festas da família tornam-se as festas da infância.*¹³⁶

Dos dados coletados sobre a temática da religião, 82% deles eram referentes à Igreja Católica, 10,7% referiam-se à Igreja Presbiteriana e 7,3% ao Centro Espírita. É interessante destacar que o proprietário e redator do jornal que mais circulou na cidade era espírita. Queremos mostrar com isso não apenas a predominância da Igreja Católica na vida das famílias caetiteenses, mas também levantar um questionamento sobre um dado apresentado anteriormente sobre o “batuque” da preta Bernarda. Logicamente, não podemos ter certeza da

¹³⁴ SILVA (1992, p. 47).

¹³⁵ *A Penna*, 04/01/1923, p.01, nº 283, Anno XII.

¹³⁶ Ariès (2006, p. 148)

sua pertença religiosa apenas por suas origens africanas, mas fica a questão de que, numa região em que a presença de negros era expressiva,¹³⁷ não existiriam cultos da tradição religiosa africana? Será que a predominância forte da Igreja Católica conseguiu converter todas as pessoas de origem africana? Gilberto Freyre (2004, p.793) afirma que *a presença africana na vida religiosa do Brasil, através de uma participação de negros e de descendentes de negros no culto católico dava a esse culto aspectos dos quais por vezes envergonhavam os ortodoxos brancos*. A existência da Igreja de São Benedito na cidade pode estar relacionada com o fato de que a Catedral existente na praça central de Caetité destinava-se mais “apropriadamente” aos brancos, onde os negros provavelmente “incomodavam” ou “envergonhavam”. Maria de Fátima Pires (2006, p.265-266) afirma que:

Vivenciavam na região elementos da religião afro-brasileira, principalmente em sambas e batuques. O contato com as tradições católicas se dava corriqueiramente naquelas pequenas localidades do sertão, tão apegadas ao calendário cristão (...). No alto sertão as festas católicas atraíram a participação de escravos, forros, livres pobres e libertos. Em Caetité, a festa da Igreja de São Benedito reunia várias pessoas do lugar, inclusive ex-escravos.

Mas vamos insistir na questão de que, mesmo que grande número de pessoas de origem africana participasse dos cultos católicos, será que os cultos africanos foram totalmente erradicados? Ou não convinha serem divulgados, por isso era praticado às escondidas em locais afastados, que até poderiam ter a presença de alguns dos senhores/as brancos/as simpatizantes desses cultos, mas que não deixaram registros? Infelizmente, a falta de registros de aspectos da cultura africana, nesse caso da religiosidade e educação da criança, impede-nos de obter mais conhecimentos que nos ajudem a entender qual a influência que eles tiveram no processo de distinção geracional criança/adulto, ou mesmo saber até que ponto existiria essa distinção.

A criança pequena aprendia as primeiras lições de vida junto à família, no espaço privado da casa. À medida que ia adquirindo maior autonomia, como ser capaz de comandar seus passos, os espaços de aprendizagem, mesmo sob a responsabilidade do pai e da mãe ou adultos

¹³⁷ Fotografias das feiras livres do período e de uma festividade religiosa em frente à Igreja de São Benedito, existente na cidade desde o século XIX confirmam esse dado.

responsáveis, começavam a se ampliar, assim como abrir novas perspectivas para outros aprendizados. Aprender a ter o controle motor sobre seu corpo, aprender a falar e compreender a língua materna propiciavam o aprendizado de outras práticas culturais oriundas do seu grupo de origem, como as brincadeiras, as histórias que foram sendo elaboradas e repassadas de geração a geração, as músicas e festividades, assim como a própria religiosidade. Percebemos que aos poucos, a cada nova aprendizagem, o mundo da criança galgava passos e diminuía as distâncias rumo ao mundo dos adultos. No próximo capítulo nos dedicaremos, especificamente, ao aprendizado da leitura e da escrita, fundamental para prosseguirmos na busca da compreensão de como é produzida a infância no período e espaço em estudo.

CAPÍTULO III

AS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE DISTINÇÃO DA CRIANÇA/ADULTO

Todos os dias à noite, faço elles estudarem, Jayme continua impaciente só quer ler a lição uma vez, é preciso, forçal-o para ler mais vezes. Fale com Vanvan que Anísio já está estudando Grammatica, e com muito gosto, porém Mamãe não quer, pois elle está muito pequeno e assim cançã a memória muito cedo.

Tilinha. *Carta para Sissinha*. Fevereiro de 1908.

3.1 Aprendizagem da leitura e da escrita: *Ja aprendeste o abc?*

Aprender a dar os primeiros passos encaminhava a criança a outras aprendizagens futuras. No período aqui estudado, o domínio do saber ler e escrever passou a ter outra valoração. As discussões dos intelectuais e políticos denunciavam a “ignorância” da população e ser alfabetizado adquiriu outros significados.¹³⁸ Os censos realizados nas últimas décadas do século XIX revelaram altos índices de analfabetismo em todo o País, o que antes não incomodava, pois, de acordo os velhos hábitos culturais, era a posse da terra que assegurava o “status” e não o domínio do saber intelectual (GALVÃO, 1998). O quadro abaixo, com dados do censo de 1890 traz os índices de pessoas que sabiam ler e escrever e das pessoas que não sabiam, no Brasil, na Bahia e em Caetité:

Tabela 1: População recenseada quanto à aprendizagem da leitura e da escrita em 1890:

Localização	Nº de pessoas que sabiam ler e escrever	% de pessoas que sabiam ler e escrever	Nº de pessoas que não sabiam ler nem escrever	% de pessoas que não sabiam ler nem escrever	Nº total da população
Brasil	2120559	14,79%	12213356	85,21%	14333915
Bahia	166881	8,7%	1752921	91,3%	1919802
Caetité	3200	8,1%	36721	91,9%	39921

Fonte: IBGE: Diretoria Geral de Estatística. Sexo, raça e estado civil, nacionalidade, filiação, culto e analfabetismo. Censo de 1890. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br>>

Pelos dados apresentados, percebemos que o estado da Bahia e o município de Caetité apresentaram índices de alfabetização abaixo da média nacional. Em Caetité, numa população de 39.921 habitantes, apenas 3.200 sabiam ler e escrever. Dez anos depois, em 1900, a população do município chegou a 45.346 habitantes¹³⁹, porém não encontramos registros sobre os índices de aprendizado da leitura e da escrita nas primeiras décadas do século XX. Acreditamos, porém, de acordo com indícios presentes nos documentos, que o número de

¹³⁸ A alteração da Lei eleitoral em 1881 instituiu a alfabetização como condição para o direito ao voto, em um contexto em que este era também censitário.

¹³⁹ IBGE. Synopse do recenseamento de 1900. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.br>>

alfabetizados superou os indicativos anteriores, principalmente na sede, pois havia muita circulação de impressos, propiciada pela existência da tipografia, um número elevado de estabelecimentos escolares¹⁴⁰, significativo comércio de livros e existência de bibliotecas na cidade¹⁴¹. No que se refere às crianças, como elas eram iniciadas na aprendizagem da leitura e escrita? Que práticas lhes possibilitavam fazer parte dessa estatística e aumentá-la?

A iniciação no aprendizado da língua escrita, de forma mais sistematizada, ocorria por meio das cartas de ABC e do livro de leitura. Havia o interesse das famílias e a tradição, segundo a qual, isso deveria acontecer antes da entrada na escola.¹⁴² Conforme relata Áurea Silva (1992, p. 39), *eu havia completado sete anos de idade, e minha mãe achou que era tempo de me matricular na escola. Um ano antes, já me exercitava no livro de leitura, escrita e tabuada.* Ana Galvão (2001, p.120) afirma que *para a fixação das primeiras aprendizagens em relação à leitura, era comum a utilização dos livros de leitura utilizados na sequência das cartas de ABC.* Esse aprendizado era assunto valorizado nas correspondências. Em abril de 1908, uma carta noticiava: *Nelson [com quatro anos¹⁴³] está lendo carta de abc, já conhece algumas letras. Não escrevi no correio passado porque estava na escola¹⁴⁴.* Em novembro do mesmo ano aparece, de novo, referência ao interesse de Nelson pelo assunto: *os meninos continuam*

¹⁴⁰ No decorrer do período tratado (1910-1930) funcionaram as seguintes instituições de ensino em Caetité: Seminário Diocesano São José; Collegio São Luiz Gonzaga; Collegio Americano; Colegio Bom Pastor; Eschola Municipal; Eschola Parochial; Eschola Estadual do sexo feminino e Eschola Estadual do sexo masculino. Dados coletados pela autora por meio de várias notas sobre essas escolas, publicadas nas edições do jornal *A Penna* entre os anos de 1911 e 1916. APMC.

¹⁴¹ O jornal *A Penna* frequentemente publicava a circulação de empréstimos de livros realizados pela Biblioteca da União Operária Beneficente, como esta do mês de fevereiro de 1912: “(...) Foi visitada a biblioteca por 240 pessoas, sendo consultadas 128 obras, revistas e jornaes. Foram emprestados 47 volumes, voltaram 38 e restam 9 no empréstimo (...)”. APMC. *A Penna*, 04/02/1912, p.02, nº 05, Anno I.

¹⁴² Ana Galvão (1998, p. 124), em análise sobre o cotidiano escolar na Paraíba, afirma que “inicialmente, o aprendizado da leitura e da escrita se dava no interior do próprio engenho. As mulheres da casa, além de todas as atribuições que tinham, também se incumbiam dessa tarefa.” Na França, Anne-Marie Chartier (2007), em estudos sobre as obras impressas destinadas à iniciação das crianças nos “rudimentos da leitura”, destaca também que o público ao qual elas se destinavam eram os professores e as famílias. “Com efeito, em toda família, mesmo quando pouco instruída, as crianças aprendiam a ler em casa, graças às lições de um professor primário ou da mãe de família” (p. 78).

¹⁴³ Sobre as formas diferenciadas para iniciar crianças de pouca idade na aprendizagem da leitura, Chartier (2007) afirma que até 1830 isso não era um problema, pois adultos e crianças aprendiam da mesma forma. Mas, aos poucos, foram suscitando debates apaixonados, o que interferiu na produção do material a ser utilizado para tal fim: “Apesar das críticas virulentas endereçadas a Locke por Rousseau (‘a leitura é o flagelo da infância’), a precocidade e a rapidez das aquisições tornaram-se os principais argumentos para elogiar a excelência de um método” (p. 81). A autora destaca ainda que, durante todo o século XIX, a idade de quatro anos serviu como referência para as mães de família e isso fez com que aos poucos fosse gerando diferenciações nos materiais destinados às famílias tradicionais (aprendizagem rápida) e nos manuais destinados às escolas populares; esses últimos exigiam uma duração de tempo maior para aprender a ler.

¹⁴⁴ LEONTINA. **Carta para Sim-sim** (Celsina). Caetité, 11 de abril de 1908. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 02, maço 01.

*satisfeitos com a escola. Nelson anda às voltas com uma carta de abc.*¹⁴⁵ As duas cartas retratam também que o contexto escolar era bem familiar a Nelson por causa dos irmãos que já frequentavam a escola e, possivelmente, era um motivo a mais para que se interessasse em aprender a ler. Quando a mensagem era direcionada à própria criança, o assunto da alfabetização foi tratado e colocado nas cartas, lado a lado com outros temas bem próprios do universo infantil:

Querido Edivaldo,
 (...) Carmita continua estudando bem e assim Gigi. Ellas te mandam saudades e a Christina.
Ja aprendeste o abc? Christina tem estudado? Como vae o bem-te-vi? E o teu gatinho? O de tua Mamãe ainda tem pulgas? Os pássaros pretos estão espertos?
 O meu periquitinho desapareceu. Carmita sentiu muito e eu também. Fez-nos grande falta. Era tão manso e bonitinho! (...) ¹⁴⁶ (Grifos meus)

A forma como se dava esse aprendizado, possivelmente, diferia entre as famílias. No caso de Nelson, os relatos indicam que ele “andava às voltas” com a carta de ABC, indicando uma maior liberdade e despreocupação com o tempo de aprender, certamente por causa da pouca idade. A iniciação de Áurea ocorreu um pouco mais tarde que o caso anterior, aos seis anos, por meio do livro de leitura, com a ajuda da mãe. Flávio Neves também aprendeu simultaneamente a ler e a escrever, em casa, com a irmã mais velha, formada na Escola Normal e que praticava os novos métodos de ensino com a professora da Escola Americana.¹⁴⁷ Nas suas palavras:

Entrei para a escola já devidamente alfabetizado. Em casa minha irmã mais velha, a Nena, de tal se encarregou. Com uma ardósia, hoje infelizmente desprezada, tanto para os exercícios de escrita, leitura e aritmética. Começava-se ler pelo bê-a-bá. Em primeiro lugar o reconhecimento das letras e de seus valores, a seguir, as palavras, em composição e dificuldades crescentes. (NEVES, 1986, p.71)

¹⁴⁵ TILINHA. **Carta para Vanvan e Sissinha**. APMC, Fundo: Acervo Casa Anísio Teixeira. Grupo: Correspondências de mulheres da família Teixeira. Série: Mulheres diversas, caixa 01, maço 01.

¹⁴⁶ EVANGELINA. **Carta para Edivaldo**. s/d e s/l. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 04, caixa 01.

¹⁴⁷ Conforme carta localizada durante o trabalho em arquivo, *Mario e Benjamin estão no collegio de D. Margarida; que tem uns 30 alumnos entre moças, meninos e meninas. O systema é todo diferente, todo pratico. Ella espera uma professora, ou talvez arranje uma por aqui; nesta ocasião ensinará mais: Inglez, musica e desenho. Maria Regina [Nena], Anna Rufa e outras estão praticando com ella para no futuro ajudal-a*. Fonte: ALZIRA. **Carta para Celsina**. Caetitê, 30 de março de 1912. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 02, caixa 01.

O uso da ardósia ainda era comum no início do século XX como material para exercitar a leitura e escrita e, principalmente, as operações de aritmética. Em Itabaiana, na Paraíba, no mesmo período aqui analisado, Ana Galvão (1998) afirma que o uso da ardósia era utilizado também nos colégios, por alguns alunos de famílias “mais abastadas”, que a traziam de casa. De acordo com a pesquisa de Anne-Marie Chartier (2007), até meados do século XIX, acreditava-se que o aprendizado da leitura deveria preceder o da escrita, mas com as transformações nos métodos, tornaram-se frequentes os métodos de ensino simultâneo de leitura e escrita. Segundo a autora, a iniciação da escrita ocorria por meio da ardósia e giz, cuja utilização era mais simples e mais barata que aquela que se valia da pena e da tinta. Quanto ao método, primeiramente se aprendiam as vogais, numa correspondência letra/som, para depois articulá-las com as consoantes, formando as sílabas, utilizando-se a soletração.

Em um provável rascunho de carta, encontramos rabiscos feitos com tinta e pena, com traços característicos da escrita infantil, além das cinco vogais bem traçadas, na parte inferior direita do papel, escritas certamente por alguém que já possuía bastante domínio na prática da escrita.

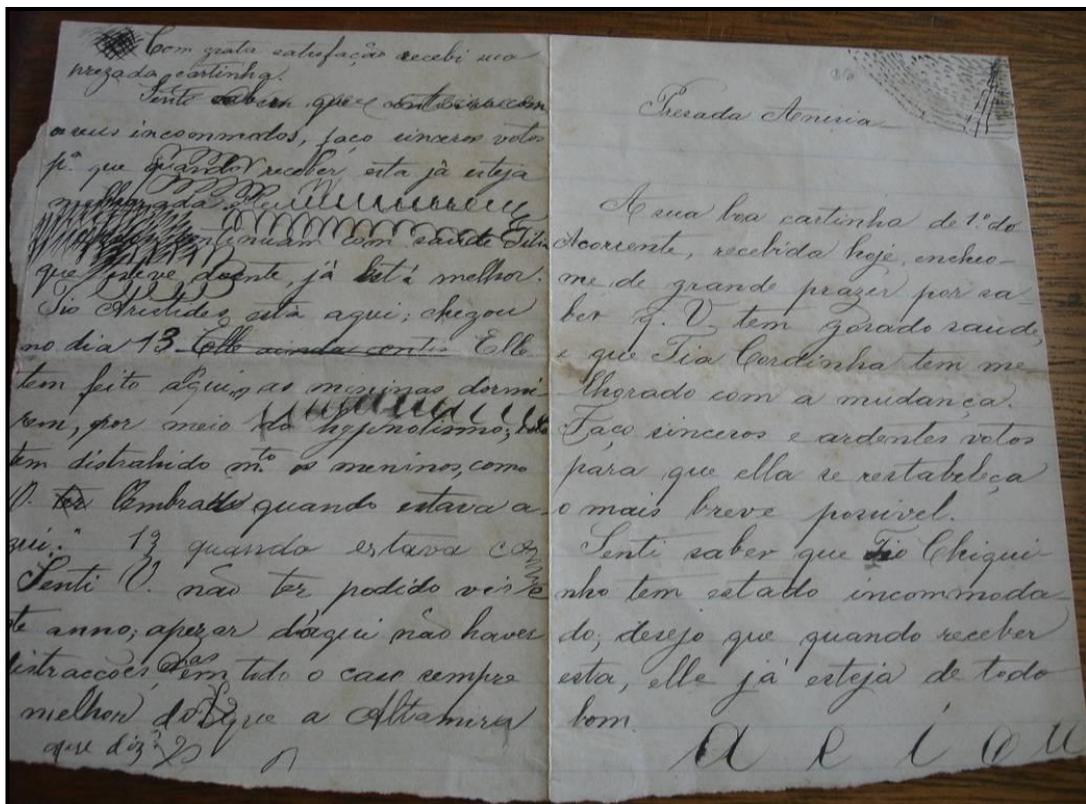


Figura 16 - CELSINA. Carta para Anísia. Caetité, 1908.¹⁴⁸

¹⁴⁸ APMC, Fundo Casa Anísio Teixeira. Grupo, Correspondências de mulheres da família Teixeira. Série: Mulheres diversas, caixa 01, maço 01.

É possível supor que as vogais foram feitas como modelo para um aprendiz que estava por perto, nesse processo de aprendizagem da leitura e da escrita, haja vista que em outras cartas aparece a referência da presença simultânea de adultos e de crianças nos momentos da escrita. Alguns traçados no centro da carta lembram os exercícios de caligrafia bastante utilizados até a década de 1980 nas nossas escolas, durante a fase de “prontidão” para a alfabetização. Certamente a criança, na condição de aprendiz, estava em um dos momentos citados pelas irmãs mais velhas de “atrapalhações” na hora da escrita das cartas, provocando “incorreções” na escrita, tanto é que essa correspondência não foi enviada para a “prima Anísia”, permaneceu guardada nos pertences da família.

Em Caetité, no período, era comum entre as famílias de elite, aprender o francês, além do português. Aprender a ler, a falar e a escrever. Durante as festas do centenário da Independência, em 1922, o jornal *A Penna* fez ampla cobertura de todas as atividades desenvolvidas: desfiles cívicos, alvorada, espetáculos teatrais, sessão literária, etc. sempre com a participação de crianças, principalmente, nos cânticos e nas poesias. Entre essas atividades encontramos uma referência às habilidades de uma criança com a língua francesa numa “sessão literária” ocorrida no Instituto São Luiz Gonzaga: *o aluno Edivaldo Ladeia recitou em francez a poesia ‘Le drapeau du Brésil’, mostrando-se perito na pronuncia da bella língua amiga a qual disse sem trastejar.*¹⁴⁹ Abaixo, temos a foto da capa e da folha de rosto de um livro de leitura francês, intitulado “Le Premier Livre D’Élisabeth”, pertencente a uma das filhas mais novas da família Teixeira. O livro é uma publicação de 1919, na sétima edição. Ele encontra-se em bom estado de conservação, apenas com alguns sinais de uso, como algumas marcas de dobra de página e o nome da aprendiz carimbado: Angelina Spínola Teixeira.

¹⁴⁹ *A Penna*, 14/09/1922, p.01-03, nº 276, Anno XI. Grifos meus.

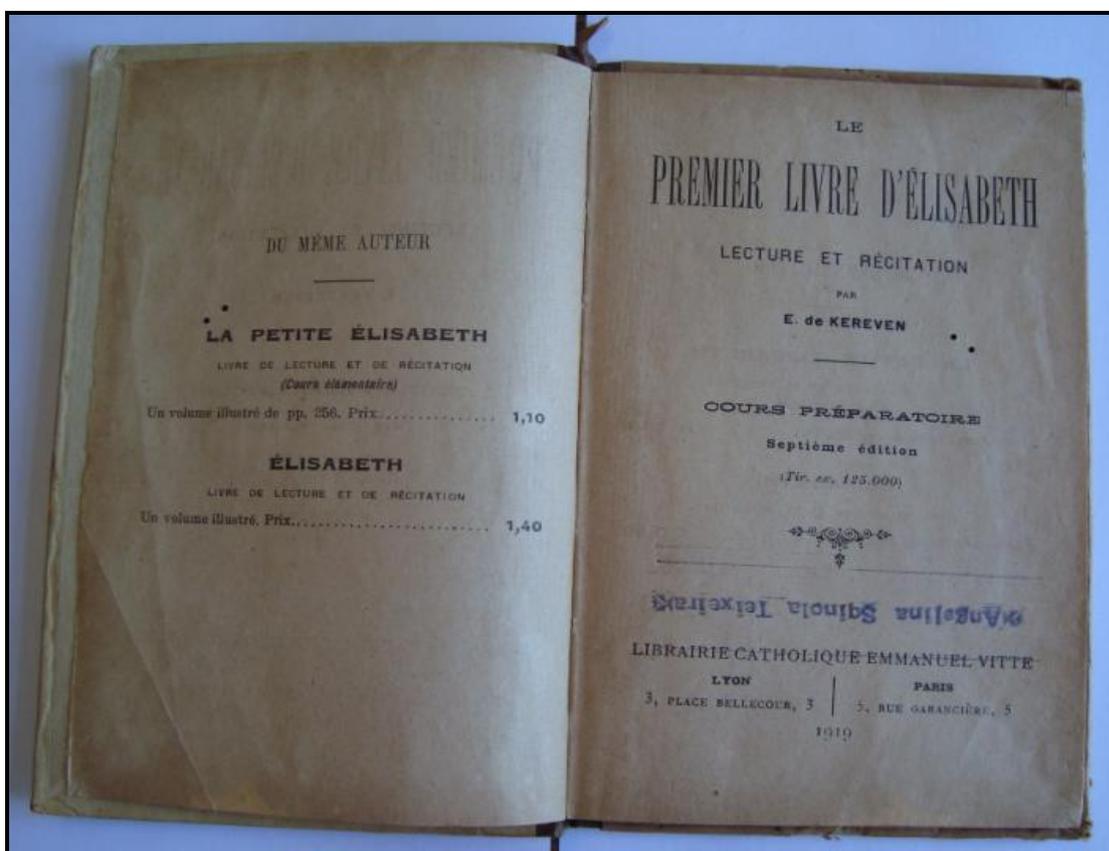
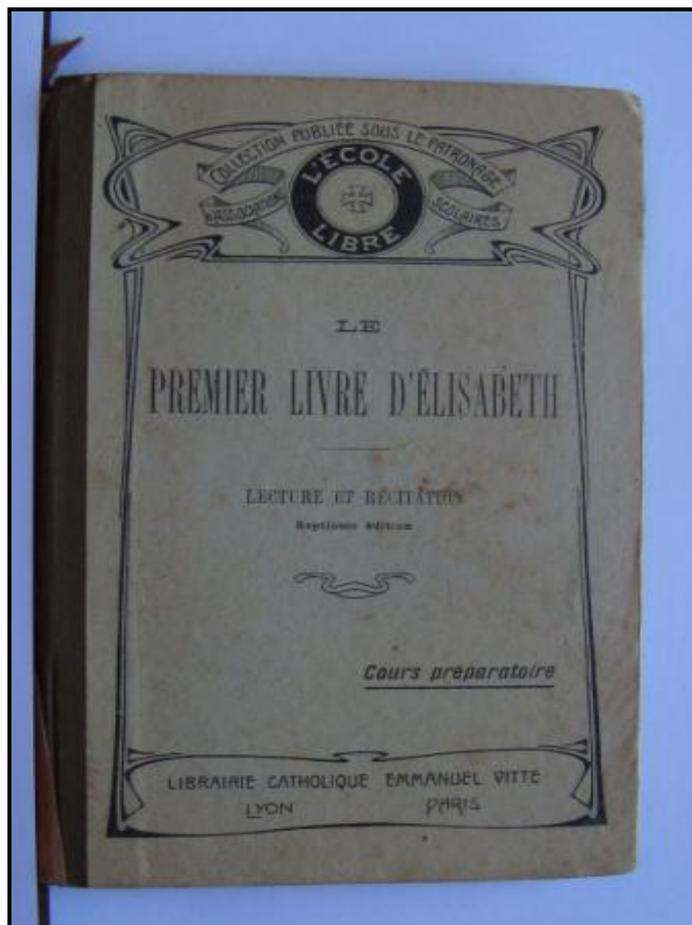


Figura 17 - APMC: Acervo "Casa Anísio Teixeira". 1919.

A existência do livro indica, se não o aprendizado da língua francesa pela menina, ao menos a intenção de fazê-lo. Saber falar francês estava entre os elementos de distinção social e cultural da elite brasileira desde os tempos imperiais, pois, como afirmamos anteriormente, a República francesa era o modelo de país que o Brasil gostaria de se espelhar.

3.2 Práticas de leitura: *meu Pai principalmente, tinha sempre propósito de instruir-nos.*

A leitura era uma prática presente nas famílias tradicionais de Caeté; afinal, *a leitura era um dos signos da aristocratização dos costumes* (GALVÃO, 1998, p.111). Os tipos de impressos mais frequentes eram os jornais, inclusive jornais editados por crianças¹⁵⁰ e direcionados a elas, as revistas que circulavam nas maiores cidades do país, como *O Malho* e *Fon-Fon*¹⁵¹, livros de literatura e livros escolares, além dos impressos de cunho religioso. O material manuscrito que mais circulava para leitura eram as cartas, principalmente, no âmbito familiar. Muitos desses materiais eram produzidos na própria cidade, a exemplo dos jornais locais. O comércio também era responsável pela circulação de muitos livros infantis. A empresa Gumes e Filhos publicava, periodicamente, no jornal anúncios de *interessantes livros de lindas historias especiaes para crianças* que chegavam na tipografia:

IMPORTANTE

Livros! Livros! Livros!

À venda na Typ. d'A Penna. Caeté:

Robison Crusóe

Aventuras do casaquinho verde (...) LIVROS DE JULIO VERNE (...)

LIVROS PARA CREAÇAS

Mil e uma noites, Arsenio Lupin contra Sherlock Holmes, Barquinhos de papel, O paraíso das creanças por Josephina Meinel.

Todos estes livros são bellissimos romances que, muito atrahem attenção já pelo bello enredo, já pelo aprimorado da sua parte literária que é empolgante.¹⁵²

Outros livros e as revistas chegavam por meio dos comerciantes, correio ou por meio de encomenda feita aos viajantes, conforme trecho desta carta: *não encontrei de nenhum modo o Theatro das Creanças de Vieira Pontes. Encommendei a Jayme, para o Rio.*¹⁵³

¹⁵⁰ Jornalzinho *O Bem-te-vi*, fundado por Anísio Teixeira na década de 1910, e no final da década de 1920 teve outra edição por crianças que faziam parte da “Liga da Bondade”.

¹⁵¹ “Não nos fartávamos de ver e rever as fotografias do *Malho* e do *Fon-Fon*, pobres revistas, em preto e branco (...)” Flávio Neves (1986, p. 37).

¹⁵² *A Penna*, 13/01/1927, p.02, nº 407, Anno XVI

¹⁵³ ANÍSIO. **Carta para Sissinha** (Celsina). Bahia, 28 de julho de 1924. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 01, caixa 01.

O livro “Theatro para crianças” foi encomendado primeiramente para o irmão da correspondente que se encontrava em Salvador, mas como não foi encontrado por lá, foi reencomendado para o Rio de Janeiro. Salvador, apesar de uma revitalização sofrida no mercado editorial no final do século XIX, não conseguira superar o Rio de Janeiro: possuía 10 livrarias, contra 47 no Rio. Destacava entre as dez, a Livraria Catilínia, até os anos 1960 (HALLEWELL, 1985).

Os livros para as crianças eram adquiridos pelas famílias para que elas lessem ou ouvissem a história por meio da leitura do adulto. Constavam, nas cartas, títulos direcionados às crianças, como: *A Sciencia do bom homem Ricardo* de Benjamin Franklin¹⁵⁴, *Os contos de Andersen*¹⁵⁵ e *Pinochio*. Laurence Hallewell (1985), no seu estudo sobre a história do livro no Brasil, revela que houve uma revolução no campo das edições para crianças no Brasil, na transição do século XIX para o século XX, por meio do português Pedro da Silva Quaresma, quando este produziu uma coleção de livros infantis escritos em português do Brasil. O autor afirma que a maior parte da literatura infantil naquela época, e praticamente todos os livros para as crianças menores vinham de Portugal, mas que a criança se confundia com as palavras e tinha dificuldade de compreender o texto devido ao estilo “grotesco” dos livros. Faziam-se necessárias traduções que facilitassem a leitura e que, principalmente, possibilitassem sua compreensão. Outra contribuição nesse sentido foi o trabalho de Monteiro Lobato:

Ao mesmo tempo que escrevia seus livros para crianças Lobato estimulou outros autores a submeterem originais para publicação, e lançou traduções como a do *The happy prince*, de Oscar Wilde, e versão dos *Contos de fada de Grimm*, *As Viagens de Gulliver*, *Robinson Crusóé* e *Dom Quixote*, baseadas nas traduções publicadas pela Garnier e Laemmert, mas com a linguagem cuidadosamente modernizada e abasileirada (HALLEWELL, 1985, p. 260).

Na virada para o século XX, ocorre no Brasil a nacionalização do livro infantil (HALLEWELL, 1985; RAZZINI, 2005). Esse é um indicativo da centralidade que a criança vai ocupando na sociedade brasileira. É interessante observar nesse processo de adaptações da

¹⁵⁴ “A sciencia do bom homem Ricardo ou meios de fazer fortuna” é uma obra publicada pela primeira vez em português no ano de 1825, em Lisboa e trata dos princípios morais e regras de economia. Era uma obra amplamente utilizada nas Escolas de Primeiras Letras em meados do século XIX, no Brasil, devido ao seu cunho ideológico-moral (TAMBARA, 2003). Atualmente esse livro encontra-se disponível no site da Biblioteca Nacional de Portugal, no endereço: <http://purl.pt/14349>.

¹⁵⁵ De acordo com Laurence Hallewell (1985), a concentração no Brasil de livros infantis iniciou em 1915 com a edição d’*O patinho feio*, de Hans C. Andersen, que foi a primeira tradução brasileira de seus livros. Arnaldo de Oliveira Barreto deu sequência a isso com uma extensa linha de livros infantis vivamente coloridos, a “Coleção Biblioteca Infantil”.

literatura infantil estrangeira para o português do Brasil, que mais diferenciações vão sendo postas entre a condição de *ser adulto* e a condição de *ser criança*. Alguns editores/livreiros perceberam que a linguagem direcionada à criança precisaria ser mais simples para facilitar-lhe a compreensão. Isto mostra, de certa forma, uma importância atribuída à criança que não era percebida anteriormente e uma consciência sobre algumas das singularidades que caracterizam o pensamento infantil, segundo os novos conhecimentos da Psicologia. Essas transformações, realizadas na produção de livros direcionados à infância, fizeram-se sentir também na ênfase dada às ilustrações desses livros, cada vez com mais imagens, com cores fortes e diversificadas. Percebe-se também um controle sobre os conteúdos dos livros direcionados às crianças, que começavam pelos livros escolares, mas que se estendiam à literatura. Com a proclamação da República, essa ação reguladora sobre os livros, que já existia anteriormente na história da educação brasileira, fortaleceu-se. Marcia Razzini (2005, p. 107) diz que, desta forma,

compreende-se o papel que passaram a assumir livros de leitura e cartilha na consolidação da ideologia republicana, fazendo com que várias gerações lessem, escrevessem, decorassem e recitassem não só velhos ensinamentos religiosos e morais já tão entranhados na escola, como as máximas, fábulas e contos morais, mas também textos que construíam a ideia de pátria moderna e civilizada, ou seja, conteúdos que combinavam temas patrióticos, regras de civilidade e índices de modernidade e progresso.

Os livros infantis ensinavam, disciplinavam, mas também divertiam e provocavam emoções nas crianças: *não sei se já escrevi que recebi os livros; sendo que o de Andersen muito sensibilizou a Edivaldo e realmente os contos são tristes*¹⁵⁶. A leitura possibilitava ainda a condição de leitor/ouvinte¹⁵⁷ às crianças que não sabiam ler, por meio da leitura de textos, realizada por seus próprios pares, tal como podemos observar na carta que se segue:

Querido Edivaldo,
Agradeço-lhe as felicitações que enviou-me pelo meu aniversário e deseje-lhe boa saúde, felicidade e progresso nos estudos.
Como vae seu companheiro Chiquito? Faça-o estudar muito e brincar pouco. Envio-lhe um livrinho que espero lhe será de muito proveito. Leia-o para Chiquito ouvir e faça-o compreender.¹⁵⁸

¹⁵⁶ CELSINA. **Carta s/destinatário (uma das irmãs)**. Caetité, 06 de julho s/a (década de 1910). APMC, Fundo Casa Anísio Teixeira. Grupo Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências enviadas, maço 01, caixa 01.

¹⁵⁷ Sobre a condição de leitor/ouvinte ver Galvão (2001), que trata, entre outras questões, desse sujeito *em geral identificado como não leitor* (p. 20).

¹⁵⁸ EVANGELINA. **Carta para Edivaldo**. Gurutuba, 27/06/1922. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 04, caixa 01.

Neste exemplo acima, a criança que já sabia ler apresentava-se numa condição diferenciada da outra, o que aumentava também suas responsabilidades. À criança leitora, caberia “ler e fazer o outro compreender”. Esse destaque para o “fazer compreender” induz-nos a algumas interpretações. Primeiramente, pode ser que fosse comum o hábito das crianças lerem sem muita atenção na atividade, de forma que a mesma perdesse o sentido, ou então pode ter sido uma forma de exaltar a condição diferenciada entre o menino/leitor e o não leitor.

Podemos perceber também a ação das próprias crianças em relação à leitura quando reivindicavam para si o acesso ao papel de receptoras/leitoras de cartas e cartões, a exemplo do que acontecia com outras pessoas da família: *Anísio hoje ficou muito choroso porque Jayme recebeu um cartão e elle não recebeu, Nelson também queixa que só elle não tem quem mande um cartão*¹⁵⁹. Essa situação não expressava apenas o desejo de atenção, mas a oportunidade de exercer a prática da leitura e da escrita no cotidiano da vida familiar. O sentimento de contentamento e satisfação era expresso quando a situação era positiva, de forma que todos na família percebiam e reforçavam isso, como aconteceu com Carmita quando ela foi felicitada pelos parentes pela passagem do seu aniversário de sete anos:

Carmita ficou contente com os cartões e muito lhe agradece as felicitações assim como a Edivaldo e a Christina. Ella mesmo leu os cartões e pede a Edivaldo resposta da cartinha que escreveu a elle.(...)¹⁶⁰.
Carmem gostou muito dos cartões de felicitações aprendeu até de cor.¹⁶¹
Carmita ficou muito satisfeita com as cartas de Papae e de Edivaldo.¹⁶²

Esses exemplos indicam que, no jogo de constituição dos sujeitos e de produção de diferenciações geracionais, as crianças, mesmo com menor poder na sociedade, também tinham participação nesse processo. A mediação das gerações mais experientes estava presente na inserção dos novos leitores em práticas de leitura, quer seja estimulando a realização da leitura por si mesmo, quer seja possibilitando o contato com os textos por meio

¹⁵⁹ ANNA SPÍNOLA. **Carta para Evangelina e Celsina**. Caetité, 07 de maio de 1908. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 01, maço 04.

¹⁶⁰ EVANGELINA. **Carta para Nenem (Celsina)**. Caetité, 31 de março de 1916. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 04, caixa 01.

¹⁶¹ ANNA SPÍNOLA. **Carta para Celsina**. Caetité, 09 de abril de 1916. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 04, caixa 01.

¹⁶² EVANGELINA. **Carta para Nenem (Celsina)**. Caetité, 14 de abril de 1916. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 04, caixa 01

da leitura do outro. Era enfatizado que não devia apenas “ler”, no sentido de decifrar os códigos, mas de “compreender” o que se lia; se a leitura estivesse sendo realizada para um ouvinte, era importante “fazê-lo compreender”, conforme vimos em trecho de uma carta anterior.

Nas escolas, eram indicadas obras para treino daqueles que já sabiam ler. Nesse sentido, as listas de livros suplementares e auxiliares tornaram-se comuns na primeira década do século XX, e a leitura destes livros foi extrapolando a sala de aula e se expandido com obras de valor mais estético e menos didático, como os pequenos volumes da *Biblioteca Infantil* organizada a partir de 1915 (RAZZINI, 2005).

3.3 Práticas de escrita: *esta foi escripta no correr da penna...*

As cartas da família Teixeira permitiram-nos perceber como se realizou a atuação de três gerações das suas crianças, dentro do ambiente doméstico, na iniciação da língua escrita: a primeira, dos filhos mais novos, no final da primeira década do século XX, a segunda, dos primeiros netos, na década de 1910 e a terceira, dos netos que nasceram na década de 1920. As crianças demonstravam em viva voz, assim como acontecia nas práticas de leitura, o desejo de se inserirem em práticas de escrita realizadas no cotidiano da família. Afinal, escrever e receber cartas estabelecem laços entre as pessoas, estreitam as relações afetivas, fazem presentes pessoas queridas que estejam ausentes, enfim, é uma prática que atrai, inclusive, as crianças. *A carta não apenas aproxima, mas fala a respeito de quem escreve e revela sempre algo sobre quem a recebe, permitindo aquilatar a intensidade do relacionamento entre os missivistas* (BASTOS, CUNHA, MIGNOT, 2002, p. 06).

A existência de uma tipografia em Caetité propiciava a atividade tanto da leitura como da escrita. João Gumes fez funcionar a primeira tipografia do alto sertão, editando o primeiro periódico em 25 de setembro de 1896 (REIS, 2010). A tipografia, além da edição de jornais, panfletos, também comercializava diversos tipos de papéis, envelopes e cartões personalizados de nascimentos, de luto, de visitas, como podemos observar nas fotografias expostas. A divulgação desses serviços era realizada pelo jornal *A Penna*, a exemplo desse anúncio abaixo:

A NOSSA EMPREZA

Acabamos de receber um lindo e variado sortimentos de artigos de papelaria, e nos achamos habilitados a servir á nossa freguezia de modo a satisfazel-a cabalmente. Temos variadissimo sortimento de cartões, brancos de qualidades diversas, tarjados, phantasiados para felicitações e outros fins; papel liso de linho, papel mata borrão branco e *rosê* em grandes folhas para impressão de reclames ou para o fim a que é destinado, enveloppes commerciaes de diversos formatos, qualidades e cores, papel cartonado de cores, cartolina branca ordinária e de linho que podemos cortar nas dimensões que forem exigidas, bolsas de papel lindo de phantasia e enveloppes, papel para capa de livros, idem. Fazenda encorpada, caixas de papel de linho, outras de papel de phantasia, umas e outras com enveloppes, livrinhos de contos interessantes illustrados com estampas coloridas próprios para leitura infantil.

Tudo isso vendemos ou imprimimos a preços razoáveis, embora a grande alta que têm soffrido todos os gêneros de exportação.

Os cartões tarjados e de felicitações são acompanhados dos competentes enveloppes. Estamos, pois, ás ordens dos nossos numerosos freguezes que esperamos continuarem a dispensar-nos a sua preferênciã em impressões e compras. GUMES & FILHOS.¹⁶³

Em duas cartas do arquivo da família Teixeira, percebemos as estratégias utilizadas na iniciação da escrita, sugeridas pelas próprias crianças, mas, decerto, porque essas eram práticas correntes realizadas pelos adultos nesse processo de aprendizagem da escrita. As ações descritas eram a de cobrir a escrita que o adulto realizava ou, então, conduzir a mão da criança no traçado da escrita cursiva, conforme podemos observar neste trecho: *Jayme não se esqueceu de V., agora mesmo, está pedindo-me para fazer um cartãzinho, e elle cobrir, para minha Dindinha*¹⁶⁴. E nesse outro:

Escrevo-lhe apressadamente porque o correio está de sahida e eu quero mandar-lhe esta cartinha de Edivaldo. **Foi escripta por elle, eu segurando a mãzinha e elle dizendo o que queria que escrevesse.**

Agora elle está aqui me aborrecendo para mandar-lhe a carta, depois de ter chorado um pouco por não poder ir á via-sacra, porque está indefluxado com tosse; as meninas e Mamãe foram e eu fiquei com Edivaldo que só calou depois que eu disse que V. trazia um carneirinho para elle. Esteve falando o que há de fazer com o tal carneiro: prende-o no banheiro, dá água, capim, monta, etc.¹⁶⁵

¹⁶³ A Penna, 25/11/1920, p.01, nº 231, Anno IX

¹⁶⁴ TILINHA. **Carta para Sissinha** (Celsina). Caetité, 21 de fevereiro de 1908. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 01, maço 01.

¹⁶⁵ EVANGELINA. **Carta para Nenem** (Celsina). Caetité, 05 de abril de 1914. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 04, caixa 01. Grifo meu.

Destaca-se que, mesmo que a criança ainda não dominasse o conhecimento e a técnica da escrita, ela constituía-se em autora do texto escrito ao ditar a mensagem que gostaria que fosse registrada no papel; não se satisfazia apenas em ter sua mensagem escrita, mas esta precisaria ser algo feito por si, mesmo que para isso fosse necessária a intervenção do adulto na condução dos movimentos da mão para traçar as letras.

Pelo que constam as fontes, escrever, nessa família, era uma atividade freqüente, da qual participavam todos os seus membros, desde o pai, na administração dos bens e atividade política, até a mãe e filhos mais velhos, ajudando na administração das fazendas e da casa e nas atividades de escrita de correspondências pessoais e profissionais. Os filhos mais novos também participavam de atividades de escrita no desempenho das tarefas escolares, de escrita de cartas e até na produção de um jornalzinho: o “Bem-te-vi”¹⁶⁶. A carta a seguir informa sobre a receptividade do jornalzinho por uma tia da família que morava em outro lugar:

Muito e mtº temos apreciado o pequeno Bem-te-vi, aos futuros jornalistas e escriptores, beijo e abraço com alegria, desejando que o anno 913 seja cheio de prosperidades e esperanças pª q. o Bem-te-vi possa dar um vôo igual a um aeroplano, pª promover queridos filhos e risonhas festas em o ninho de seos futuros mestres (...)¹⁶⁷

Na concepção da tia, a atividade de escrita do jornalzinho traria bons resultados na formação dos meninos. Maria Teresa Cunha (2010), em estudos sobre um jornal escolar infantil observou que a confecção destes jornais *era estimulada pelos professores que incentivavam, por este meio, a transmissão de preceitos exemplares e este expediente circulava como uma garantia à receptividade sobre boa conduta como princípio de civilidade* (p.2). No primeiro número da segunda edição do jornal intitulado *O Bem-te-vi*, vinculado à Liga da Bondade¹⁶⁸, as crianças trataram de temas ligados aos conhecimentos das diversas disciplinas escolares, ao culto à pátria e às lições morais. Ele era impresso na tipografia da cidade e tinha boa apresentação gráfica, como podemos observar na foto abaixo:

¹⁶⁶ Em 1926 entra em circulação o jornalzinho da “Liga da Bondade” também denominado “Bem-te-vi” em homenagem a esse jornal anterior. Arquivo particular.

¹⁶⁷ ALICE. **Carta para Evangelina, Celsina e Tilinha**. Altamira, 27 de dezembro de 1912. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 02, caixa 01

¹⁶⁸ Sobre a Liga da Bondade ver o trabalho de Maria Teresa Cunha (2010) publicado nos anais do VIII Congresso Luso-brasileiro de História da Educação.



O BEM-TE-VI

ORGAM DA "LIGA DE BONDADE" DAS ESCOLAS DE CAITETÉ

ANNO I Caiteté, 15 de Outubro de 1927 N.º 11

—O BEM-TE-VI—

Os meninos quiseram fazer a sua gazetinha; muito bem. Reuniram os originaes, e, numa alegria viva, batendo as mãos e saltando, pediram-me para organizal-a.

—Qual deverá ser o título do jornalzinho?

—A BONDADE, respondeu um pequeno, porque nós desejamos que a gazeta seja da «Liga de Bondade».

—Estou de accordo que a gazeta seja organizada por quem quiserem e podem ella pode chamar-se O BEM-TE-VI. Vocês querem?

—Queremos.

—Folgo muito com isto, porque o «O BEM-TE-VI» já existiu aqui, e foi um de seus fundadores, quando menino, o Dr. Anísio Teixeira, hoje o nosso Director Geral da Instrução e um dos filhos mais illustres de Caiteté.

Ess como surgiu o «O BEM-TE-VI» e entra em circulação, por entre as alegrias das crianças sadias e entusiasmadas com a arte de Guttenberg.

MESTRE-ESCOLA

Todas as crianças devem ser caridosas para com os cegos e doentes para receberem a benção de Deus.

Lydia Ohlsen

Lição inesperada

No dia do meu anniversario ganhei alguns presentes e muitas flores. Minha irmã, para ver se eu estava adiantada na escola, começou a fazer-me perguntas, assim:—Como se chama a parte da flor colorida?—E? a corolla. Perguntou-me tambem as partes que formam a corolla que nome tinham e eu querendo mostrar que sabia, respondi o mais ligeiramente possível, são as pétalas: então ella mandou-me fazer o que sabia da flor. Comecei dizendo que a flor é um orgão de reprodução da planta; sua corolla pode ser: monopetala ou polypetala. Então ella perguntou-me, porque você diz que é monopetala?—Porque as pétalas estão todas unidas.

Depois ella tirou um jasmim dentre umas flores que estavam em um jarro e mandou-me classificá-la. Disse-lhe: tem a corolla polypetala, regular; seu calix é polysepalo. Depois ella perguntou-me como se chama a parte interior (os dois ou mais involucrios flocaes, ou disse, são os estames. Então ella perguntou-me se só havia um, em cada flor? Respondi, que pode haver muitos. Perguntou-me quantas partes comprehendiam os estames? Eu disse que compõem-se de 3 partes que são: o filete, anthera e polen. E que o pistillo, a parte mais central da flor, tambem compõe-se de tres partes que são: ovario, estylole e estigma.

Elia perguntou-me: quando uma flor tem estames e não tem pistillo como se chama? Disse-lhe que era estaminada ou masculina, e assim neste dialogo continuamos até que a chegada de algumas amiguinhas acabou com a nossa conversa sobre Historia Natural.

EDITH TANAJURA CASTRO
Escolas Reunidas de Caiteté, 4.º anno

LIÇÃO DE HISTORIA

Mãe, não tem Mamãe sãhu e pediu-me para ensinar a lição de Historia do Brasil á minha maninha.

Fiquei muito contente em servir de Professora e perguntel a ella qual a lição que tinha de explicar-lhe—Era a abolição.

Elia perguntou-me: quando foi que começou a escravidão?

A escravidão começou desde os tempos coloniaes; estes pobres negros eram trazidos á força e quando chegavam no Brasil eram comprados e trocados por objectos de valor. Eram considerados como animaes e muito maltratados. Os traficantes eram impiedosos e traziam negros de Moçambique, da Guiné e de outros logares da Africa.

Em 1831 foi abolido por lei, semelhante trafico; mas os traficantes não obedeciam á lei e só de 1850 em diante deixaram de trazer escravos.

—E acabou a escravidão?

—Não! Acabou a 13 de Maio de 1888. Apesar de ter cessado o trafico, a escravidão continuava a crescer no Brasil, porque os filhos dos escravos eram tambem escravos.

Em 1871, houve a lei de 28 de Setembro; esta lei é chamada—lei dos nascituros ou ventre livre, porque os que nascessem dali em diante eram livres.

Em 1885 foi decretada a libertação dos escravos sexagenarios e em 1888, no dia 13 de Maio, foi acabada a escravidão. A princeza D. Isabel que a signou a lei recebeu o título de REDEMPTORA.

AGNALDA PUBLICO DE CASTRO
Escolas Reunidas de Caiteté,
4.º Anno.



A Patria

Devemos amar a patria. Quem não ama a patria mostra que não é bom cidadão.

Devemos honrar a patria. A patria quer que todos os homens sejam bons.

Em toda a parte lembro-me da minha querida patria.

Da alumna do 4.º anno,
DULCE BRITTO

Figura 18 - Jornal *O Bem-te-vi*. 15/10/1927. Fonte: Acervo particular.

Enquanto as atividades de escrita das crianças estavam ligadas à vida escolar e às relações familiares, as atividades de escrita do pai, nos momentos que ficava em casa, estavam relacionadas às atividades desempenhadas na administração dos negócios e às atividades políticas, pois as redes de relações estabelecidas em toda a região e em outros lugares do País, como chefe político, exigiam essa prática. Essa era realizada em um ambiente específico da casa, o gabinete, destinado às suas funções de trabalho, conforme explicita a carta da esposa, a seguir:

Tenho tido muitas saudades a casa está vazia e triste, ainda não achei um lugar Carmem e Angelina que é a única animação que tem na casa vão para escola fico mtº só sem ter uma pessoa para dizer uma palavra. Deocleciano é como V. sabe passa o dia todo escrevendo nem tem intimidade na casa tanto que estou em um izolamento terrível nunca me vi tão só.
 Edivaldo tem feito muita falta as meninas tem tido muita saudades d'elle. Carmem está sempre sonhando com elle.
 Tem vindo aqui muitas visitas mas demoram pouco.¹⁶⁹

As fontes permitiram perceber ainda que o ato de escrever era um dos vários assuntos tratados nas correspondências: noticiava de uns para os outros sobre a relação das crianças com as correspondências enviadas e recebidas em casa, sobre o processo de aprendizagem da escrita, sobre as regras que envolviam a atividade de escrever cartas, sobre as dificuldades de envio dessas correspondências, além do tempo utilizado e os motivos para escrever ou ter deixado de responder a uma carta. A escrita de cartas envolve códigos estabelecidos previamente, pois, como uma prática cultural, possui regras, rituais, relações de temporalidade, além de expor a pessoa que escreve e de certa forma aquele que a recebe, seja informando, explicando ou justificando alguma coisa (CUNHA, 2002). Nas mensagens a seguir, Leontina, na época com 11 anos de idade, e Evangelina justificam sobre os motivos de não terem escrito anteriormente: *Não escrevi no correio passado porque estava na escola. Muitas lembranças de todos os irmãosinhos e um abraço da irmã am^a.*¹⁷⁰ *Abraço ao querido Edivaldo; ainda não respondi a cartinha d'elle que muito me alegrou, por falta de tempo.*¹⁷¹ Frequentemente os remetentes se justificavam sobre a demora na resposta da carta, sobre a organização e incorreções da escrita do texto, assim como recomendavam sigilo em muitos assuntos tratados, como destacados nos trechos a seguir: *Esta foi escripta no correr da penna e somente para V. portanto quando acabar de ler rasgue.*¹⁷² *Vá V. e as outras desculpando os erros, porque a pressa e as atrapalhações dos meninos, faz as cartas ficarem mais*

¹⁶⁹ ANNA SPÍNOLA. **Carta para Celsina**. Caetité, 07 de agosto de 1917. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 04, caixa 01.

¹⁷⁰ LEONTINA. **Carta para Sim-sim** (Celsina). Caetité, 11 de abril de 1908. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 02, maço 01.

¹⁷¹ EVANGELINA. **Carta para Nenem** (Celsina). Caetité, 15 de abril de 1916. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 04, caixa 01.

¹⁷² EVANGELINA. **Carta para Nenem** (Celsina). Caetité, 15 de março de 1914. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 01, maço 04.

*incorrectas do que poderiam ser.*¹⁷³ Às crianças, nesse último trecho, foram atribuídas as incorreções do texto, demonstrando a presença delas junto à irmã mais velha na sua atividade de escrita das cartas, como revela também a fotografia do rascunho de uma carta com rabiscos infantis, já exposta no texto. Esse fato indica que as crianças estavam presentes nas atividades familiares, mesmo descumprindo regras de comportamento estipuladas, como nessas “atrapalhações” na hora da escrita das cartas.

Quando as crianças se tornavam escritoras, de certa forma autônoma, era-lhes exigido o cumprimento das regras da língua escrita, polidez nas relações que envolviam o ato de escrever cartas, com orientação do adulto, inclusive, sobre quais assuntos tratar, conforme observamos abaixo:

Recebi sua cartinha (...) Esta tua carta veio cheia de incorreções; porque não escreve com mais cuidado? Muitas vezes tenho vontade de mandar mostrar tuas cartas no sobrado, e não tenho coragem!¹⁷⁴

_ Vejo a razão que dás para não ter escripto ainda a Mamãe e Papai. Esqueceste do anniversario de Mamãe a 29 de Julho? Por que não mandaste um cartãosinho de felicitações? Ernani mandou uma cartinha escrita por elle, que gostei de vêr! Carmita também não se esqueceu. Escreva-lhe pedindo desculpas, e mandando os parabéns e votos de felicidade. A Papai, V. poderá escrever contando como vae de Collegio, agradecendo o cuidado que tem tido contigo, desejando-lhe saúde. V. tens muito o q. agradecer a seu Avô, que tem feito por ti, o que teu pae faria. É preciso que sejas mais grato a elle.¹⁷⁵

Algumas pessoas da família, ao escreverem para as crianças, faziam diferenciação na forma de linguagem empregada, utilizando-se de termos já consolidados no período como pertencentes ao universo infantil; falavam de animais, das brincadeiras e de outras atividades apreciadas pela criança. Por meio do estabelecimento dessas especificidades e singularidades próprias na forma de comunicação e de tratamento oferecido à criança, podemos perceber que se encontrava em curso um processo de distinção geracional entre a condição de ser adulto e de ser criança. Muitas vezes as palavras vinham no diminutivo, demonstrando afeto e

¹⁷³ ALZIRA. **Carta para Celsina**. Caetitê, 07 de maio de 1908. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeira. Série: Correspondências pessoais, caixa 01, maço 04.

¹⁷⁴ CELSINA. **Carta para Edivaldo**. Caetitê, 18 de abril de 1924. APMC, Fundo Casa Anísio Teixeira. Grupo Edivaldo, caixa 01, maço 01.

¹⁷⁵ CELSINA. **Carta para Edivaldo**. Caetitê, 03 de maio de 1926. APMC, Fundo Casa Anísio Teixeira. Grupo Edivaldo, caixa 01, maço 01.

carinho. O cartão-postal abaixo foi uma das várias correspondências trocadas entre Evangelina e Edivaldo, evidenciando essa questão:

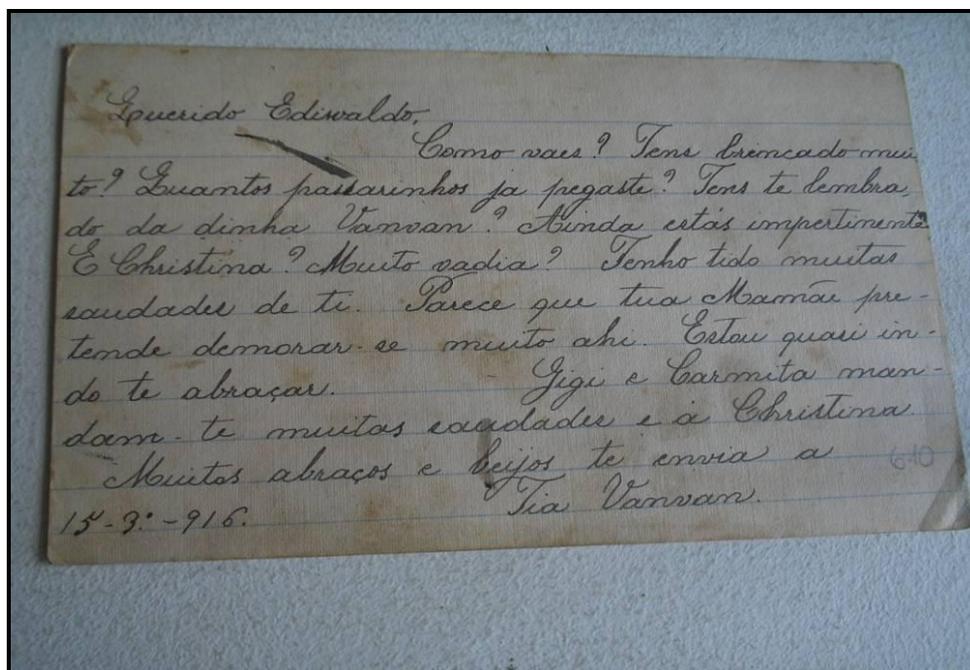


Figura 19 - EVANGELINA. Cartão para Edivaldo. S/l, 15 de março de 1916. ¹⁷⁶

¹⁷⁶ APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: ---. Série: Iconografia, caixa 02, maço 05. A mensagem do cartão diz: “Querido Edivaldo, Como vaes? Tens brincado muito? Quantos passarinhos já pegaste? Tens te lembrado da dinha Vanvan? Ainda estás impertinente? E Christina? Muito vadia? Tenho tido muitas saudades de ti. Parece que tua Mamãe pretende demorar-se muito ahi. Estou quase indo te abraçar. Gigi e Carmita mandam-te muitas saudades e a Christina. Muitos abraços e beijos te envia a Tia Vanvan. 15-3-1916.”

A imagem retratada no cartão-postal também faz alusão às crianças, assim como vários outros que compõem o acervo pesquisado. Isto nos permite supor que havia a intenção de caracterizar os cartões destinados ao público infantil com especificidades próprias à fase geracional, tanto quanto ao tipo de linguagem utilizada na comunicação escrita, como na materialidade desse suporte. Os cartões-postais tiveram intensa circulação nas primeiras décadas do século XX, quando a fotografia se firma como objeto de comercialização em escalas maiores. Os cartões-postais transmitiam mensagens por meio das imagens retratadas, sempre aludindo a coisas belas e agradáveis de ver, veiculando valores da época, como as noções de progresso e civilidade. De acordo com Maria Eliza Broges (2005, p.61-62),

a identificação entre modernidade e cartão-postal não se reduz à sua linguagem iconográfica. Na realidade o cartão-postal é uma modalidade nova de correspondência. É uma comunicação constituída de texto e imagem visual que ultrapassa dois tipos de fronteiras. A espacial, geográfica, e a da individualidade da correspondência. (...) O lado oposto do cartão, as imagens, ícones de uma leitura positiva e otimista da modernidade, funcionam como uma espécie de guia para a imaginação tanto do emitente da mensagem quanto de seu(s) receptore(s).

A imagem desse cartão-postal, com as crianças, sugere a celebração da infância, ressaltando a atividade da brincadeira como algo pertencente a um universo específico. Elas se apresentam aparentemente higienizadas ou bem apresentadas, trajadas com roupas próprias a cada sexo, porém os cabelos dos meninos ainda apresentam algumas semelhanças com o das meninas, diferentemente do estereótipo que se processa posteriormente. A imagem das crianças, da forma como foram fotografadas, corrobora a crença em uma suposta evolução, representando personagens de um futuro próspero e ordeiro.

Encontramos outros cartõezinhos, escritos por uma criança, datados de uma década mais tarde, entre os anos de 1923 a 1925, portadores de mensagens para vários familiares: o tio, o avô, a avó. A criança Ernani, aos cinco anos de idade, já escrevia (no seu próprio cartão de visitas), embora, se comparada com a escrita de dois anos depois, é possível perceber que o traçado das letras aprimorou muito, assim como a organização da escrita no papel.

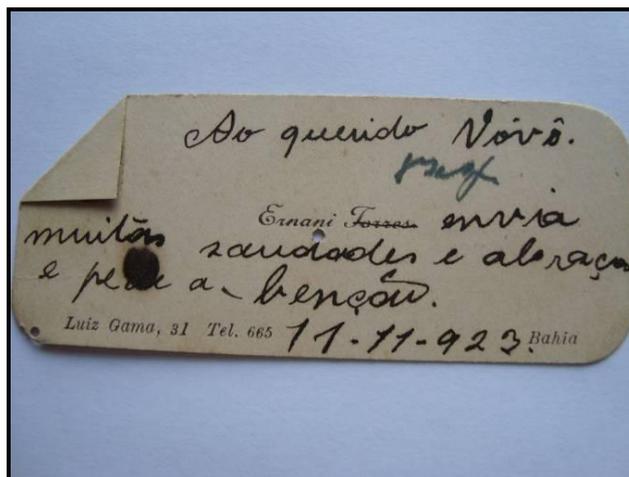


Figura 20 - ERNANI. Cartão para Vovô. Bahia, 11/11/1923.¹⁷⁷

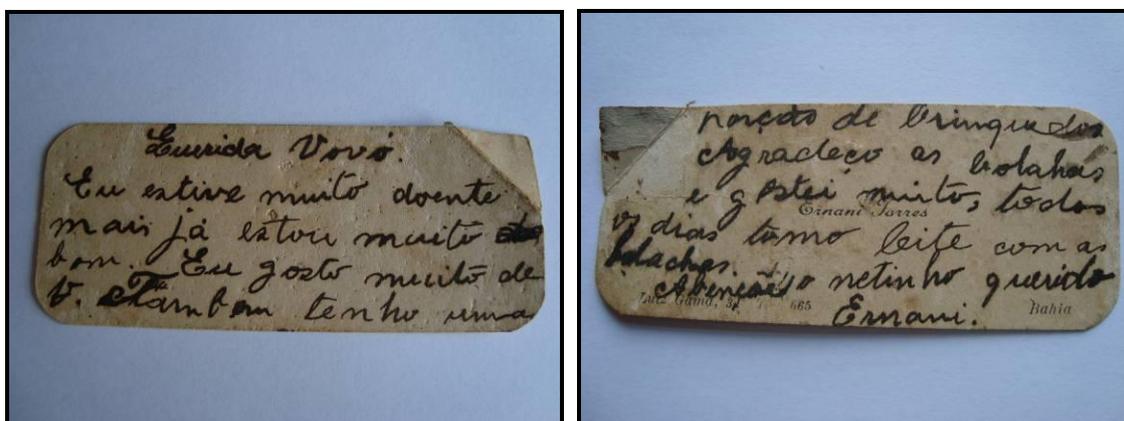


Figura 21 - ERNANI. Cartão para Vovô. Bahia, s/d [data estimada: 1923].¹⁷⁸

A escrita dos primeiros cartões apresenta borrões, que a nosso ver, foram tentativas de correções, substituindo letras minúsculas por maiúsculas, enquanto outros foram manchas de tinta que caíram indevidamente no papel, ao escrever, devido à exigência de maiores habilidades da criança no controle da pena e da tinta. As fontes não nos permitiram determinar até onde foi a intervenção do adulto nessa escrita, como pudemos analisar em outro momento do texto, mas a grafia parece ser de alguém que já tem maior fluência na coordenação dos movimentos, e talvez podemos inferir que nessas primeiras experiências com a escrita, um adulto tenha segurado na mão da criança e determinado o movimento para traçar as letras. O que percebemos no cartão enviado ao tio, exibido abaixo, foi o traçado de linhas retas, provavelmente, feitas pelo adulto, de forma a orientar a escrita na direção e

¹⁷⁷ APMC, Fundo Casa Anísio Teixeira. Grupo: Documentos pessoais, série: cartões diversos, caixa 01, maço 08.

¹⁷⁸ APMC, Fundo Casa Anísio Teixeira. Grupo: Documentos pessoais, série: cartões diversos, caixa 01, maço 10.

espaço correto no papel, como também uma letra mais “redondinha”, indicando que foi traçada devagar e cuidadosamente.



Figura 22 - ERNANI. Cartão para tio Rogaciano. Bahia, 06/08/1925.¹⁷⁹

O suporte dessa mensagem acima não é um cartão de visitas como os anteriores, que são bem menores e com o nome da pessoa timbrado ao centro. As marcas nas margens do papel indicam que o seu espaço foi delimitado, não com uso da tesoura, mas dobrado ou pressionado com uma régua e depois rasgado. Sua dimensão é de 13 cm x 6,8 cm, enquanto os menores têm dimensão de 8,1 cm x 3,4 cm. Outra singularidade dele, em meio aos demais, é a ilustração referente à infância. A imagem do menino e da menina com flores é um símbolo da inocência, beleza e pureza das crianças e, possivelmente, não eram utilizados nos papéis que serviam de suporte para as mensagens dos adultos. Enquanto os cartões de visitas eram do mesmo modelo para as crianças e adultos, esse outro parece ter sido adaptado para a criança, com elementos que caracterizavam melhor o “ser criança” e que reforçam a distinção em relação ao adulto.

As práticas educativas direcionadas às crianças revelaram-se variadas e diversificadas, de acordo as diferenciações sociais, de gênero e de idade. A aprendizagem da leitura e escrita era favorecida às crianças de elite muito cedo, com muita atenção por parte dos familiares,

¹⁷⁹ APMC, Fundo Casa Anísio Teixeira. Grupo: Documentos pessoais, série: cartões diversos, caixa 01, maço 10.

principalmente, pelas mulheres adultas. Essas crianças tinham acesso a materiais diversos, como livros escolares e de literatura, papel, tinta, ardósia e giz para os primeiros rabiscos e o mais importante, a presença constante dos adultos que mediavam essas práticas. Apesar das fontes explicitarem mais as crianças de elite, isso não significou que a criança pobre tenha ficado obscurecida. Nas entrelinhas das correspondências, nas notícias do jornal *A Penna* e nas lembranças de Áurea Silva, pudemos perceber que, apesar das diferenciações econômicas, as famílias pobres também propiciavam às suas crianças o contato com o conhecimento da leitura, da escrita, o acesso à produção cultural do período, mesmo em condições mais precárias de material, de tempo e de atenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Criança existe em qualquer lugar e em todas as épocas. O que se altera é a forma de cada sociedade perceber essa fase da vida, de delimitar seus contornos e suas possibilidades. O processo de percepção da criança e sobre a criança não ocorre de uma forma evolutiva, depende de particularidades próprias a cada tempo e lugar. Nossa pretensão neste estudo foi compreender como as gerações mais velhas, por meio das práticas educativas familiares, atuavam junto às gerações mais novas, produzindo (ou não) as diferenciações geracionais entre a criança e o adulto na cidade de Caetité, no início do século XX.

Na medida em que as análises das fontes prosseguiam, as diversas imagens de criança foram se descortinando à nossa frente - Flávio, Áurea, Edivaldo, Christina, Carmita, Gigi, Anísio, Laurinha, Chiquito, José... - representando as tantas crianças que viveram suas infâncias em Caetité, nessas duas décadas em estudo. O nascimento delas constituiu-se um evento para as famílias e mobilizou preparativos para recebê-las, cada uma à sua maneira, de acordo com as suas condições. Cuidar para que viessem ao mundo com saúde e que tivessem suas vidas prolongadas era responsabilidade da família, sob a tutela dos médicos, dos sanitaristas e dos governos.

Nas primeiras décadas do século XX, a criança ocupou uma centralidade nos discursos, tanto em nível nacional como local. Os objetivos almejados para o futuro estavam atrelados à boa educação da criança. O jornal *A Penna* divulgava constantemente o progresso que o país e que a cidade estavam alcançando, mas reconhecia que os muitos empecilhos dependiam da educação; da intervenção das gerações mais velhas nas novas gerações, em primeiro lugar, da ação da família. Isso significa que o tão desejado progresso era mais um ideal a ser alcançado que uma realidade. A existência da pobreza, em geral causada pelo êxodo do sertanejo e pelas mazelas sociais e econômicas, punha em risco o futuro representado pelas crianças. Percebemos, assim, que a principal função da família era cuidar dos filhos. Inicialmente gerar e garantir a vida e saúde, depois a educação. Nesse papel de guardião da criança, destaca-se uma das maiores diferenciações entre a criança e o adulto. Aí se encontra subtendido que a criança é incapaz de garantir seu futuro, por si própria, tornando-se imprescindível a ação dos adultos para transformá-la em uma pessoa adulta. Entretanto, percebemos também que só o fato de ser adulto não garantia os créditos suficientes para educar bem uma criança. Muitos adultos, mais especificamente os pobres, quando não eram considerados como incapazes, sofriam a desconfiança dos profissionais da saúde, dos governantes e da imprensa na execução de tal tarefa. Desta forma, a condição de “incapaz”, no geral atribuída à criança

pequena, algumas vezes também caracterizava certas pessoas adultas, como os pais das crianças “vadias” que brincavam soltas nas ruas.

O cuidado com a criança deveria se estender a todos os aspectos da vida, inclusive o alimentar. Era recomendado que a prática da alimentação fosse bem controlada pelas mães. A criança, para ser considerada saudável, deveria ser bonita e “robusta” demonstrando por meio da aparência, sua “boa” condição física. As mensagens direcionadas para as mães nos artigos do jornal que insistiam na aplicação das teses higienistas e as diversas propagandas de remédios que ocupavam grande espaço das páginas do jornal em todas as edições evidenciavam que a criança precisava viver forte, cheia de saúde... para isso eram requeridos conhecimentos especializados, como os conhecimentos do Dr. Mario Totta. Os órgãos públicos também se dedicavam a essa questão. A instalação do Gabinete Dentário e do Posto de Hygiene Municipal são exemplos disso. As crianças, tratadas no jornal como “os do futuro”, precisavam crescer sadias para garantir “o tempo vindouro de adulto”, um tempo que ainda estava por vir.

Entretanto, apesar de todos os discursos e ações referentes aos cuidados com a saúde da criança, às vezes, os resultados desejados não eram alcançados, como no caso de Luciano e Laurinha que tiveram suas vidas interrompidas ainda na infância. As famílias viram repetir casos como esses, muitas e muitas vezes, nas suas histórias. Vimos, assim, que os discursos instituídos e insistentes para com a saúde da criança se justificavam diante de uma realidade marcada pelas altas taxas de mortalidade infantil. Mortalidade essa que, mesmo sendo freqüente e repetindo-se no interior das famílias, era lamentada e sofrida. Significava que a criança tinha sua importância, que tinha garantido um espaço só seu e que não seria substituído por outra criança que certamente nasceria depois ou que já existia. A mortalidade atingia também pessoas adultas ainda jovens, como a mãe da Christina, que morreu, mas antes confiou sua filha a uma família de elite. Essa criança é a única criança negra que encontramos nos nossos dados, mesmo assim o registro sobre sua cor foi deixado de modo muito sutil em uma correspondência: “o noivo é um pouco mais escuro do que ela”. Christina era órfã, pobre e negra. Convivia com as crianças legítimas da família e era sempre lembrada nas cartas de modo afetuoso, mas, na maioria das vezes, reclamava-se muito do seu jeito “desleixado” e “vadio”, que precisava, por tal motivo, passar por correções e castigos por parte dos adultos responsáveis, coisa que não foi referido às outras crianças, exceto as crianças que brincavam

nas ruas. Aqui encontramos algumas categorias de crianças: as crianças vadias se contrapondo às crianças bem educadas, a criança negra *versus* as brancas, a pobre *versus* as ricas.

As crianças que conseguiam superar a fragilidade e as incertezas dos primeiros anos de vida prosseguiram recebendo a atenção e cuidados da família. Outro aspecto, além da alimentação e saúde, que era dedicado especial atenção, era o das vestimentas. Elas marcavam ainda as diversas fases da vida da criança e mais diferenciações entre adulto e criança. Quando bebês, praticamente não havia distinção das crianças entre si em relação ao sexo. Meninos e meninas eram trajados da mesma forma. Com o passar dos anos, passado o tempo dos primeiros aprendizados, mais ou menos com uns três a quatro anos de idade, os meninos e meninas começavam a vestir trajes diferentes até chegarem o tempo de terem idade suficiente para se vestirem como os adultos. Percebemos que entre as crianças de elite, a promoção da vestimenta da criança imitando o adulto se dava mais cedo que entre as crianças de classes menos favorecidas economicamente. As fotografias das crianças de elite mostraram que muitas meninas, ainda na fase de vestirem o “camisolo”, já se apresentavam de vestidos como se fossem pequenas mulheres. O relato de Flávio também indica que o desejo dele de vestir calças compridas foi alcançado logo. Tudo indica que o fato dele estar com “roupa de adulto” garantia uma condição superior em relação aos outros meninos que ainda vestiam calças curtas. Ser promovido à condição de adulto era algo desejado pelas crianças, pelo menos no que se refere à forma de vestir. Isso significa que o adulto gozava de direitos e de uma posição que a criança não possuía.

A percepção do tempo de criança apresentava contradições. Concomitante à percepção da necessidade de preparação para a vida adulta, de cumprir etapas, conforme os novos conhecimentos da Psicologia havia também uma intencionalidade de se fazer isso de forma rápida; quanto mais rápida, melhor. A prodigialidade era exaltada, às vezes, de forma contida, como a mãe de Ernani que se disse admirada quando percebeu que ele lia interessado, com fluência e “compreendendo”, aos seis anos de idade. Alguns anos antes, a avó de Ernani mostrou-se preocupada com o fato do filho Anísio estar interessado em estudar Gramática aos sete anos de idade, pois, de acordo com os conhecimentos dela, poderia cansar a memória muito cedo.

Na maioria das vezes, a rapidez em aprender começava a ser cobrada da criança cedo, desde os primeiros passos. Aprender, garantia às crianças ganhos em autonomia; a cada passo dado diminuía mais as distâncias rumo ao mundo adulto. Entrar em contato com as manifestações

da cultura de que a criança fazia parte era fundamental na sua educação. Brincar, ouvir música, aprender a tocar instrumentos, ouvir histórias, praticar uma religião eram ações que aproximavam a criança dos costumes da sua comunidade e, de certa forma, essas práticas funcionavam como aprendizados das regras dos comportamentos desejados. Por meio das histórias de assombração, por exemplo, conseguia-se um controle do comportamento ao instituir o medo na criança. Aquelas crianças que conseguiam superar seus medos provavam que eram fortes e que estavam “crescidas” suficientemente para ganharem mais autonomia.

Todos esses aprendizados fizeram-se importantes na preparação da criança para a vida adulta, mas, sem sombra de dúvidas, o aprendizado mais valorizado numa cidade que tinha “foros de culta e de civilizada” era a compreensão dos códigos que compunham o mundo da cultura escrita. A existência de bibliotecas na cidade, da tipografia, de muitas escolas, da impressão e circulação de vários jornais e da circulação de livros possibilitava e estimulava as gerações mais novas a quererem se inserir nesse mundo. Temos exemplos de crianças com quatro anos que já “andava às voltas com a carta de a,b,c”. As condições das crianças de elite em Caetité eram as mais propícias possíveis para que elas aprendessem a ler e a escrever. Elas tinham acesso a muitos livros infantis, títulos de histórias para crianças que circulavam no país e na Europa. Nesse item, verificamos mais uma vez que havia um processo de distinção geracional em ação, inclusive, as próprias propagandas do jornal *A Penna* listavam de forma específica os livros de crianças e os livros de adultos. Se havia diferença entre os livros destinados à criança e os livros destinados aos adultos era porque se reconheciam as especificidades próprias a cada geração. Sobre os livros infantis falava-se das gravuras, da qualidade do texto e do enredo que atraíam e empolgavam as crianças.

A escrita era prática constante do cotidiano das crianças, elas observavam todos os seus membros escreverem, com funções diversas, mas o que elas mais participavam era da atividade de escrita das cartas, cartões postais, cartões de visitas. Foi por meio dessas correspondências que pudemos adentrar nesse universo privado da família e analisar suas práticas, as relações entre crianças e adultos e demais aspectos muito particulares das suas vidas. Verificamos que também na escrita, na forma de elaboração do texto, havia uma diferenciação quando a mensagem era direcionada à criança ou ao adulto. A linguagem do texto para as crianças era elaborada de forma mais afetuosa, utilizava muito o diminutivo e tratava de assuntos do interesse infantil, como os animais de estimação, as brincadeiras, etc. As crianças eram sujeitos ativos na prática da troca de correspondências e, quando excluídas,

elas reclamavam e exigiam participarem, ora enviando, ora recebendo mensagens. Nesse ponto, a criança procurava imitar o adulto, tanto é que elas possuíam cartões de visitas com o nome timbrado quando estavam bem pequenas ainda. Isso não significa que as crianças não se encontravam numa condição subordinada ao adulto, porque a imitação da vida adulta ia apenas até onde era permitido. A disciplina, a obediência, o cumprimento de regras foram pontos importantes cultivados na educação dessas crianças.

Essas famílias produziram crianças ordeiras, cuidadosas, estudiosas, religiosas, prodigiosas... modelos dos adultos que queriam para o futuro. As que saíam dos padrões estabelecidos eram discriminadas, penalizadas, corrigidas e postas nos seus lugares. Infelizmente, nossa pesquisa encontrou limites quanto à disponibilidade de fontes referentes a essas crianças que fugiam do padrão desejado. A relação da criança com o trabalho, por exemplo, não pôde ser aprofundada, fica, assim, a lacuna para novas pesquisas. Gostaríamos também de ter chegado mais perto das crianças excluídas, como a criança pobre, a criança negra, a criança trabalhadora... Poderemos avançar ainda, em futuras investigações, na análise das práticas educativas em outras instituições, como as escolas, os espaços públicos das cidades, como também propor um estudo comparativo na confluência entre várias instituições, como a família e cidade, família e escola, escola e cidade.

FONTES, REFERÊNCIAS, SITES CONSULTADOS

FONTES

1 MANUSCRITAS:

1.1 Arquivo Público Municipal de Caetité:

Cartas

Fundo: Casa Anísio Teixeira. Grupo: Edivaldo. Série: Correspondências. Data-limite: 1922-1937. Notação: Caixa 01. Maço: 01.

Fundo: Casa Anísio Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeira. Série: Correspondências Enviadas. Data-limite: 1905-1952. Notação: Caixa 01. Maço 01.

Fundo: Acervo Casa Anísio Teixeira. Grupo: Correspondências de Mulheres da família Teixeira. Série: Mulheres diversas. Data-limite: 1901-1978. Notação: Cx: 01. Maço: 01.

Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeira. Série: Correspondências pessoais. Data-limite: 1901-1953. Notação: Caixa 01. Maços 01, 02, 03 e 04.

Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeira. Série: Correspondências pessoais. Data-limite: 1903-1952. Notação: Caixa 02. Maço 01, 02, 03 e 04.

Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Rogaciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Data-limite: 1908-1928. Notação: Caixa 01. Maço 02.

Cartões de visitas

Fundo: Acervo Casa Anísio Teixeira. Grupo: Documentos pessoais. Série: Cartões diversos. Resumo Sinóptico: Cartões pessoais. Notação: Cx: 01. Maço: 10.

Fundo: Acervo Casa Anísio Teixeira. Grupo: Documentos Pessoais. Série : Cartões Diversos. Resumo Sinóptico: Cartões Diversos: Celsina, Deocleciano, Juca. Notação: Cx: 01. Maço: 11.

Cartão-postal

Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: Iconografia, caixa 02, maço 05.

Livros

Livro de Atas: Grupo: Câmara Municipal. Grupo: Secretaria da Câmara. Série: Registro de Posturas. Cx: 04. Maço: 04.

1.2 Arquivo da Associação das Senhoras de Caridade de Caetité:**Livros de atas e de contas:**

Livro de Atas de 1919 a 1940.

Livro de Contas 1927, p. 25.

1.3 Arquivo da Diocese de Caetité:**Livro de batismo:**

Livro de Batismo da Paróquia de Caetité. 1923-1924. Registro Nº 655, p.94.

2 IMPRESSAS**2.1. Arquivo Público Municipal de Caetité:****Jornal**

Jornal *A Penna*. Caetité: Typographia Gumes e Filhos, 1911-1930. Edições microfilmadas.

Livro

CONDESSA DE GENCÉ. *Tratado de civilidade e etiqueta*. 5. ed. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & Cia. S.d.

Cartões de nascimento

Fundo: Acervo Casa Anísio Teixeira. Grupo: Documentos pessoais. Série : Cartões diversos. Resumo Sinoptico: Cartões de nascimento. Notação: Cx: 01. Maço: 13.

2.2. Arquivo Particular de Belma Gumes Fagundes:**Jornal**

Jornal infantil *O Bem-te-vi*. Caetité: Typographia Gumes e Filhos, 15/10/1927. Nº 01. Anno I.

3. Memórias impressas:

NEVES, Flávio. *Rescaldo de saudades*. Belo Horizonte: Academia Mineira de Letras, 1986.

SILVA. Áurea Costa. *Luz entre os roseirais*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1992.

3 ICONOGRÁFICAS

3.1. Arquivo Público Municipal de Caetité:

Fotografias

Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: Álbum de fotografias. Data-limite: 1866-1917. Resumo Sinóptico: Catálogo 1-30. Notação: Caixa 01.

Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: Álbum de fotografias. Data-limite: 1845-1912. Resumo Sinóptico: Catálogo 31-96. Notação: Caixa 02.

Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: Álbum de fotografias. Data-limite: 1899-1916. Resumo Sinóptico: Catálogo 100-110. Notação: Caixa 04.

Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: Iconografia. Data-limite: 1874-1955. Resumo Sinóptico: Fotografias pessoas. Notação: Caixa 02. Maço 04.

Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: Fotografia. Data-limite: 1911-1963. Resumo Sinóptico: Catálogo 117-292. Notação: Caixa 02. Maço 02.

4 ELETRÔNICAS

IBGE. Relatório de 1902 da Diretoria Geral de Estatística. Rio de Janeiro, 1902. Disponível no site: <<http://biblioteca.ibge.gov.br>>.

IBGE. Dados da Divisão Administrativa em 1911, Diretoria do Serviço de Estatística, p. 27. Disponível no site: <<http://biblioteca.ibge.gov.br>>.

IBGE: Diretoria Geral de Estatística. Sexo, raça e estado civil, nacionalidade, filiação, culto e analfabetismo. Censo de 1890. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br>>.

IBGE. Synopse do recenseamento de 1900. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br>>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Marta; MARTINEZ, Alessandra Frota. Olhares sobre a criança no Brasil: perspectivas históricas. In: RIZZINI, Irene. *Olhares sobre a criança no Brasil: século XIX e XX* (org.). Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária/CESPI/USU: AMAIS Livraria e Editora, 1997.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- AZZI, Riolando. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964). In: MARCÍLIO, Maria Luzia (org.). *Família, mulher, sexualidade e igreja na História do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- BARRETO, Maria Renilda Nery. Assistência ao nascimento na Bahia oitocentista. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.-dez. 2008, p.901-925.
- BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.). *Destino das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPE, 2002.
- BAUDRILLARD, Jean. Modernité. *Encyclopedia Universalis*. Paris: Editeur à Paris, 1989, tome 15. Trad. Édil Guedes.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BETELLA, Gabriela Kvacek. “Os quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse” e suas biografias vicárias: Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos na escrita de perfis. *Estudos Avançados*. 21 (60). São Paulo: ieaUSP, mai-ago/2007.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. *História e fotografia*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília, 1990.
- BURGUIÈRE, André. Alimentação. In: BURGUIÈRE, André (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.
- BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *História social da infância no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*. São Paulo: Global, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHARTIER, Anne-Marie. *Práticas de leitura e escrita: história e atualidade*. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa : Difel, 2002.

CHAUSSINAND-NOGARET, Guy. Elites. In: BURGUIÈRE, André (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.

CHAVES DE MELLO, Maria Tereza. A modernidade republicana. *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF. n. 26, v. XIII. Niterói: UFF, jan./ 2009.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

CUNHA, Maria Teresa Santos. “Por hoje é só...”: cartas entre amigas. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.). *Destino das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPE, 2002.

_____. História, educação e civilidades: a correspondência como um saber escolar na Escola Normal entre as décadas de 1930 a 1960. *Educação*. Revista do Centro de Educação. n. 02, v.30. Santa Maria: UFSM, 2005.

_____. Civilidade em textos: estudo sobre um jornal manuscrito infantil (1945-1952). *VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Infância, juventude e relações de gênero na História da Educação*, Anais, São Luís: UFMA, 2010.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* . Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Danièle. Maneiras de escever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.). *Destino das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPE, 2002.

DEL PRIORE, Mary (org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. (org.) *História das crianças no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1999.

DURKHEIM, Èmile. *Educação e Sociologia*. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. v.2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. São Paulo: Anhambi, 1961.

FERNANDES, Rogério; LOPES, Alberto; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (orgs.). *Para a compreensão histórica da infância*. Porto, Portugal: Campo das Letras, 2006.

FONSECA, Thais Nívea de Lima e. História da educação e história cultural. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *História social da infância no Brasil*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

FREITAS, Marcos Cezar de; KULHMANN JR., Moysés (orgs.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, [1959] 2004.

_____. *Casa grande e senzala*. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Amansando meninos: uma leitura do cotidiano da escola a partir da obra de José Lins do Rêgo (1890-1920)*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1998.

_____. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GÉLIS, Jacques. A individualização da criança. In: ARIÉS, Philippe e DUBY, Georges (orgs.). *História da vida privada: da renascença ao século das luzes*. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GONDRA, José Gonçalves (org.). *História, infância e escolarização*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

_____. Modificar com brandura e prevenir com cautela: racionalidade médica e higienização da infância. In: FREITAS, Marcos Cezar de; KULHMANN JR., Moysés (orgs.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.

GONDRA, José; GARCIA, Inára. A arte de endurecer “miolos moles e cérebros brandos”: a racionalidade médico-higiênica e a construção social da infância. *Revista Brasileira de Educação*, n. 26, 69-84, mai/ago, 2004.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. A escolarização da ‘meninice’ nas Minas oitocentistas: a individualização do aluno. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. *O mundo da criança: a construção do infantil na literatura brasileira*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004a.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Tempo de aprender: a produção histórica da idade escolar. *Revista Brasileira de História da Educação*. n° 8 jul./dez. 2004b.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de; PAIXÃO, Cândida Gomide. Uma nova família para uma nova escola: a propaganda na produção de sensibilidades em relação à infância (1930-40). In: XAVIER, Maria do Carmo. *Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.

HANSEN, Patrícia Santos. *Brasil, um país novo: literatura cívico-patriótica e a construção de um ideal da infância brasileira na Primeira República*. São Paulo: USP, tese de doutorado, 2007.

HEINZ, Flávio M. *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. O diálogo convergente: políticos e historiadores no início da República. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KUHLMANN JR., Moysés. Educando a infância brasileira. In: LOPES, Eliane Marta; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. A circulação das idéias sobre a educação das crianças: Brasil, início do século XX. In: FREITAS, M. C. de; KUHLMANN JR., M. (orgs.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LEME, Mônica Neves. *E "saíram à luz" as novas canções de polcas, modinhas, lundus, etc.: música popular e impressão musical no Rio de Janeiro (1820-1920)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, 2006.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Personagens em busca de um autor. In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira *et al.* (orgs.). *História da cultura escrita: séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MAGALDI, Ana Maria; SCHUELER, Alessandra. Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa. *Revista Tempo*, n. 26. Niterói: UFF. Jan. 2009.

MARCÍLIO, Maria Luzia. *História Social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARCÍLIO, Maria Luzia (org.). *Família, mulher, sexualidade e igreja na História do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada*. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. v. 4. São Paulo: companhia das Letras, 2009.

MARQUES, Rita de Cássia. A maternidade Hilda Brandão de Belo Horizonte: medicina e caridade. *Gênero*. Niterói, v. 6, n. 1, 2. sem. 2005, p. 157-172.

MELO, Veríssimo de. *Folclore infantil: acalantos, parlendas, adivinhas, jogos populares, cantigas de roda*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

MONARCHA, Carlos. Arquitetura escolar republicana: a escola normal da praça e a construção de uma imagem de criança. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *História social da infância no Brasil*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MONCORVO FILHO, Carlos Arthur. *Histórico da proteção à infância no Brasil (1500-1920)*. Rio de Janeiro: Paulo Pongetti, 1926.

MOREL, Marie-France. Criança. In: BURGUIÈRE, André (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1974.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. O Convento do Desterro da Bahia. Salvador: Indústria e comércio, 1973.

_____. Patriarcado e religião: as enclausuradas clarissas do Convento do Desterro da Bahia (1677-1890). Bahia: Conselho Estadual de Cultura, 1994.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A imprensa periódica como uma prática educativa no século XIX. *Caderno de Pesquisa Fundação Carlos Chagas*, nº104, jul/out. 1998.

PARTO, PARTEIRAS E MATERNIDADE. Dossiê. *Gênero*, Florianópolis, v.6, n.1, 2005.

PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada*. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. v. 4. São Paulo: companhia das Letras, 2009.

PERROT, Michelle. Funções da família. In: PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada*. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. v. 4. São Paulo: companhia das Letras, 2009.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. *Fios da vida: tráfico interprovincial e alforrias. Escravos e ex-escravos nos sertões de sima*. Rio de contas e Caetitê-BA (1860-1920). Tese (Doutorado em História Social), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

RAGO, Elisabeth Juliska. Higiene, feminismo e moral sexual. *Gênero*. Niterói, v. 6, n. 1, 2. sem. 2005, p. 105-116.

RANUM, Orest. Os refúgios da intimidade. In: CHARTIER, Roger (org.) *História da vida privada*. Da Renascença ao Século das Luzes. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. Livros e leitura na escola brasileira do século XX. In: STEPAHNOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*: volume 3. 2º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

REIS, Joseni Pereira Meira. *Instâncias formativas, modos e condições de participação nas culturas do escrito*: o caso de João Gumes (Caetité-BA, 1900-1930). Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

RIBEIRO, Marcos Profeta. *Mulheres e poder no Alto Sertão da Bahia*: a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1901 a 1927). Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

RIZZINI, Irene. *Olhares sobre a criança no Brasil*: século XIX e XX (org.). Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária/CESPI/USU: AMAIS Livraria e Editora, 1997.

RIZZINI, Irma. *Assistência à infância no Brasil*: uma análise de sua construção. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1993.

SAMPAIO, Teodoro. O rio São Francisco e a Chapada Diamantina. Organização José C. Barreto de Santana. S.P: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS, Helena Lima. *Caetité*: “Pequenina e Ilustre”. Salvador: Gráfica N.S. de Lorêto, 1997.

SARMENTO, Manuel; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (orgs.). *Estudos da infância*: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SCHULLER, Alessandra F. Martinez de. Crianças e escolas na passagem do Império para a República. *Revista Brasileira de História*. n.37, v. 19. São Paulo: ANPUH. Set. 1999.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____ (org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998a.

SILVA, W. . *Por uma História sócio-cultural do abandono e da delinquência de menores em Belo Horizonte- 1921-1941*. São Paulo: USP, tese de doutorado, 2007.

SOUZA, Rosa Fátima de. Tempos de infância, tempos de escola: a ordenação do tempo escolar no ensino público paulista (1892-1933). *Educação e Pesquisa*. v.25 n.2 São Paulo, jul./dez. 1999.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil 1817-1820*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981. 3v.

STEPHANOU, Maria. Discursos médicos e a educação sanitária na escola brasileira. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

STEPHANOU, M. e BASTOS, M. H.C. Infância, Higiene e Educação. Reunião anual da ANPEd, 28, *Anais da XXVIII Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisadores em História da Educação*. Caxambu, 2005.

TAMBARA, Elomar. Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil in **Histórias da Educação**, Pelotas, v. 6 n. 11. 2002.

VEIGA, Cynthia Greive. *Cidadania e educação na trama da cidade: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX*. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP, 2004.

_____. Projetos urbanos e projetos escolares: aproximação na produção de representações de educação em fins do século XIX. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 26, dez. 1997.

_____. A escolarização como projeto de civilização. *Revista Brasileira de Educação*, nº 21, set./dez., 2002.

_____. Infância e modernidade: ações, saberes e sujeitos. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (Org.). *A infância e sua educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. *História da Educação*. São Paulo: Ática, 2007.

VEIGA, Cynthia Greive; FARIA FILHO, Luciano Mendes. *Infância no sótão*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VEIGA, Cynthia Greive; FARIA FILHO, Luciano Mendes. Belo Horizonte: a escola e os processos educativos no movimento da cidade. *Varia História*, Belo Horizonte, nº 18, set. 1997.

VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VEIGA, Cynthia Greive; GOUVEA, Maria Cristina Soares. Comemorar a infância, celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas. *Educação e Pesquisa*. v. 26 n. 1, São Paulo, jan./jun. 2000.

SITES CONSULTADOS

<<http://www.sbhe.org.br/novo/rbhe/RBHE.pdf>>.

<<http://www.ici.ufba.br/twiki/bin/view/FAT/WebHome>>.

<<http://www.anped.org.br/rbe/rbe/rbe.htm>>.

<<http://www.bu.ufmg.br>>.

<<http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>>.

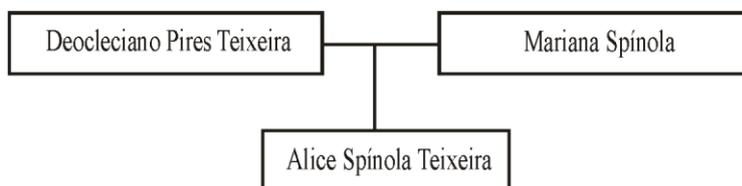
<<http://scholar.google.com.br>>.

<<http://www.scielo.org>>.

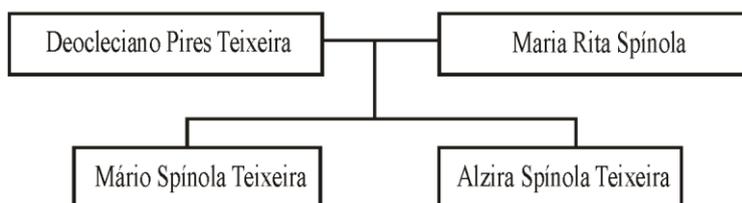
ANEXOS

GENEALOGIA DA FAMÍLIA TEIXEIRA

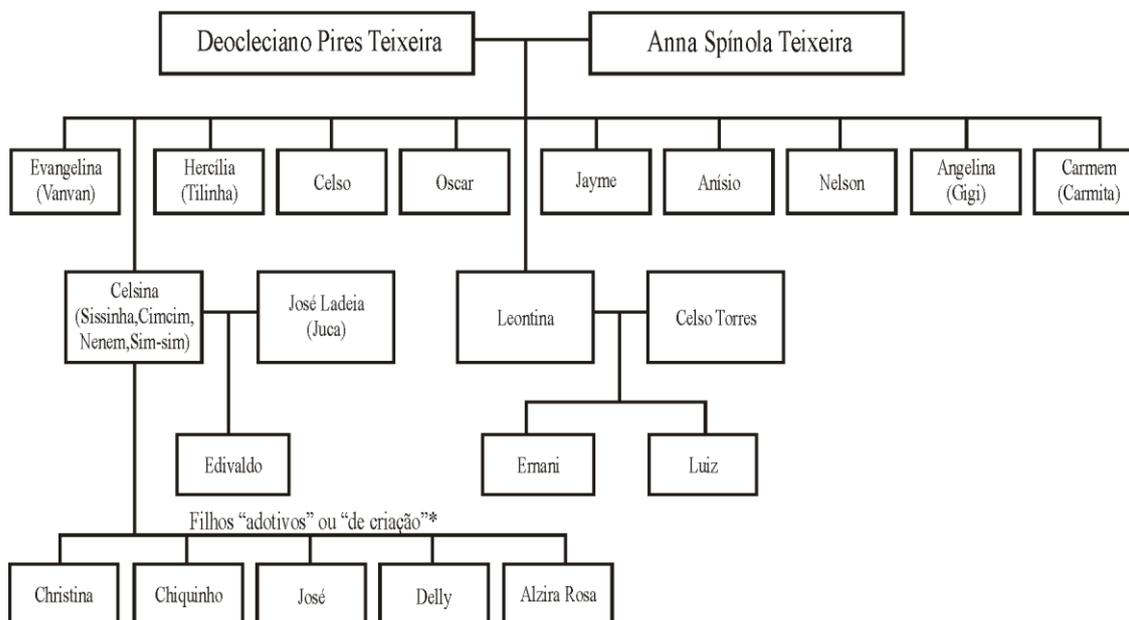
1º Casamento do Sr. Deocleciano Pires Teixeira



2º Casamento do Sr. Deocleciano Pires Teixeira



3º Casamento do Sr. Deocleciano Pires Teixeira



* Celsina Teixeira teve apenas um filho do seu casamento com José Ladeia, mas durante o período estudado recebeu para si a responsabilidade de criar algumas crianças.

Organograma elaborado pela autora. Fonte: Dados retirados das correspondências; RIBEIRO (2009).